

REVISTA DA SEMANA



21-7-42
Nº 29

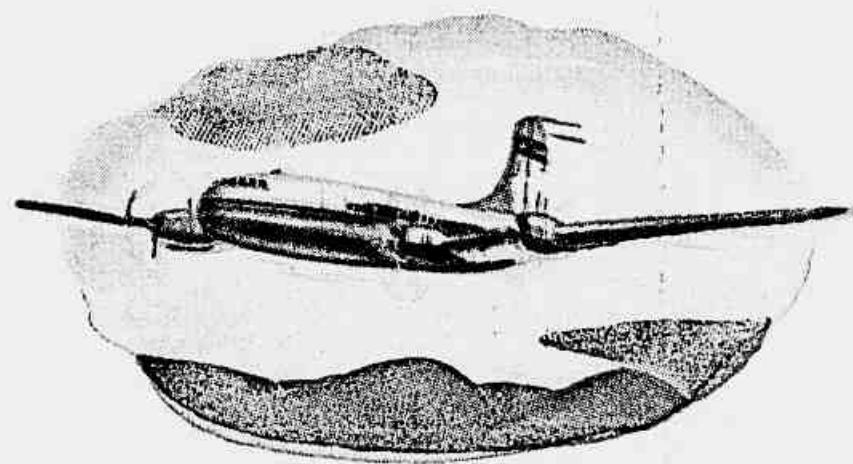
CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

-ESPECIFIQUE CLIPPER EXPRESS*



* "Clipper Express" significa serviço rápido de encomendas aéreas, pelos Clippers da Pan American.

Através das Américas... cargas essenciais à guerra... desde medicamentos até motores aeronáuticos... voam pela Pan American



ENCOMENDAS internacionais com prioridade estão sendo transportadas hoje pelo "Clipper Express" mas, ao mesmo tempo, também são despachados numerosos objetos de uso civil.

Se as suas encomendas internacionais exigem transporte rápido, comunique-se com os agentes locais da Pan American World Airways, que terão todo o prazer em demonstrar-lhe como as tarifas e os horários do "Clipper Express" lhe poupam tempo e dinheiro.

 Ouça **AQUARELAS DO BRASIL** às 6as. feiras, das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros.) Um programa oferecido pela Pan American World Airways e dirigido por Almirante.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers

Foi um
traduziu o
ocorrência
veu não s
o certo é
a vida de
somente p
chegado c
atraso de
minutos,
desaparece
sentimento
do afunda
rinha de
imprecisas

roso aconte
sil se prepa
para recebe
Pouco depo
giar-se em
marino naz
vegando, se
que. Já foi
deria estar
um lugar se
algumas au
tes da noss
ter sido o si
cia do derr
do Atlântico
os que ante
nossos patri
nesse caso,



Foi um jornalista estrangeiro que melhor traduziu o significado mais doloroso da triste ocorrência do cruzador "Bahia", quando escreveu não ser fácil de explicar a razão; porém, o certo é que as vítimas da guerra, perdendo a vida depois de terminadas as hostilidades, somente porque a ordem de cessar fogo tenha chegado com atraso ao campo da batalha, atraso de algumas horas ou mesmo de alguns minutos, causam mais pena do que os que desaparecem na plenitude da campanha. Um sentimento de pesar análogo causou a notícia do afundamento do cruzador "Bahia", da Marinha de Guerra Brasileira. Até agora são imprecisas as notícias sobre a causa do dolo-

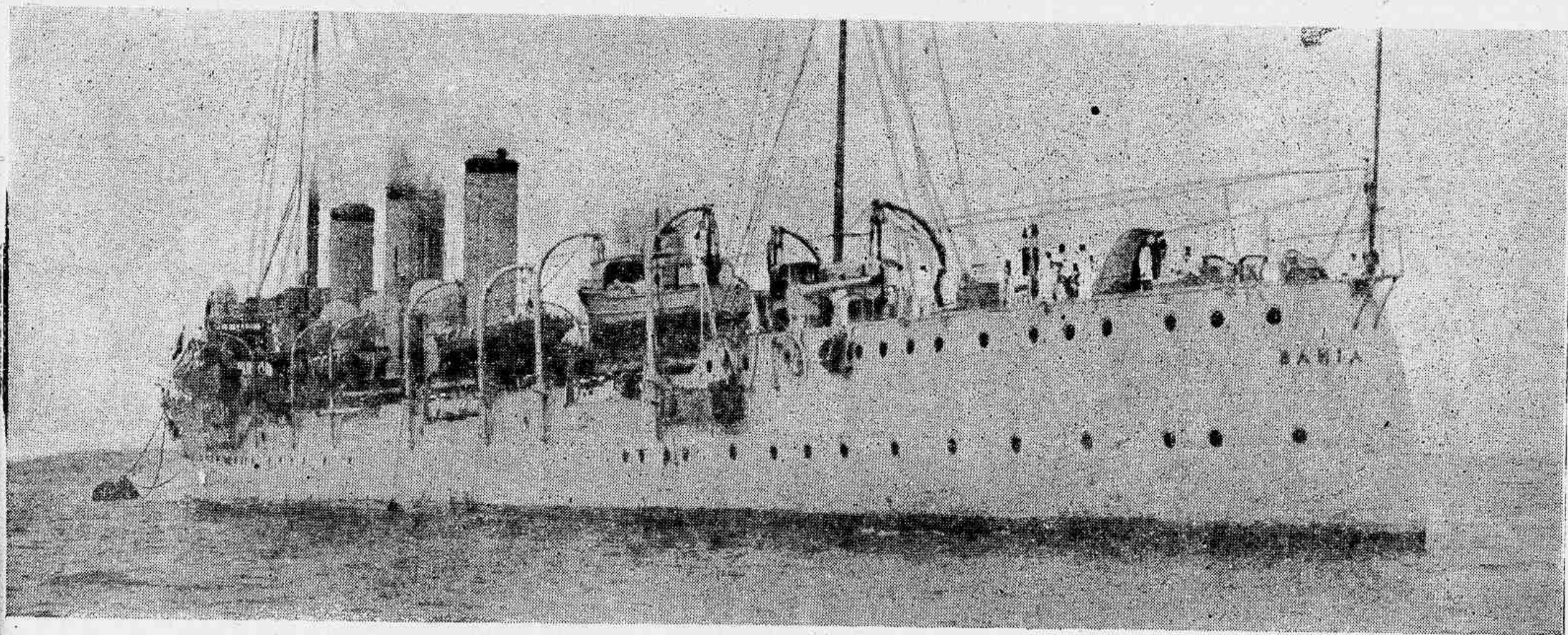
A CATASTROFE DO CRUZADOR "BAHIA".

o afundamento ocorrido em consequência desse ataque, ou porque o barco se chocasse com alguma mina que flutuava à deriva, o certo é que o Brasil cobriu-se de luto uma vez mais, com o desaparecimento de tantos patriotas, da tripulação daquele cruzador. Foi imenso o pesar que despertou no país e no

Em meio às festas que se realizaram neste fim de semana, por motivo do regresso do primeiro escalão de expedicionários, notava-se ainda a recordação pungente desse infausto acontecimento.

Deu-se o sinistro na altura dos rochedos de São Pedro e São Paulo, e só dias passados, naquelas imediações, um navio inglês recolheu os tripulantes sobreviventes da primeira balsa encontrada. Depois outras embarcações de emergência, semelhantes, foram apanhadas, e a notícia espalhava-se por todo o mundo, comovendo os corações mais empedernidos.

Nem tudo está ainda esclarecido sobre o naufrágio do "Bahia", e quem sabe se real-



roso acontecimento, verificado quando o Brasil se preparava, aqui na capital da República, para receber os heróicos soldados da F. E. B. Pouco depois de verificado o sinistro, ia refugiar-se em águas de um país vizinho um submarino nazista que até agora continuava navegando, sem saber por onde nem fazendo o que. Já foi noticiado que esse submarino poderia estar transportando Adolf Hitler para um lugar seguro, e muitas opiniões, inclusive algumas autorizadas, de ilustres representantes da nossa Marinha, admitem a hipótese de ter sido o sinistro do "Bahia" uma consequência do derradeiro torpedeamento em águas do Atlântico. Torpedeamento covarde como os que anteriormente tiraram a vida a outros nossos patriotas, e que só poderia ter partido, nesse caso, do submarino em questão. Tenha

estrangeiro essa ocorrência, dadas as trágicas circunstâncias em que se verificou, enlutando a gloriosa Marinha de Guerra Brasileira, cujos serviços foram de tão alta valia no transcurso da guerra. Marujos recolhidos e salvos relataram cenas impressionantes ocorridas com os companheiros, devorados pelos tubarões que rondavam suas balsas. Diversos naufrágos vieram a enlouquecer em consequência dos ferimentos recebidos e das emergências em que se viram envolvidos. A balsa onde vários desses sobreviventes se encontravam foi perseguida dias e noites consecutivas por enxames de tubarões que, constantemente, se aproximavam da frágil embarcação, ameaçadoramente. Segundo os mesmos naufrágos, nas balsas em questão não havia alimento nem água potável.

mente ele se verificou ainda com a cumplicidade direta dos remanescentes nazistas que procuram salvar-se a todo transe! Mas algum dia essa tragédia será devidamente esclarecida.

★

A REVISTA DA SEMANA associa-se ao luto que cobriu a família dos mortos nessa catástrofe e, nesta derradeira homenagem prestada aos bravos mortos, lhes apresenta condolências

★

Ao centro, o cruzador "Bahia". Nas demais gravuras, alguns dos heróicos tripulantes do barco sinistrado, brasileiros que mesmo depois do dia D expuseram a vida pela causa nobre em que se empenharam as Nações Unidas.





A passagem do cortejo pela avenida Rio Branco, enorme massa popular aplaudiu entusiasticamente o herói que regressava do "front" da Itália.

A VOLTA DO CHEFE EXPEDICIONARIO

Quando o bravo soldado brasileiro passava de automóvel entre as alas de povo que o ovacionava, o fotógrafo colheu três expressões de seu sorriso.

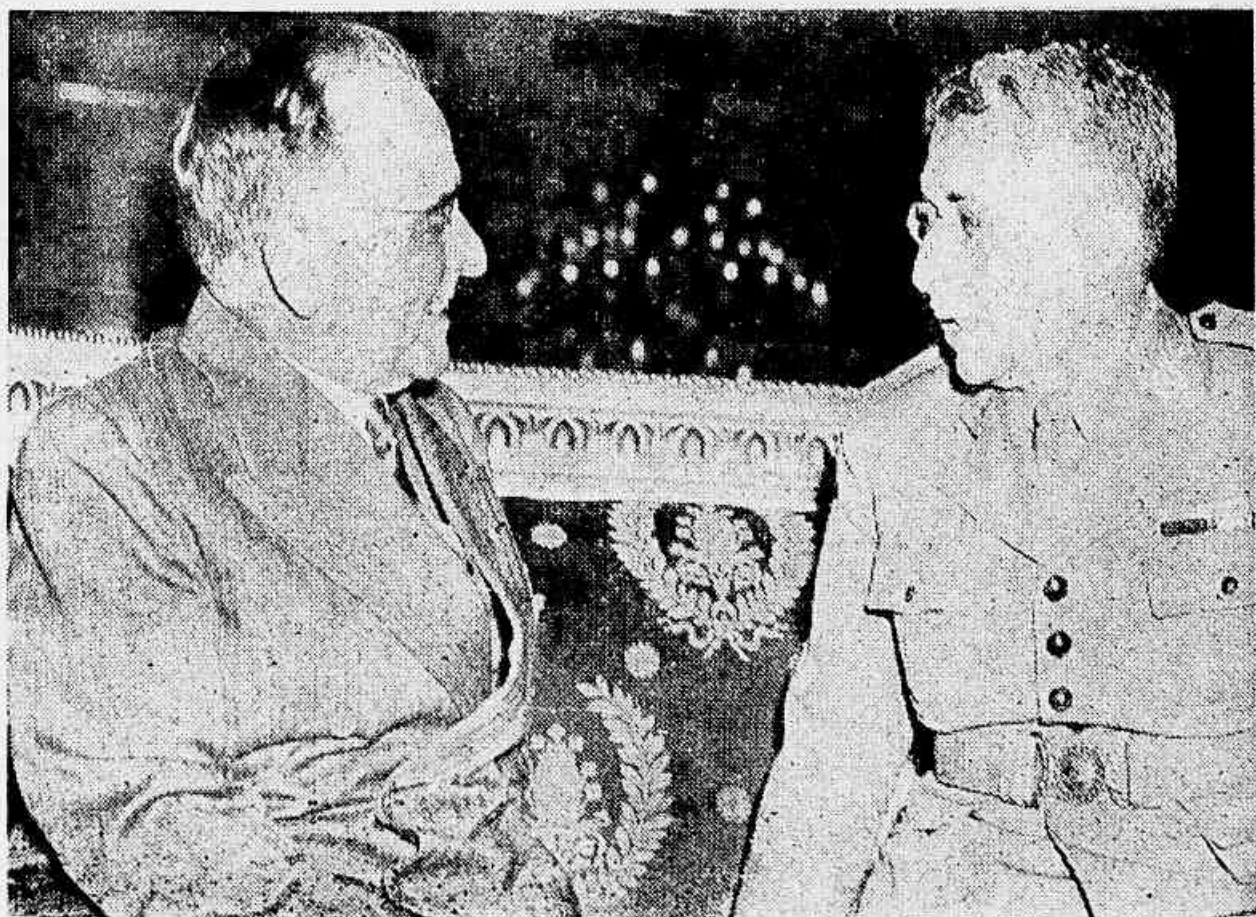




Para aguardar a chegada do heróico comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira, que tão alto levantou o nome do Brasil nos campos de batalha da Itália, acorreu ao aeroporto Santos Dumont grande massa popular. O vitorioso cabo de guerra porém, em virtude do mau tempo reinante, foi forçado a desembarcar na base de Santa Cruz, de onde veio de automóvel para o centro da cidade. Na foto vemos-lo quando recebia as entusiásticas manifestações populares, no automóvel, entre os generais Eurico Gaspar Dutra e Canrobert Pereira da Costa.

No Palácio do Catete o vitorioso comandante de nossas fôrças expedicionárias foi recebido pelo presidente Getúlio Vargas, com quem manteve demorada palestra. Na gravura, o Chefe da Nação quando conversava com o general Mascarenhas de Moraes.

A senhora Mascarenhas de Moraes, quando da chegada do comandante das fôrças expedicionárias em casa, cumprimenta um oficial. Ao lado se encontra o glorioso comandante de F. E. B. ladeado por amigos e jornalistas que o foram entrevistar.





JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos seus frequentadores mais uma reunião, à qual, como sempre, compareceram os elementos mais representativos da nossa sociedade. As fotos que aqui reproduzimos fixam aspectos desse "meeting", num dos quais aparece o almôço ali oferecido ao ilustre almirante norte-americano Jonas Ingram.



NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 29 --- 21-7-945

REPORTAGENS

A Catástrofe do "Bahia"	3
A volta do Chefe Expedicionário	4/5
Jockey Club	6
O General Clark no Rio	9
Consagrando os Heróis	13/16
Figuras e Fatos	17
O trágico fim do chefe da Gestapo	20/21
O nú a serviço da arte (Celius Aulicus)	23/29

LITERATURA

Amanhã (Brock Williams)	19
Gente de boas maneiras (Ernest Ahlgren)	32/33
Institutos Históricos (Escragnolle Doria)	35

FEMININAS

Para os dias frios	30/31
Nos Bastidores Femininos	34
Outros Modelos	18 e 41

SECÇÕES

A Semana em Revista	8
Música e Cinema	36/37

CARICATURAS

De Bom Humor	22
--------------------	----

TEATRO

"Quando o Diabo Atiça"	10/11
------------------------------	-------

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	53/54
-------------------------------------	-------

EXTRA

Os concursos literários da REVISTA	12
--	----

NOSSA CAPA

Angela Greene, uma jovem "estrêla" da Warner, está hoje a brilhar na sobrecapa da nossa revista. Ela pertence à glória das novas, das que recentemente foram descobertas pelos "talent scouts", e por isso mesmo faz jús ao destaque desta edição. Em páginas adiante os leitores vão encontrar, entre várias e oportunas reportagens, aquela que focaliza o dia de trabalho de um "modelo vivo", profissional de pintura, uma jovem cujos predicados de beleza são postos à disposição dos artistas patricios. Também a condecoração de inúmeros "pracinhas", em terras da Itália, é um acontecimento focalizado em várias páginas da REVISTA, que inclui ainda, de par com as secções costumeiras, várias colaborações, os departamentos femininos com uma "dupla" central oferecendo às leitoras moderníssimos vestidos para os dias frios, e muita leitura variada. Também a novela "Ressurreição" tem a sua publicação reencetada, para alegria dos "fans" desse interessante trabalho de Jesy Barbosa.



Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador GESTEIRA*.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

AROMAS e SABORES PARA FINS ALIMENTICIOS

PRODUCTOS AROMATICOS BURMA LIMITADA

INDUSTRIA



BRASILEIRA



RUA JOSE VICENTE, 86 - TEL. 38-4395
— RIO DE JANEIRO —

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

A SEMANA EM REVISTA

MARTHA EGGERTH FOI PRÊSA (GRAÇAS A DEUS!)



Foi prês a semana passada, em Milão, a atriz e soprano-ligeiro Martha Eggerth, que gargarejava tão bem. Quando ela começava a dar aquelas notas de passarinho maluco, que coisa! Os americanos apresentaram-na na tela como uma novidade sensacional e uma revelação artística inigualável. E Martha Eggerth gorgoeu. Abriu o bico e encheu o mundo com os seus gargarejos estridentes, capaz de fazer um cristão enlouquecer.

Depois casou-se a atriz com o não menos célebre tenor Jean Khiepara, aquele que cantava "Ninon" em altos brados. E os dois pássaros canoros começaram a percorrer o mundo, espalhando os seus gorgoros, num desafio barulhento à campanha do silêncio.

Muito tempo passou-se sem que tivéssemos notícias de Martha e de seu marido. Arreventou a guerra e os dois começaram uma "tourné" pela Europa ocupada, sem se lembrarem mais de aparecer pela América. Acharam mais seguro com certeza, para o seu futuro de artistas ambiciosos, abraçarem-se a Hitler, aderindo

à ópera moderna da Itália, cantando "Giulio Cesar" em vez de voltar ao "écran" para esquelar música americanizada.

Nunca mais ouvimos falar de Jean e de Martha. Nunca mais ouvimos o tenor húngaro esquelar "Ninon", nem nos chegou aos ouvidos um agudo da soprano, que nos pusesse o tímpano em panderecos. Felizes eram os dois na Europa ocupada, nos pusesse o tímpano em panderecos. Felizes eram os dois na Europa ocupada, nos pusesse o tímpano em panderecos. Felizes eram os dois na Europa ocupada, nos pusesse o tímpano em panderecos.

Agora chega-nos um telegrama de Londres, informando que Martha Eggerth acaba de ser prês a em Milão e esclarecendo que a atriz usava um nome suposto. Dizem que ela colaborou com o inimigo. Não informam porém qual a forma de colaboração prestada aos alemães pela soprano. Se ela ajudou a fabricar bombas, se dirigiu automóveis nas colunas de abastecimento, está certo. Mas se ela apenas gorgoeu para o inimigo, está tudo errado. Então a atriz merecia uma medalha e não as grades da cadeia. Sim, pois neste caso ela teria colaborado com os aliados e não com os nazistas.

O JUIZ JUSTIÇADO



Há muito tempo que os campos de futebol do Rio de Janeiro não nos proporcionavam um belo espetáculo de pugilismo como o que se verificou domingo no gramado do Boa Vista F. C., onde se encontraram os quadros desta agremiação e do Clube dos Cariocas, ambos disputantes do campeonato de 3.ª categoria da F. M. F. O público brasileiro já se está mesmo acostumando a um regime esportivo de cavalheirismo, reflexo aliás da situação geral do país. Lendo os jornais, ouvindo os discursos políticos já não encontramos mais aquelas palavras pesadas que caracterizavam as pugnas eleitorais no Brasil. Aprendendo com os americanos, os brasileiros de hoje fazem a propaganda dos seus candidatos em termos amáveis e cavalheirescos, sem qualquer insulto para o adversário. E os candidatos, por sua vez, têm para o rival as mais elogiosas palavras.

Esse cavalheirismo se reflete em todos os setores da vida pública ou privada de cada cidadão brasileiro. Se entrarmos num campo de futebol, ou encontramos dois "teams" disputando com elegância uma taça, ou encontramos Luiz Carlos

Prestes falando de união nacional em palavras serenas e cavalheirescas. E os comícios políticos ou torneios esportivos transcorrem e terminam sempre dentro da maior ordem, sem que seja necessária a intervenção dos "choques" da Polícia Especial, que permanecem durante todo o tempo do lado de fora, com as metralhadoras dormindo no colo e lança-bombas desmontados dentro dos estojos.

Quebrando essa monotonia, entretanto, o noticiário esportivo de domingo registrou o fato passado no campo do Boa Vista: Jorge Gelbecke da Silva Prado, após arbitrar a partida preliminar entre os quadros juvenis do clube local e do "Cariocas", por haver faltado o juiz escalado foi obrigado a "dobrar", dirigindo também o encontro principal, cujo "placar" assinalou a vitória dos visitantes por 2x1. O árbitro, talvez em virtude do cansaço, cometeu, é verdade, ligeiras faltas. Foram elas suficientes para que os jogadores do Boa Vista e mais a torcida masculina e feminina dos locais invadissem o campo e arrancassem o juiz das mãos dos policiais que o protegiam. Só o sr. Jorge Gelbecke da Silva Prado poderá dizer agora como as coisas se passaram. Apanhou uma surra dessas de criar bicho. A ele o Boa Vista atribui sua derrota. A ele atribuímos a reabilitação do "sururu", a mais antiga instituição política e esportiva do Brasil que, visto o seu caso, continua viva e firme, para honra e glória de nosso futebol e de nosso sistema eleitoral.

A VOLTA DOS FALCÕES



Regressaram do "front" os pilotos do Primeiro Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, que se encontravam na Itália. Vieram em aparelhos modernos, nos famosos "Thunderbolts", com os quais, nos céus europeus, enfrentaram e venceram os pilotos de Hitler.

Não antecedeu à chegada dos heróis nenhuma propaganda; voltaram eles silenciosamente como se foram: sem alarde, sem música. Apenas o ronco dos motores dos caças vitoriosos anunciou que sobrevoavam o Rio os bravos da F. A. B. que haviam se batido pela integridade do patrimônio nacional e pela soberania do Brasil, muitos meridianos adiante do nosso litoral. Foram porque a Pátria os chamara; voltavam porque estava cumprida a sua gloriosa missão.

Era belo ver-se, nos céus do Rio, a evolução dos caças da F. A. B., recém-chegados da Itália, que em vôo razeiro passavam sobre a avenida Rio Branco.

O efeito ornamental dos vôos de acobracia, com o sol carioca batendo nas asas dos aparelhos, era magnífico. Tal porém, não era o espetáculo que apresentavam os esquadrões do 1.º G. Av. C. quando voando sobre Milão ou sobre Turim, metralhando em vôo razeiro as colunas de abastecimento dos alemães no norte da Itália, bombardeando pontes e estradas de ferro a pouca altura. Agora por baixo dos pilotos estava uma população orgulhosa de seus feitos; os raros foguetes que festejavam sua vitória explodiam espaçadamente. Mas na Itália era outro o espetáculo. A morte estava sempre ao lado dos nossos bravos falcões, viajando na sua nacele, fazendo-se lembrada a cada explosão de "shrapnell".

Eles estão de volta. Alguns deles. De volta e prontos para voltar, se necessário for.

Aurelio Vieira Sampaio, Luiz Lopes Dorneles, João Mauricio Campos de Medeiros, Valdir Pequeno de Melo, João Richardson Cordeiro da Silva, Oldemar Olsen Sapucaia, Roland Rimeister e Frederico Gustavo dos Santos. São esses os nomes dos pilotos da F. A. B. que não regressaram. Perderam a vida no campo de batalha das nuvens, defendendo a honra da Pátria. Glória eterna aos heróis!

AS ACUMULADAS



Qualquer cidadão brasileiro que ganhe mais de mil cruzeiros por mês está sujeito à contribuição forçada do imposto sobre a renda, que é, por isso mesmo, uma das principais fontes de renda da Nação.

Como todos os demais profissionais, os jogadores estavam sujeitos a essa imposição. Loterias, roletas, bacaraís, tudo estava arrolado pelas autoridades fiscais como "fonte de renda". Em verdade tudo é mesmo fonte de renda, e algumas dessas modalidades de tavolagem são fontes muito rendosas... para os banqueiros. Mas nem só estes estavam sujeitos ao imposto de renda sobre o que lhe desse o jogo. O homem que ganhava a sorte grande já recebia a providencial "gaita" com um desconto de oito por cento sobre o tal, relativo ao

imposto de renda. O vencedor de um "betting", simples ou duplo, contribuía sempre com os seus oito por cento também para o famoso imposto. E aqui, como em tôdas

as partes do mundo, burlava-se a "renda" como se podia, inventando-se as mais disparatadas "despesas forçadas".

Mas o imposto vinha sendo arrecadado anualmente de todos, sem distinção de classe, credo ou tendências políticas e religiosas.

Uma das mais altas rendas do imposto sobre renda saía do Jockey Club, por isto que os apostadores de qualquer páreo ou de qualquer espécie de combinações, uma vez premiados, concorriam também para o erário da Nação com a porcentagem padrão de oito por cento.

Agora, porém, a Divisão de Imposto de Renda baixou uma portaria, segundo a qual as quantias correspondentes a prêmios em dinheiro obtidos nas "acumuladas" do turf não estão sujeitas ao imposto citado. Muitos estão satisfeitos com a medida, pensando que com isso conseguirão acumular grandes somas em dinheiro. Outros pensam que de nada valeu a portaria, pois só se nota em seu bolso, depois de cada "meeting", um enorme acúmulo de papéis de acumuladas não premiadas. Outros acham que a medida de exceção foi injusta. E dizem raivosos: E' o cúmulo!

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

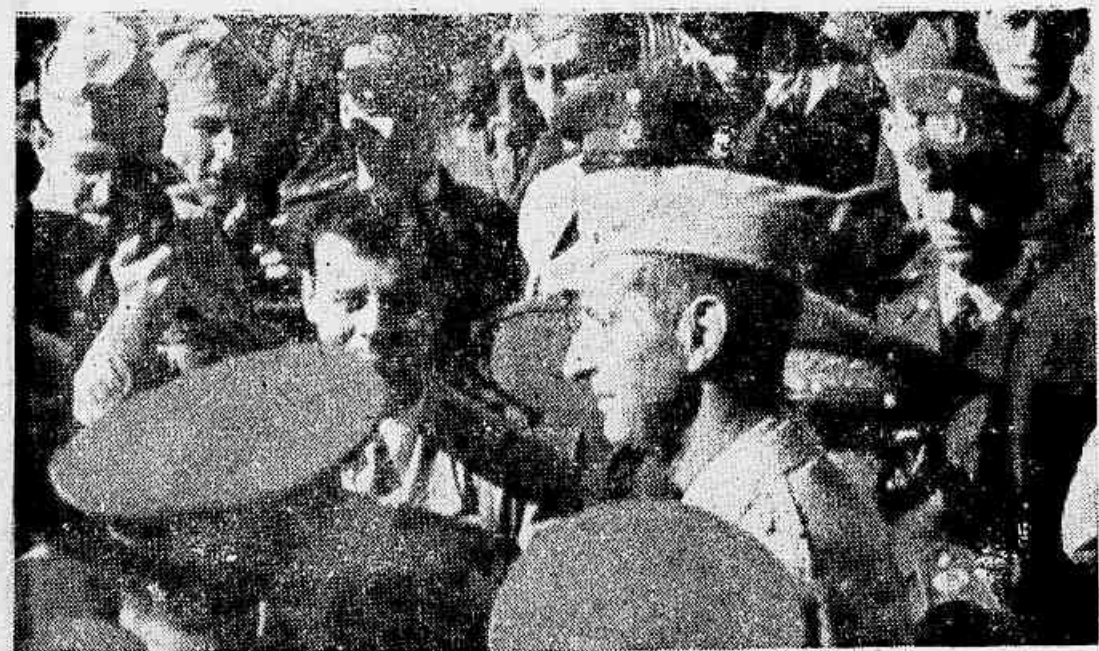
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Acompanhado pelo general Willis D. Crittenger, comandante do 4.º Corpo de Exército dos Estados Unidos, chegou segunda-feira última ao Rio o general Mark Clark, comandante do 5.º Exército Norte-Americano, ao qual estava incorporada a Força Expedicionária Brasileira na Itália. O general Clark, um dos cabos de guerra que mais se salientaram na campanha da Europa, teve na Cidade Maravilhosa uma recepção festiva, viva demonstração do entusiasmo do povo brasileiro pelos heróis da Itália. Da comitiva do comandante do 5.º Exército, cujos membros visitaram a Cidade como hóspedes oficiais do governo brasileiro, faziam parte os seguintes oficiais: major-general Donald W. Bran, tenente-coronel F. K. Eberhard, major Vernon Walters, capitão James V. Granne e John J. Luther Jr. e 1.º tenente Georges E. Hill. Da comitiva do general Crittenger fazem parte o coronel-capitão Paul J. Maddox, tenente-coronel Willis D. Crittenger Jr. e major Fred F. Case.

Da chegada do heróico general americano fixamos nesta página expressivos flagrantes.





1 O astrólogo Johansen quer submeter um espectador a uma experiência de psicanálise. Não há quem se atreva, na platéia? Os espectadores entreolham-se, desconfiados... E quando parecia que ninguém se atrevesse, surge um corajoso. Tipo do homem que julga não ter coisa alguma, em sua vida, de que se receiar. Uma vida comum e vulgar como tantas outras... E no entanto seus problemas sentimentais vão justificar todo o espetáculo. Se ele soubesse não aceitaria o convite do astrólogo. Além de tudo não acreditava que o homem adivinhasse coisa alguma do que havia passado pela sua vida, tão inocente...

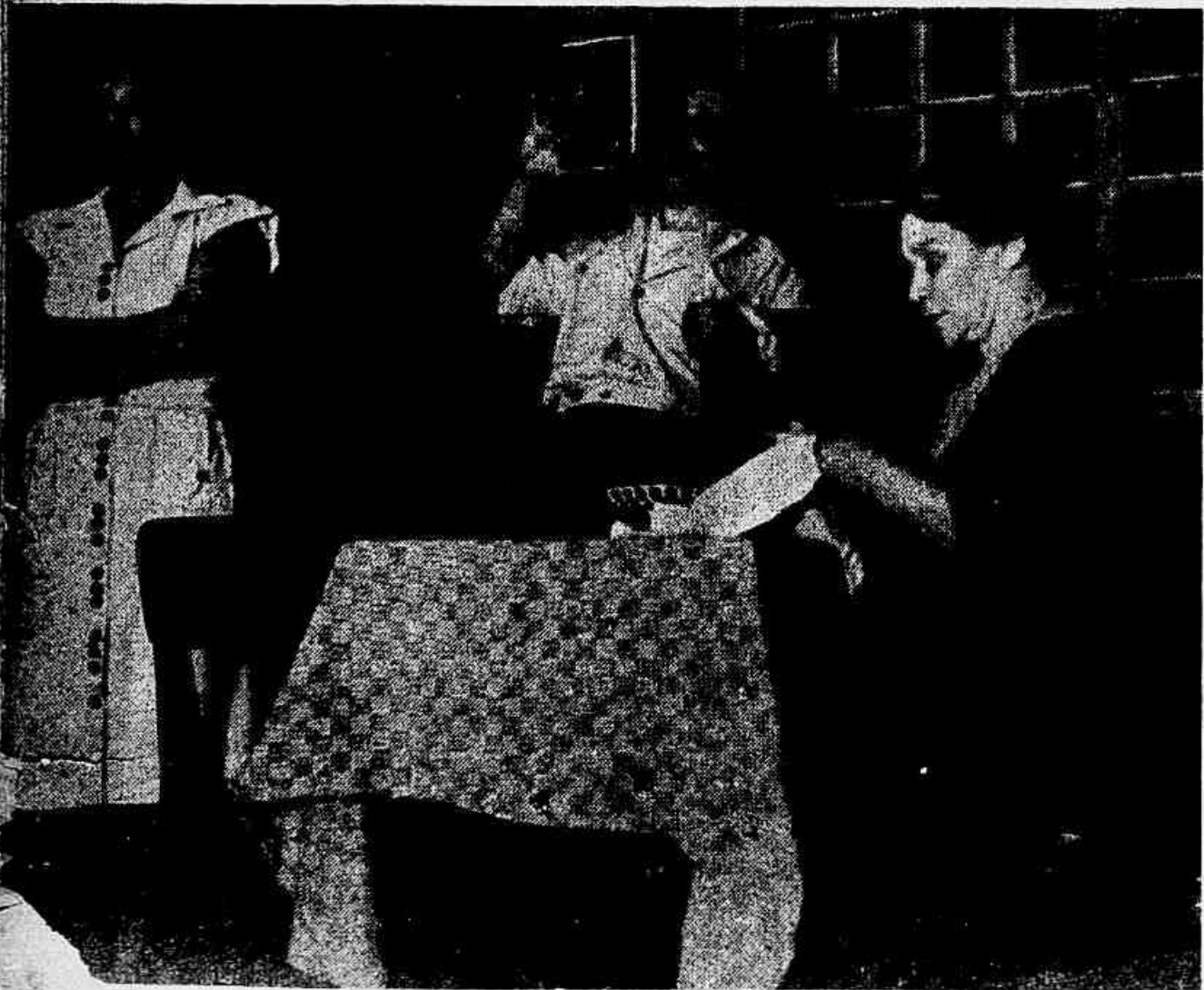


2 A história começa nessa altura. Mary está aos pés de Cristian, pedindo-lhe que repare a sua falta. Não quer que seu filho venha a nascer com o nome infamante de bastardo. Para que a desencaminhou? Por que não a deixou afastada daquela paixão desenfreada, com um fim tão desagradável? Ele hesita... O conflito está iniciado. Vai ceder, mas logo se arrependerá. Afinal, pensando bem, ele não devia ter enganado a jovem. Ele fora sempre um homem direito, incapaz de arrastar à desgraça uma filha de boa família... Que diabo! Será melhor reparar o seu ato. Ou... quem sabe o que vai advir daí, então?

QUANDO O DIABO ATIÇA...

3 E' quando intervem o Diabo. O Diabo em figura de gente, maneiroso e insinuante... O Diabo que tem lábia, atitudes largas e inflexões que não podem deixar de atuar no cérebro do rapaz. Cristian repele-o no primeiro instante, mas a verdade é que isso já não lhe será muito fácil numa segunda visita. Porque quando o diabo atiça... Quantas coisas podem acontecer! Que tom se nada daquilo acontecesse e ele pudesse continuar anônimo, entre os homens, sem maiores responsabilidades, duvidando da existência do Diabo e preocupado apenas com a sua vida rotineira, sem altos e baixos, igual à de tantos...

4 Pronto, apareceu a heroína. Junto, estão seus pais. Ele é um operário socialista, democrata, que em matéria de moral, porém, legitimamente conservador. A esposa cheira a cozinha, é vulgar e tem a preocupação de agir sempre "como se usa entre gente fina". A moça não sabe como sair daquela situação embaraçosa. Sim, ela é amiga dos pais, gosta daquele homem rústico mas de bom coração, que não lhe pode desejar nada de mau... E a mãe, a pobre mãe, apesar de tudo carinhosa e muito amiga, sempre entregue aos seus afazeres, bordando, cuidando dos arranjos de casa, mas preocupada com os outros, a gente "chic", que tem posses...





6 Repentinamente a peça entra em colapso. Na verdade, o que se paraliza é apenas a imaginação do astrólogo que vinha arquitetando toda a trama. Ele lamenta o seu desastre, quer suicidar-se, fica em desespero... E, de fato, uma emergência dolorosa essa em que se encontra o astrólogo. Mas, de súbito, o pano volta a abrir-se e aparece então mr. Trembley. Que quer ali mr. Trembley, um cientista do ano de 1800 que se notabilizou por ter conseguido virar uma hidra do avesso e mantê-la com vida nessa posição? Ninguém sabe, nem o próprio astrólogo, que continua com as suas preocupações mentais... E o drama? Como vai ser resolvido?



7 A aparição de mr. Trembley dá ao astrólogo uma idéia luminosa. Vai também virar do avesso o seu personagem, assim como o cientista fez com suas hidras! E aí está o íntimo do herói no instante em que ele deve tomar uma suprema decisão! Matará a mulher que vai ser mãe de seu filho como lhe aconselha o diabo? A conferência resolverá... Aí estão simbolicamente todas as forças que atuam no íntimo do protagonista. São, da esquerda para a direita: o Anjo da Guarda, o Homem-Macaco, Don Juan, o Diabo, o Barba Azul, o Homem Cinzento e o Professor. Agora todos conferenciam, e discutem, e cada qual defende a sua opinião!



5 Mas o herói conhece também uma outra jovem, essa deliciosa, rica, instruída, que o ama. O pai nada tem a opor ao casamento, ao contrário, vê com bons olhos essa união. E aqui está Cristian, o pobre Cristian das conquistas precipitadas, simultaneamente comprometido com duas moças... Uma das quais vai ser a mãe de seu filho, o que é muito mais sério. O diabo continua agindo... No pensamento do rapaz, quantas idéias turbulentas, contraditórias e perturbadoras! Ela, a primeira, poderá ser uma boa esposa. A outra, ama-o, que ele tem certeza... Mas — e os compromissos de ordem moral? Quem preferir? A pobre? A rica? Cruel dilema...

FOI um espetáculo de requintado senso artístico êsse que a Escola Dramática da R. S. Clube Ginástico Português levou a efeito nos primeiros dias do mês corrente, com as primeiras representações, em nosso idioma, da comédia em 3 atos "Quando o Diabo Atiça...", de Carl Henrik Soya, traduzida por Daniel Rocha, com os seguintes intérpretes: Dr. Johansen, J. Constantino; Espectador, Fernandes Maia; Cristian, Mario Maurel Barros; Mary Rasmussen, Juracy Ribeiro de Almeida; Diabo, Sergio Saavedra; Rasmussen, Pais Machado; Sra. Rasmussen, Zizinha Macedo; Diretor, Jesuino Samarão Ribeiro; Lilian, Bela Silvestre; Mr. Trembley, Fernando M. Araujo; Anjo da Guarda, Ester Coval; Homem Cinzento, Mario Souza Neves; Barba Azul, Abel Brandão; Don Juan, Mario Matos; Homem Macaco, Luiz Carvalho; Professor, Lindolfo de Souza; Morte, Jorge Agostinho. O ensaiador desse espetáculo marcante da temporada foi Eurico Silva. Diretor artístico, Daniel da Silva Rocha. Cenógrafo, Luciano Trigo. Nos palcos da Europa e da Argentina o mesmo original tem registrado extraordinário sucesso, e agora, nesta primeira divulgação em nosso idioma, também mereceu calorosos e justos aplausos da crítica e do público, nas três réctas que se realizaram no Teatro Ginástico, nos dias 9, 10 e 11 do corrente.

8 O Diabo parece ter saído vitorioso. O herói desejou realmente que a moça morresse. O elevador que a conduzia despencou-se nesse instante e logo se está na sala de operações. Aí vem ela morta! Luta o Diabo para conquistar definitivamente a sua presa, mas o que de bom ainda existe em Cristian reage. Deus é o seu último refúgio! Arrepende-se e implora ao Senhor o seu auxílio... Aí está o Anjo da Guarda para atender o seu apelo... Irá salvar-se a pobrezinha? A operação vai realizar-se agora mesmo. A tormenta de Cristian é indescritível... E afinal tudo não passou de um horrível, um monstruoso pasadelo...

A "Revista da Semana" institui um grande certame literário

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a REVISTA DA SEMANA publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como noticiámos amplamente em nosso número de aniversário, que circulou a 30 de junho último, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrícos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolonia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENREDO, ESTILO E UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remittentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora, cujos nomes serão divulgados dentro de duas semanas, participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

CONCURSO DE ROMANCES "REVISTA DA SEMANA"

Os múltiplos afazeres a que nos entregámos na elaboração deste certame, impediram que as bases para os três concursos distintos ficassem terminadas. Trata-se, como os leitores estão observando nestas páginas, de um empreendimento de máxima responsabilidade, ditado pelo mais alto objetivo, o de estimular o trabalho intelectual dos nossos patrícos. Por isso mesmo o regulamento que se prende ao Concurso de Romances só será divulgado em número posterior, de vez que ao encerrar os trabalhos desta edição estamos ultimando as demarches naquele sentido. Sem dúvida, as grandes casas editoras do País estão interessadas nesta nobre iniciativa da REVISTA DA SEMANA, cujo propósito único é o de pugnar pelas artes e as letras brasileiras.

Aguardem, portanto, esse complemento da nossa tarefa; e quanto aos romancistas patrícos, interessados neste empreendimento, podem, desde já, cuidar da elaboração de seus trabalhos, na certeza de serem os mesmos encaminhados em tempo oportuno para a comissão julgadora, que também estamos, neste momento, selecionando.



Foi uma cerimônia imponente, realizada na Itália, com a presença do general Truscott Junior, comandante do 5.º Exército, na qual se entregaram as merecidas condecorações aos soldados da Força Expedicionária Brasileira. Ali estava também o general Mascarenhas de Moraes, que, na gravura abaixo, trocava os cumprimentos iniciais com o general Truscott Junior. Os pavilhões brasileiro e norte-americano, desfraldados, davam à solenidade uma imponência ainda maior. E perfilados, ao fundo, os oficiais e os "pracinhas" aguardavam o início da cerimônia que tanto desejariam fosse assistida pelos entes queridos.

CONSAGRANDO OS HERÓIS

Na hora exata em que os rapazes da Força Expedicionária Brasileira estão regressando, cobertos de glória, e satisfeitos porque deram o melhor da mocidade à defesa da Pátria, é oportuna a divulgação que fazemos destes flagrantes fotográficos. Eles foram feitos quando, pouco antes de se iniciar o embarque da tropa, em terras da Itália, com a presença do general Mascarenhas de Moraes, o comandante do Quinto Exército, general Truscott Junior, condecorou muitos oficiais e muitos "pracinhas". Eram os soldados magníficos que levavam no braço o emblema "a cobra está fumando", os filhos de uma Pátria longínqua para os que estavam na Itália, mas ali presente na hora do perigo coletivo, os que recebiam, das mãos vencedoras de Truscott, essa justa homenagem. Altas patentes do Exército e soldados rasos confraternizaram nessa festa de honra e de esplendor, porque todos haviam oferecido o próprio sangue e cada um havia, de qualquer modo, realizado um feito excepcional. O Brasil terá, também, seus heróis da Grande Guerra, e poderá ufanar-se de não termos mentido ao nosso destino nem falhado à nossa obrigação. A morte do nazi-fascismo fez-se com o derrame do sangue brasileiro, e aquele cemitério de Pistoia, onde repousam cinco centenas de jovens patriotas, deve ser um alerta constante, uma advertência contínua, contra o perigo ainda não desaparecido de todo, da infiltração do totalitarismo no Brasil.





Dando início à cerimônia, o general Truscott Junior, comandante do 5.º Exército, usou do microfone para traduzir, uma vez mais, em palavras entusiásticas e sinceras, a valiosa contribuição dos brasileiros na intensa campanha da Itália. Foi um concurso dos mais eficientes e proveitosos, o dos rapazes da "cobra está fumando". Na gravura ao centro, o oficial "yankee" após no peito do tenente-coronel H. Castelo Branco as condecorações a que fez jus. E na da direita, é o 1.º tenente Apolo Miguel Resk que está recebendo a mesma distinção, pelos grandes feitos realizados no curso da ativa campanha na Itália.

Nos três flagrantes superiores vemos três oficiais brasileiros quando eram condecorados pelo ilustre comandante do Quinto Exército, ao qual esteve filiada a tropa brasileira. No primeiro, à esquerda, o primeiro tenente Walter de Oliveira; ao centro, o tenente Moysés Chaon, e, à direita, o 2.º tenente Cauby Eduardo Maia. Esses heróis estão sendo agora reintegrados na vida civil, regressando à Pátria com a consciência de quem cumpriu um dever. Eles vão ter um desembarque festivo, pretextado para o povo poder mais vivamente associar-se às comemorações em que se envolvem esses patriotas, a quem se deve em parte o êxito das armas aliadas.



Nem todos os distinguidos com os emblemas norte-americanos foram fotografados, e por isso, ao contrário do que seria de nossa vontade, também não podemos inserir, nestas páginas, o mesmo flagrante relativo a cada componente das nossas tropas que agora estão de volta. Mas de qualquer modo queremos divulgar esses instantâneos, onde em cada qual se vê mais um brasileiro perfilado frente ao general Truscott Junior, que o cumprimenta depois de repetir a homenagem. São homens do Norte, do Sul ou do Centro do Brasil que, deixando seus mistérios de paz, cruzaram o oceano e foram expulsar o inimigo nazista da terra italiana, que também sofreu muito.

Não houve distinção entre oficiais e soldados de "pret", na concessão das homenagens que o exército norte-americano prestou aos brasileiros. Aqui vemos, nas gravuras inferiores, simples "pracinhas" que também recebem a condecoração honrosa, o mesmo apêto de mão do general Truscott Junior, dele ouvindo as mesmas palavras de agradecimento pelo esforço que deram na causa comum. Muitos desses rapazes expuseram a vida, debaixo de fogo intenso, para dar conta de uma tarefa importante. Outros, salvaram os companheiros de emboscadas e ciladas do inimigo. Todos fizeram alguma coisa que os faz crescer na admiração e no aprêo de todos nós.





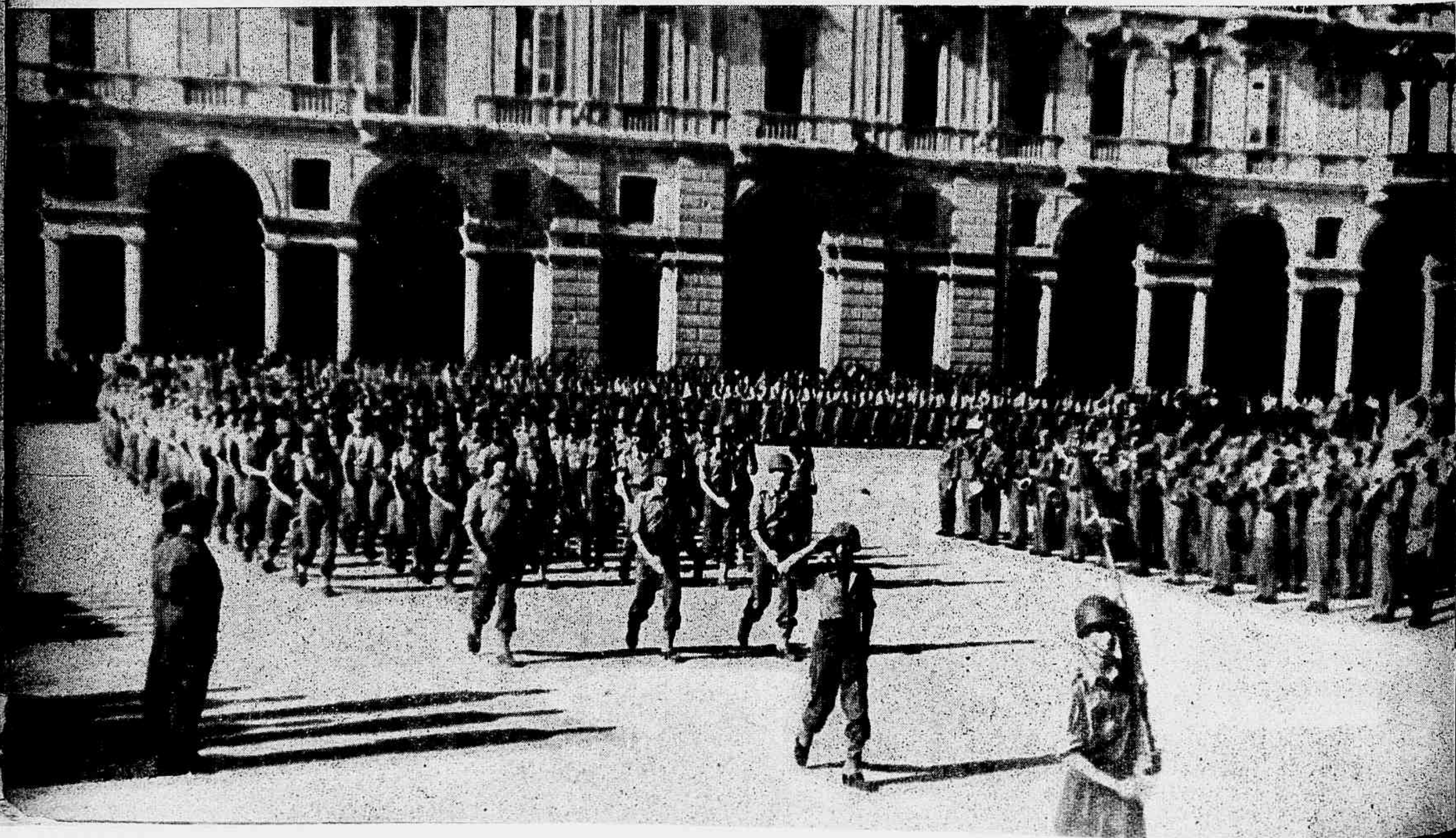
Antes de regressar ao Brasil, onde chegou na semana passada, o general Mascarenhas de Moraes tem ocasião de apertar a mão da sua tropa tão amiga e tão eficiente. Aqui o vemos saudando componentes do Grupo de Combate de 1.^a Classe, todos tendo já recebido medalha de honra, e dirigindo a cada um deles palavras de agradecimento. Esse Grupo de Combate teve, por várias vezes, participação direta e intensa nas campanhas mais tormentosas. São moços que merecem a nossa admiração.



Na gravura ao centro, um flagrante de outra expressiva solenidade. A bandeira do 6.^o Regimento de Infantaria, coberta de glória nos campos da luta, recebe também a medalha de guerra. E' um momento emocionante, porque o pavilhão brasileiro representa, ali, naquele instante, também os soldados que morreram, e traduz ainda o povo que aqui de longe acompanhou, com entusiasmo e esperança, os nossos patrícios, em horas tão delicadas. O pavilhão brasileiro volta da Itália ainda mais glorioso.



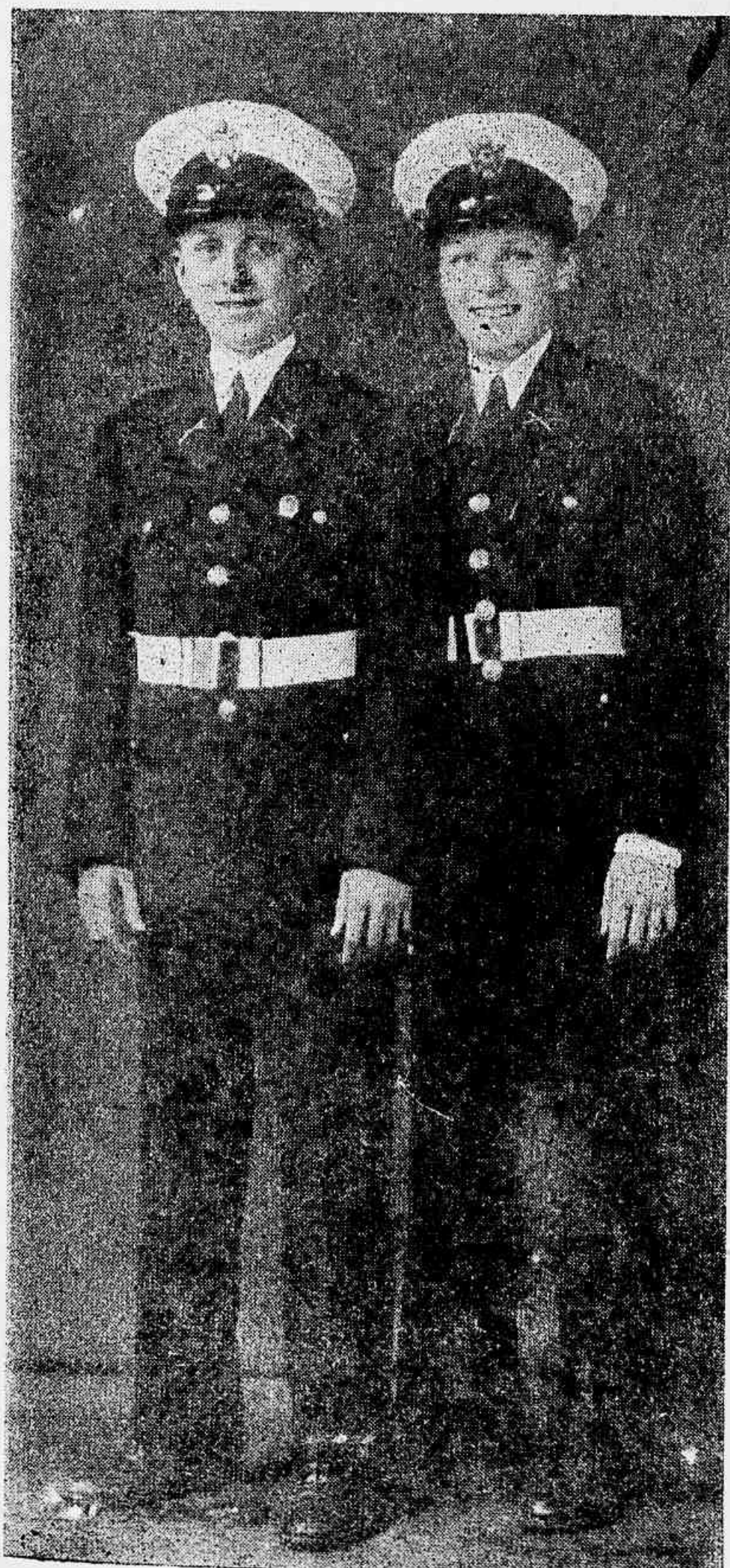
E após a solenidade os rapazes da Força Expedicionária Brasileira desfilarão, em continência à bandeira, à alta oficialidade brasileira e americana, e em homenagem aos companheiros que vinham de receber tão altas distinções. As ruas iluminadas por um sol que ainda mais abrihantava a festa, o entusiasmo do povo associando-se à alegria da tropa, tudo se conjugava para homenagear mais e melhor o soldado de Caxias, agora regressando à Pátria consciente de um dever cumprido.





Pela passagem do sétimo aniversário de Pedro Paulo, filho do casal Ariosto-Avelina Berna, foi oferecida por seus pais aos seus inúmeros amiguinhos uma linda festa. Na foto um grupo de convidados ladeia o aniversariante.

Richard e Edward Lapeira Marvin, filhos do sr. Richard Lapeira, gerente da firma Lanmann & Kemp Barclay C.º Of Brazil, que chegaram no dia 10 do corrente a esta Capital pelo vapor "Robert Lucas", para gozo de férias, após três anos de estudos na Academia Militar de Peekskill, New York.



Figuras e Fatos

A esquerda — Walkyria, filhinha do casal Joaquim Marques Sarabanda, que completou 9 anos no dia 9 do corrente. A direita sua irmãzinha Suely, de 5 anos.



DE SÃO PAULO — Flagrante tomado no pátio da igreja de Santa Teresinha, na Capital paulista, no dia 3 do corrente, por ocasião da missa em ação de graças pelo 25.º aniversário do casamento do sr. João Perlmutter e sua esposa sra. Elisa Perlmutter, da sociedade local.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Meio Século

DE PREFERÊNCIA

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz às epidermes mais delicadas.

Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

À venda em todas as farmácias e perfumarias



Sabonete de Reuter

I-A

SR-2

BRONZISOL

ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

**Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



Leslie Brooks apresenta-nos aqui um graciosíssimo traje esportivo para as nossas manhãs de inverno, quando o sol nos convida a um passeio pelo campo ou à beira-mar. Calça e jaqueta em lã côr de pérola; blusa de malha em vermelho vivo; botões vermelhos no casquinho e sandálias bege. Está encantadora em seu traje matinal a linda artista da Columbia.



inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

TINHA decidido. E, de certo modo, a firmeza inabalável de seu propósito o consolava. Poder dizer amanhã estaria morto, tudo acabado, parecia, inexplicavelmente, uma solução magnífica para as suas preocupações. Naquela manhã fôra ao cartório onde assinara seu testamento. Fazia Martin seu herdeiro universal. Isso o divertia muito, pois podia imaginar a expressão de surpresa do rapaz ao receber a notícia. Estava perfeitamente calmo. Isso, de modo algum podia surpreender quem soubesse o que se passara naqueles últimos dias. Depois da agitação, do conflito, de toda aquela onda de acontecimentos que o arrebatera, ele sentia, finalmente, a paz de uma decisão irrevogável, de um rumo fixo. Já sabia para onde ia. E, afinal, não era naquele mesmo dia que ia morrer, mas no dia seguinte. Fizera questão disso. Queria passar um dia delicioso, um dia digno de ser o último da vida de um homem.

Chegando em casa tomou o livro de cheques e assinou uma dúzia deles, para ir descontando à medida que fosse necessário. Depois vestiu-se, lentamente e com mais apuro do que era seu costume. E saiu.

É difícil, na verdade, descobrir o modo de passar um dia inesquecível. Os dias inesquecíveis acontecem, mas não podem ser encomendados. Se um homem na véspera de sua morte recebesse um aviso para que fizesse daquele último dia que lhe era concedido qualquer coisa de verdadeiramente digno de nota, com certeza se encontrariam todos na mesma situação. Ele queria alguma coisa de extraordinário, de fora do comum. Não poderia contentar-se com a banalidade de uma casa de diversões, de um passeio. Queria... queria alguma coisa diferente e, se lhe perguntassem como era o diferente que aspirava, não saberia dizer. Queria...

De repente lembrou-se de que era véspera de Natal. Era estranho que ainda não tivesse pensado nisso. Mas como? Se ele estivera aqueles dias preocupado com... Nem era bom lembrar o passado.

Resolveu, antes de mais nada, escrever uma carta. Talvez no dia seguinte não tivesse forças para redigi-la.

"Morro por minha livre e espontânea vontade. Sinto-me cansado. Já não posso mais lutar contra o destino. Desde que toda a minha vida se desmoronou, não tenho mais razão para continuar vivendo. Sou um homem que praticamente já morreu, que não sente mais nada, um homem que a dor já se encarregou de tornar um morto-vivo. — George Sedley."

Escrita a carta, colocou-a no correto, porte simples, depois de endereçá-la à polícia.

E agora pensou? Ia descendo lentamente a rua, quando um meninozinho fê-lo parar.

— Não quer comprar um, sr.?

O garoto carregava uma caixa maior do que ele, tinha enormes barbas brancas e bigodes da mesma cor.

— Compre, sr., para seus filhos. Eles acreditam em Papai Noel, não é?

George ficou surpreso.

— E você?

O menino sorriu.

— Papai Noel é um homem que só faz relações com os ricos...

— Não diga isso.

— É a verdade, não é?

E o garoto sorriu.

— O senhor quer comprar?

George, num impulso, disse:

— Me dê umas barbas e um bigode...

ras de suicídio, vou dedicar meu último dia... aos outros. Vou me vestir de Papai Noel e visitar os bairros pobres; vou distribuir parte da minha fortuna em brinquedos. Véspera de Natal... Quem sabe se eu, assim, não deixarei uma lembrança boa neste mundo? E, afinal, será um dia maravilhoso. É estranho pensar como a noção de maravilhoso, de magnífico muda. Há pouco eu pensava em mim mesmo, agora penso nos outros e acho mais satisfatória a idéia.

Sentia-se um pouco ridículo com aquela vestimenta improvisada, capote vermelho, barbas e bigodes. Mas não ia fazer alguma coisa de maravilhoso? Imagine sua chegada no bairro pobre, os meninos, a sua alegria...

— Está prêso!

Sentiu no ombro a mão de um policial.

— Charles Morton Gould — disse o delegado, lentamente.

George levantou os olhos:

— Escute, deve haver um engano.

— Não há engano nenhum. O senhor não se chama Charles Morton Gould?

— Não.

O delegado sorriu.

— Escute, meu amigo, não adianta negar. Sua fuga foi a mais sensacional dos últimos tempos. Mas um condenado que foge na véspera da execução...

— Como?

— Digo que o senhor é um condenado à morte. Fugiu. Ou será que não está lembrado?

— Mas eu não sou Charles Morton Gould; eu me chamo George Sedley...

— Um momento. Eu tenho aqui a descrição. Charles Morton Gould: seis pés... tez morena... olhos castanhos... cabelos castanhos... nariz aquilino... uma cicatriz na testa... uma cicatriz em forma de cruz. E eis o retrato... Nega ainda que é Charles Morton Gould?

— O senhor é muito obstinado.

— Meu Deus! Se eu estou lhe dizendo...

— Eu já lhe mostrei a fotografia...

— Esse homem pode parecer muito comigo e...

— Hum... E quem é o senhor?

O delegado decidiu ouvir sua história, sem ter porém a menor intenção de acreditar.

— Sou um negociante... Meu nome é George Sedley... Moro na Rivers Drive 5504... Hoje à tarde decidi distribuir uns presentes de Natal às crianças pobres... Por isso vesti-me de Papai Noel e...

— Então o pretexto para essa fantasia é filantropia?

— Claro.

O delegado começou a rir.

— Tão bom que ele é! Tão caridoso! Mas isso é verdade! Essa parte de sua história eu acredito.

— ???

— Escute, você não tem imaginação? Hoje pela manhã isso pegou. Agora não. Vá pedir para distribuir brinquedos, porque é aqui mesmo que você fica...

— Mas...

— Então você pensa que o mesmo golpe pega duas vezes?

E voltando-se para um dos guardas o delegado explicou:

— Este anjinho aí hoje, de manhã, pediu como último desejo de um condenado para distribuir brinquedos às crianças na porta da prisão. Morreram seis guardas e ele escapou.

O guarda assobiou.

— Tudo combinado?

AMANHÃ

Conto de BROCK WILLIAMS



HENRICH HIMMLER, o sinistro chefe da Gestapo, cujo fim trágico pelo suicídio alcançou tamanha repercussão mundial, estava, sem dúvida, colocado na lista dos principais criminosos de guerra, diante das suas odiosas atividades políticas em prol da manutenção do regime nazista, de que era um dos esteios insubstituíveis.

A história dessa repelente personalidade pode ser narrada em rápidas linhas. Seu pai era diretor do Ginásio Real Bávaro, de Munique, e os seus alunos já o olhavam como um professor cruel. Heinrich nasceu em 1900 e, sem ter tomado parte na primeira Grande Guerra, era, todavia, cadete em 1918. Ao ser desmobilizado, o jovem Himmler transformou-se num exemplar típico de ambicioso e descontente. O seu ódio desde cedo foi dirigido contra aqueles que "havia sabotado a retaguarda do glorioso exército germânico, roubando-lhe uma vitória já alcançada praticamente". Himmler tornou-se um criador de galinhas e coelhos, estudando ao mesmo tempo química agrícola na Escola de Munique.

Com o decorrer dos anos e o aparecimento do Partido Hitlerista, Himmler reuniu-se ao "Reichskriegsflagge", associação militar ilegal do tipo dos Corpos Livres comandados pelo capitão Roehm. Na realidade, os próprios membros do nascente Partido Nazista olhavam com repugnância para aquele homenzinho sinistro de olhos apertados atrás de um par de óculos. Mas Himmler chegou a ser secretário de Strasser, passando posteriormente para o corpo de elite dos Guardas Negros (SS).

Apesar de não possuir as características

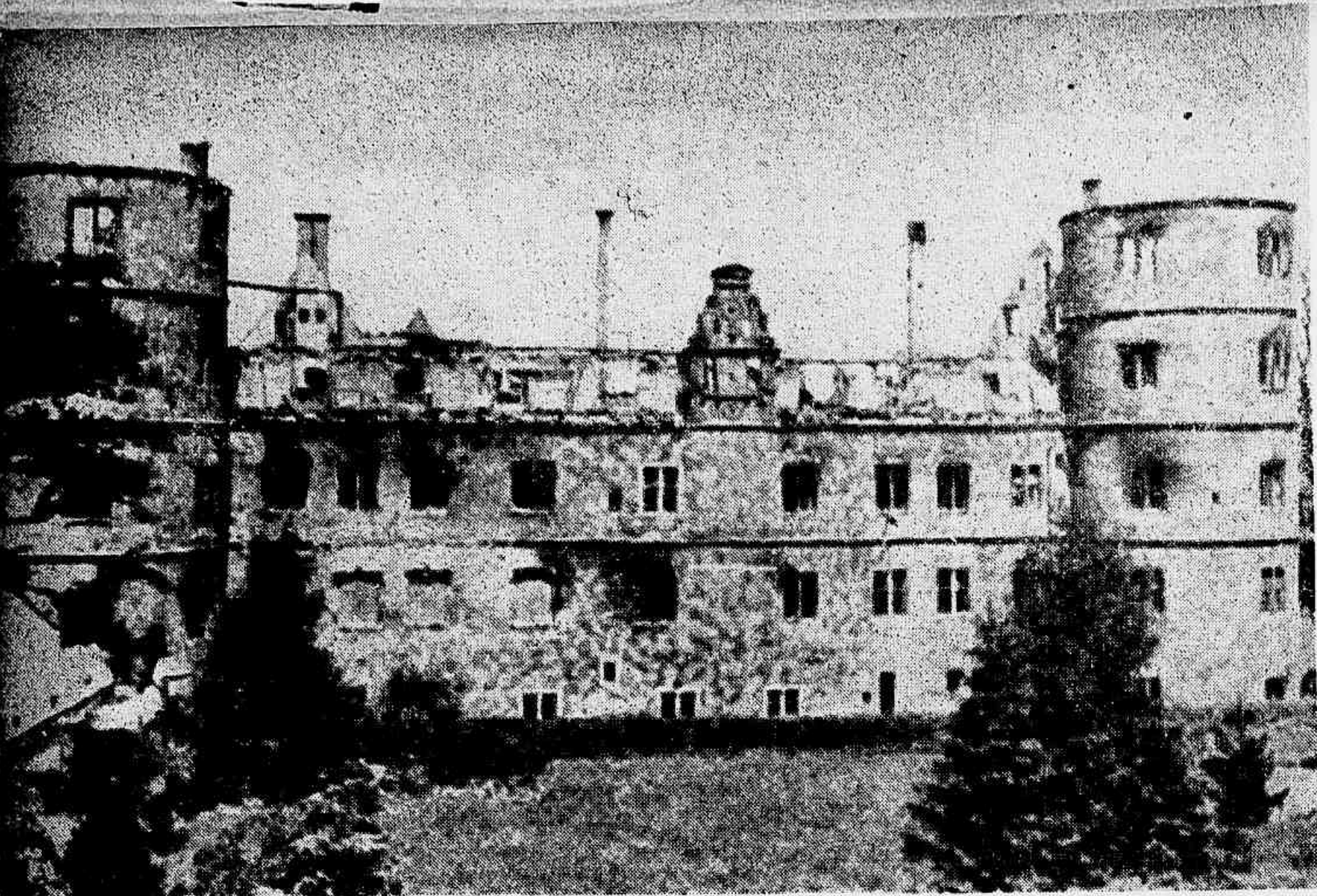
O TRAGICO

físicas de um "super-homem" ariano, Hitler escolheu-o para tão elevadas funções tendo em vista o seu fanatismo e, certamente, a sua crueldade. As ambições de Himmler eram sem termo. Os seus atos originavam-se parcialmente do código militar que norteava a ação dos Cavaleiros Teutônicos da Idade Média. Os seus subordinados eram física e mentalmente treinados para cometer todas as atrocidades e crimes em prol do corpo e da alma do "Grande Reich Germânico".

Himmler ascendeu às culminâncias da sua carreira a partir de junho de 1934, quando se ofereceu a Hitler para afogar em sangue o "putsh" de Roehm e dos seus camisas-pardas que planejavam um golpe de estado "proletário".

A partir daí o sinistro chefe da Gestapo

Ao alto, aspecto do bellissimo castelo de Wewelsburg, após o incêndio atado por membros da SS pouco antes da chegada das forças aliadas. Procurando destruir tudo quanto pudesse servir de orientação aos vencedores, os nazis liquidaram o que para eles devia ser mais grato e precioso... Ao centro, interior da lavanderia do castelo de Wewelsburg, exibindo em desordem, tais como foram encontrados, alguns preciosos quadros e raridades da coleção de Himmler, certamente roubados como fazia também Goering. Em baixo, soldados norte-americanos contam os pacotes de papel-moeda de todos os países, que Himmler havia reunido em grandes caixas de metal, pouco antes da capitulação da Wehrmacht. Mas tudo foi inútil.





O cadáver de Himmler, após o suicídio, meio coberto no Quartel General do Segundo Exército, em Luneberg. A covardia dos façanhudos criminosos de guerra era tanta que eles achavam mais fácil tirar a própria vida, acostumados como estavam a tirar a dos outros, a se entregarem aos aliados para sofrerem o justo castigo. Himmler sabia que sofrimentos ainda maiores o esperavam. E, covardemente, suicidou-se.

O FIM DO CHEFE DA GESTAPO

conquistou quase sem oposição todos os ramos da vida política, social, militar, econômica e civil da Alemanha. Através da Gestapo e do Serviço de Segurança SS, mantinha-se infor-

Uma parte da fortuna acumulada por Himmler, exibida por um soldado americano que acabava de encontrá-la entre os escombros do castelo. Dinheiro europeu, oriental e das Américas. Dinheiro inútil. Papel velho. Ninguém o pode levar para a sepultura...



mado de tudo quanto os alemães faziam e mesmo pensavam. Como ministro do Interior e comandante em chefe do Exército Territorial germânico, reunia, depois de Hitler, as mais elevadas autoridades militares e administrativas do partido.

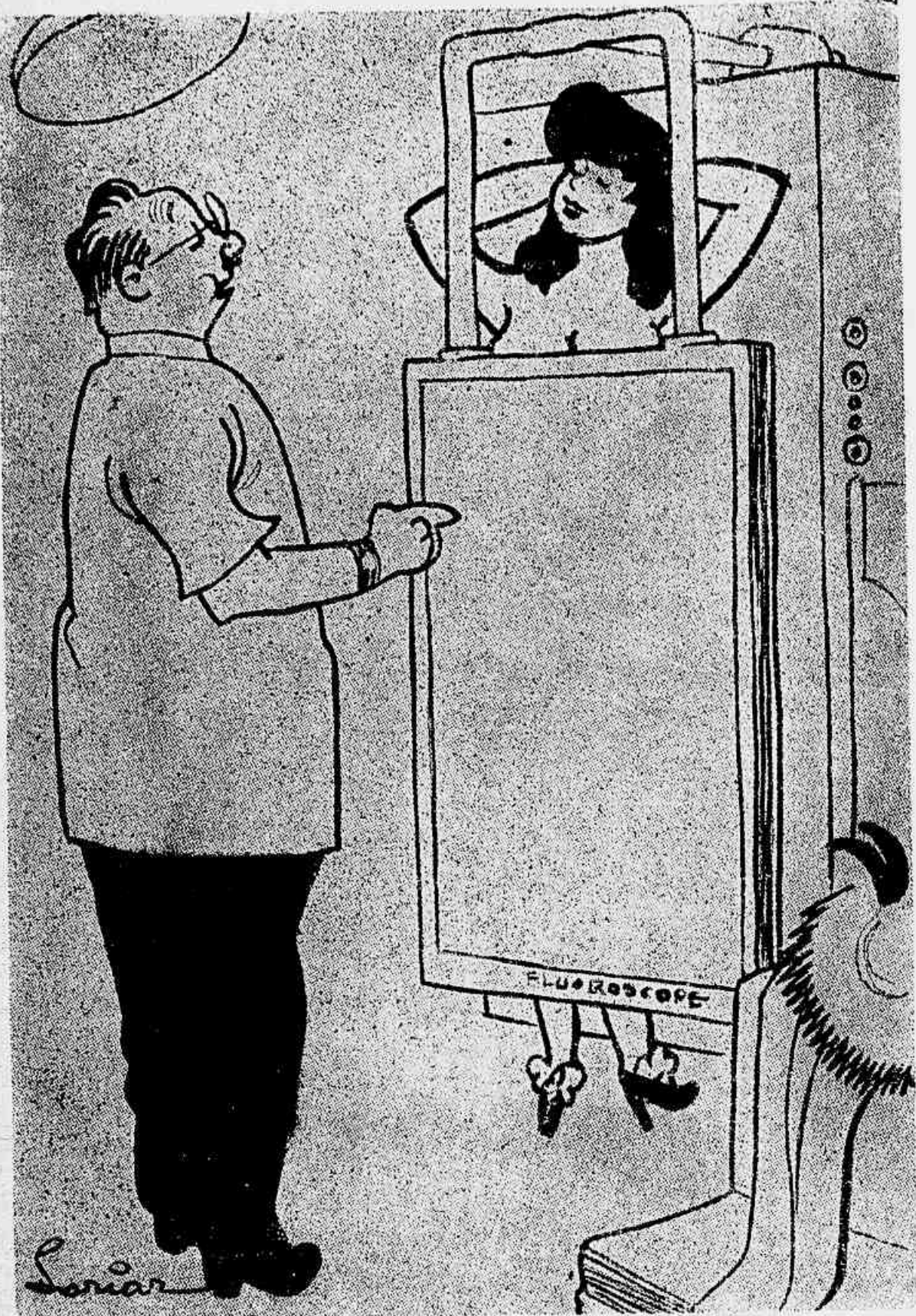
A derrota nazista e a ocupação dos territórios ocidentais da Alemanha pelos exércitos libertadores anglo-americanos vieram demonstrar que, a exemplo das demais figuras proeminentes da quadrilha hitlerista, Himmler vivia luxuosamente no meio de tesouros artísticos pilhados e acumulara uma grande fortuna em dinheiro e bens imóveis. A última hora, membros fanáticos das SS procuraram ocultar numerosos quadros e objetos de arte na lavanderia de um dos castelos adquiridos por Himmler nas vizinhanças de Wewelsburg. As tropas americanas capturaram também um volumoso pacote de cédulas pertencentes à moeda corrente de 22 nações e atingindo a cifra aproximada de dois milhões de libras esterlinas. O castelo principal de Himmler em Wewelsburg era um dos mais suntuosos da Alemanha e destinava-se, segundo consta,

a constituir também a escola central de treinamento para as tropas SS.

Do B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA

Heinrich Himmler, o sinistro chefe da Gestapo e da SS, tal como foi nos tempos de suas torturas infligidas às vítimas indefesas. Num derradeiro recurso, Himmler disfarçou-se, pensando não ser reconhecido. Mas seguraram-no pela gola e ele matou-se.

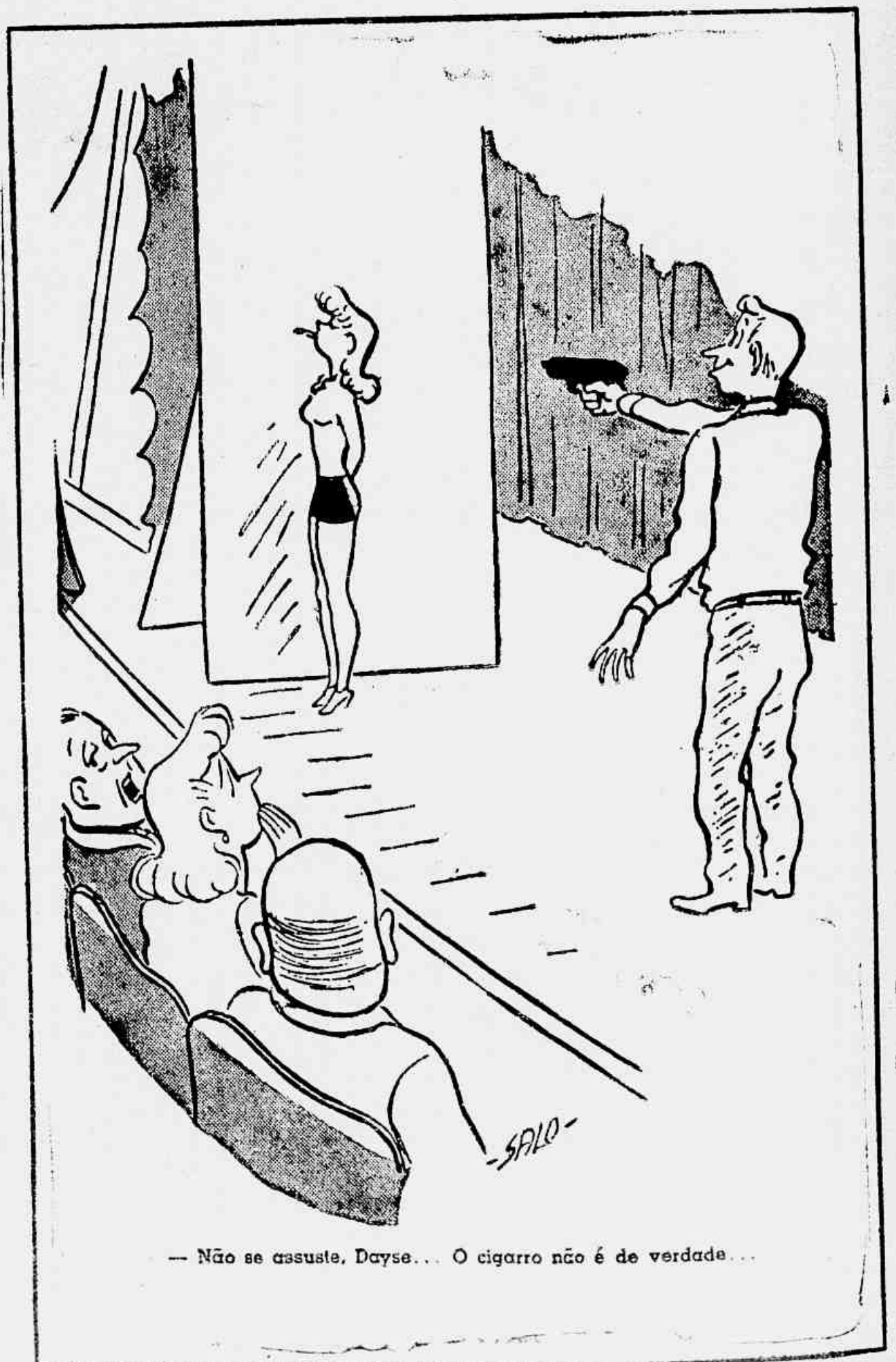
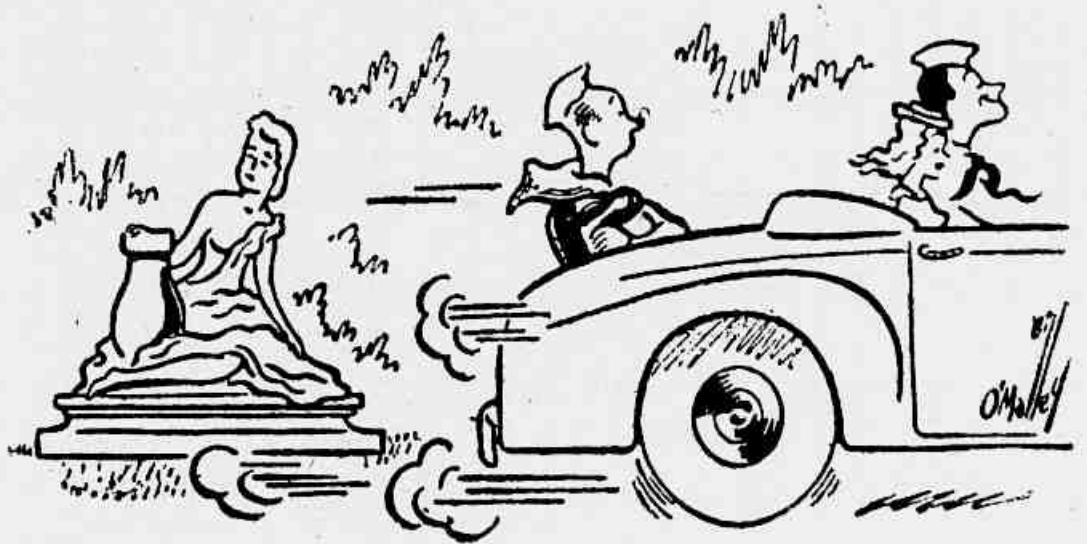
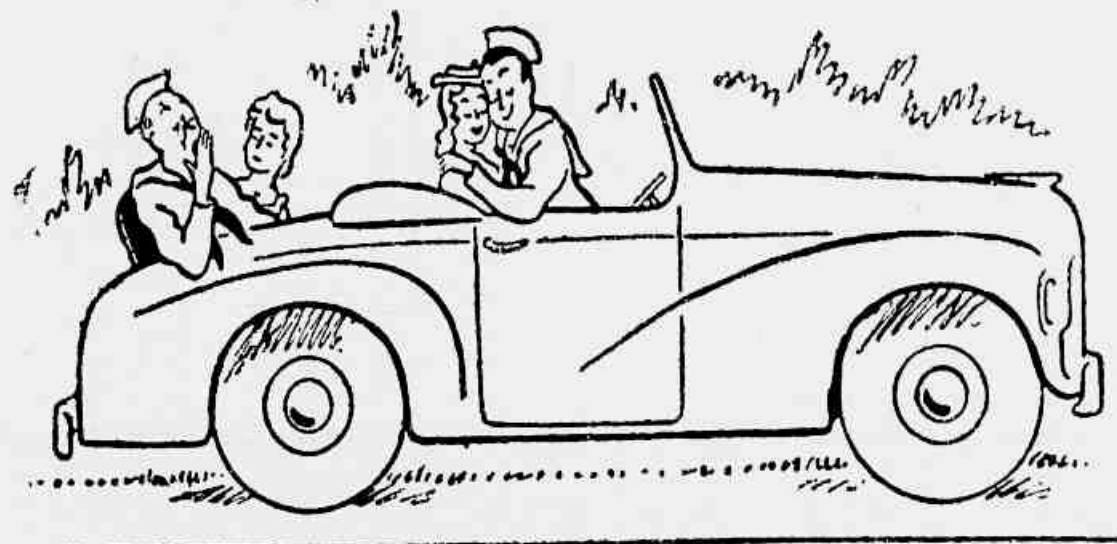
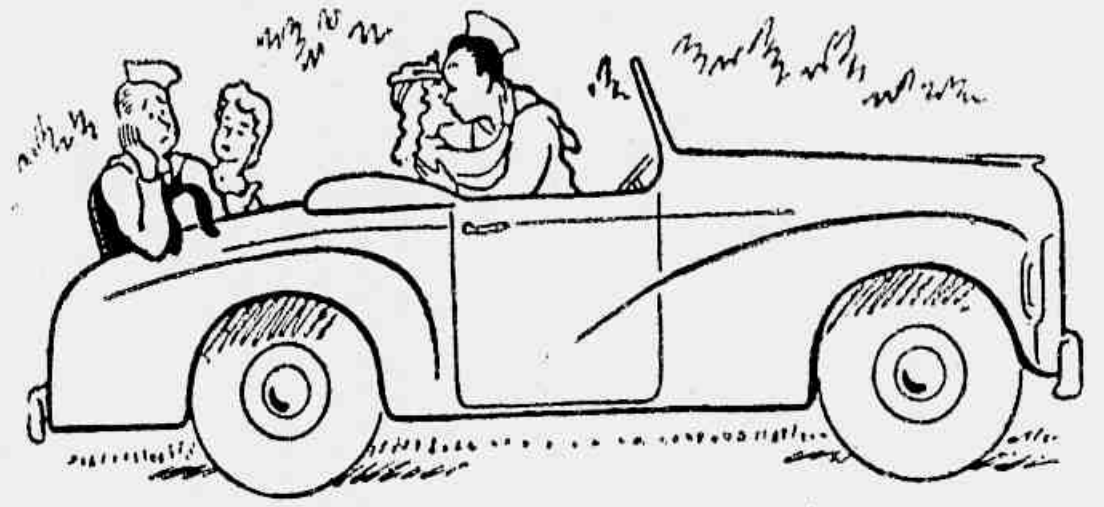




— Não, não, dona Eloisa... Não é preciso fazer pôse...

De Bom Humor

— Estou precisando de cinco voluntários suicidas. Quem se apresenta?



— Não se assuste, Dayse... O cigarro não é de verdade...



O professor Henrique Cavaleiro, encarregado das aulas de modelo vivo da Sociedade Brasileira de Belas Artes, fica durante duas horas à disposição dos alunos, para consultas e correções. Aqui vemos-o quando corrigia os traços do desenho de uma aluna.

"PARA A NUDEZ VIRGEM DA BELEZA O OLHAR PURO DA ARTE."

Uma cortina se levantou. Atravessando a porta estreita e baixa, entrámos no atelier da Sociedade Brasileira de Belas Artes, onde deveria ter início dentro de poucos minutos a aula de modelo vivo, que aquela agremiação mantém para os seus associados.

Iríamos em alguns instantes presenciar a uma cena característica de Montmartre: a exibição de um modelo nú.

A sala era ampla, cheia de cadeiras e cavaletes, subindo pelos diversos planos de uma espécie de arquibancada, que ocupava metade do espaço da peça. Em frente a essa arquibancada, um estrado forrado de feltro cinza, por trás do qual uma singela cortina negra se pendurava na parede.

No momento em que entrámos já umas três dezenas de artistas se preparavam para começar os trabalhos, retirando dos estojos os pincéis, os óleos, os esfuminhos e os lapis.

A assistência à aula era a mais heterogênea e diversa: senhores de cabelos brancos, artistas velhos já consagrados pela crítica e pelo público, moças de dezesseis anos, profissionais e diletantes...

Havia na sala o que pode existir de mais antagônico e dessemelhante em matéria antropológica: louros escandinavos se confundiam com os cabelos negros e duros de mestiços, numa confraternização universal e indistinta.

Vistas do alto, as cabeças nos apresentavam a mais-farta e variada miscelânea de cores e de formas. Um artista de "cavaignac" à sevilhana ia colocando os tubos de óleo no aparador do cavalete, enquanto ao seu lado uma pequena loura esticava o papel-cartão, preparando-se para iniciar um desenho.

O professor Henrique Cavaleiro percorria as filas dos pintores e desenhistas, vendo se tudo estava em ordem. Faltavam três minutos para as 17 horas, momento em que deveria ter início a apresentação do modelo.

Entrou uma jovem morena, de longos cabelos negros caindo sobre os ombros, vestida

Léa de Oliveira fotografada quando deixava o atelier da Sociedade Brasileira de Belas Artes, depois de um cansativo dia de trabalho. Uma moça bonita, igual a muitas outras que passam na Avenida. Ninguém que não a conheça, poderá supor, vendo-a assim, que ela seja um modelo profissional. No entanto ela faz de sua beleza o seu ganha-pão, e os nus que a representam fazem parte de muitas exposições de arte. Ela permanece porém no anonimato, trabalhadora incógnita da arte, soldado desconhecido da pintura.

O NÚ AO SERVIÇO DA ARTE

O QUE NOS FOI DADO VER NUMA AULA DE MODELO VIVO — VELHOS, MOÇAS E RAPAZES APRENDEM A PINTAR E ESCULPIR, ATRAVÉS O ESTUDO DO CORPO HUMANO — O PROFESSOR HENRIQUE CAVALEIRO E SEUS "ALUNOS" — "EU FUI AUXILIAR DE ESCRITÓRIO", DECLARA LÉA DE OLIVEIRA, O MODELO

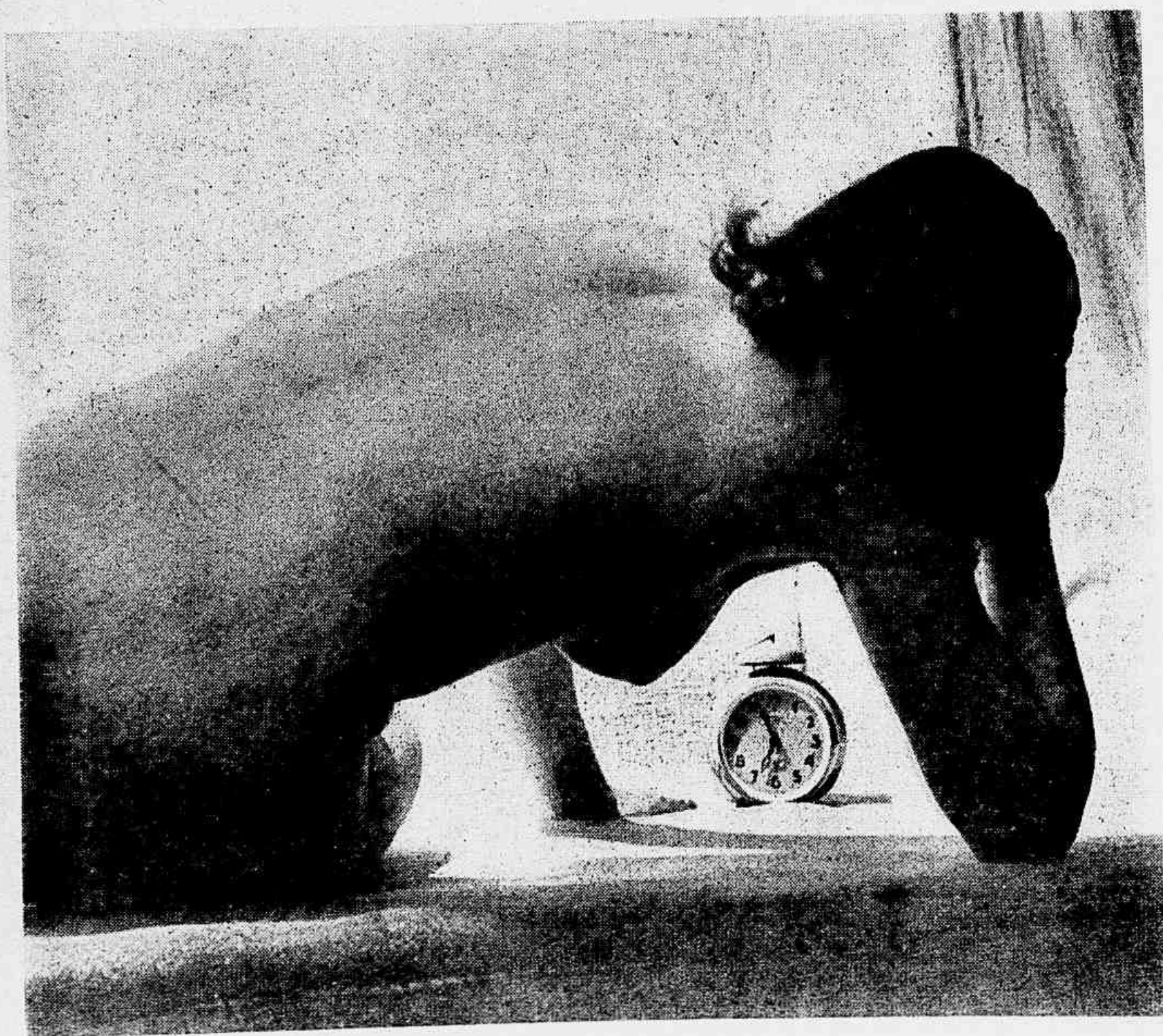
Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA





O modelo põsa de costas para os pintores, numa posição cansativa e difícil. O feltro que forra o tablado chega a parecer uma almofada de alfinetes. Em sua frente, como um "memento" enervante, o velho despertador marca em "tic-tacs" lentos os minutos de trabalho. Léa vê os ponteiros se arrastarem pelos minutos longos, esperando ansiosamente que sejam sete horas, ponto final do dia de serviço.



Durante duas horas por dia a modelo permanece no tablado diante dos olhares dos artistas. Na aula qualquer pessoa pode desenhá-la à vontade, fazer estudos, esboçar quadros. São admitidos às aulas de modelo vivo da Sociedade de Belas Artes todos

artistas que têm a necessária dência. A matéria é composta de

de negro. Cumprimentou com um "boa noite" geral os artistas e dirigiu-se a uma cabine posta no fundo do atelier, cuja porta se ocultava por trás de um reposteiro claro e pesado.

A MULHER NUA

Poucos minutos depois reabriu-se a cortina e o modelo entrou na sala. Vinha completamente nua, em toda a graça de sua beleza serena, vestida apenas pelos cabelos negros e longos, que lhe caíam sobre as espaldas como um véu pesado.

Não se notava em seus traços fisionômicos qualquer sinal de embaraço ou de inquietação. Dirigiu-se calmamente ao tablado, galgando-o com o auxílio de uma cadeira.

O professor Henrique Cavaleiro indicou-lhe a posição em que deveria permanecer. E a moça, como uma datilógrafa que tomasse assento em sua mesa, ou o engenheiro que colocasse o olho no tubo do teodolito, deitou-se ao comprido sobre o feltro cinza, ajeitando os cabelos negros.

A aula estava começada. Estávamos no alto, a um canto da sala, sobre o último plano da arquibancada. Para além das cabeças dos artistas, que desciam em ondulações para o outro extremo do atelier, a nudez da virgem dominava a sala com sua presença desconcertante.

Não havia lugar, porém, naquela casa de arte, para um pensamento impuro ou para um sentimento indigno. A mulher nua só po-

deria
nante
viço
qualc
de su
à lem
do se
tomia

tivo
prod
na a
nhor
da m
nua
vê n
estét

moti
do e
artén
perd

ture
tinu

Kah
luar
oasis
gem

dêlo



nece no tablado
r pessoa pode de
os. São admitido
das Artes todos

oa noite"
a cabine
e oculta-
e pesado.

se a cor-
ha com-
e sua be-
belos ne-
as espá-

isionômi-
e inquie-
lado, gal-
ira.

o indicou-
anecer. E
e tomasse
neiro que
o, deitou-
ajeitando

vamos no
imo plano
beças dos
es para o
da virgem
desconcer-

la casa de
o ou para
nua só po-

artistas que às quizerem assistir, sem distinção de escola ou tendência. A maioria dos alunos, se assim os podemos chamar, é composta de amadores. Mas há também entre eles pintores e desenhistas consagrados.

deria sugerir, com a sua beleza impressionante, o sentimento do belo e da arte, a serviço da qual ali estava, trabalhando como qualquer pessoa, ganhando o pão pelo preço de sua fadiga. Não sabemos por que nos veio à lembrança, vendo o nú que se exibia à frente do semi-círculo dos alunos, uma lição de anatomia ministrada num anfiteatro.

O nú não representava mais que um motivo de arte, um modelo de beleza a ser reproduzido em "crayon" ou aquarela. Havia na assistência mocinhas de quinze anos, senhoras sexagenárias, rapazes em pleno vigor da mocidade. Todos tinham para a virgem nua o mesmo olhar puro de artista, que não vê nas formas da mulher mais que o efeito estético que delas se possa obter.

Os corações que se agitassem poderiam motivar um movimento em falso do pincel ou do esfuminho. Uma pulsação mais forte das artérias seria capaz de acarretar a inteira perda de um efeito artístico.

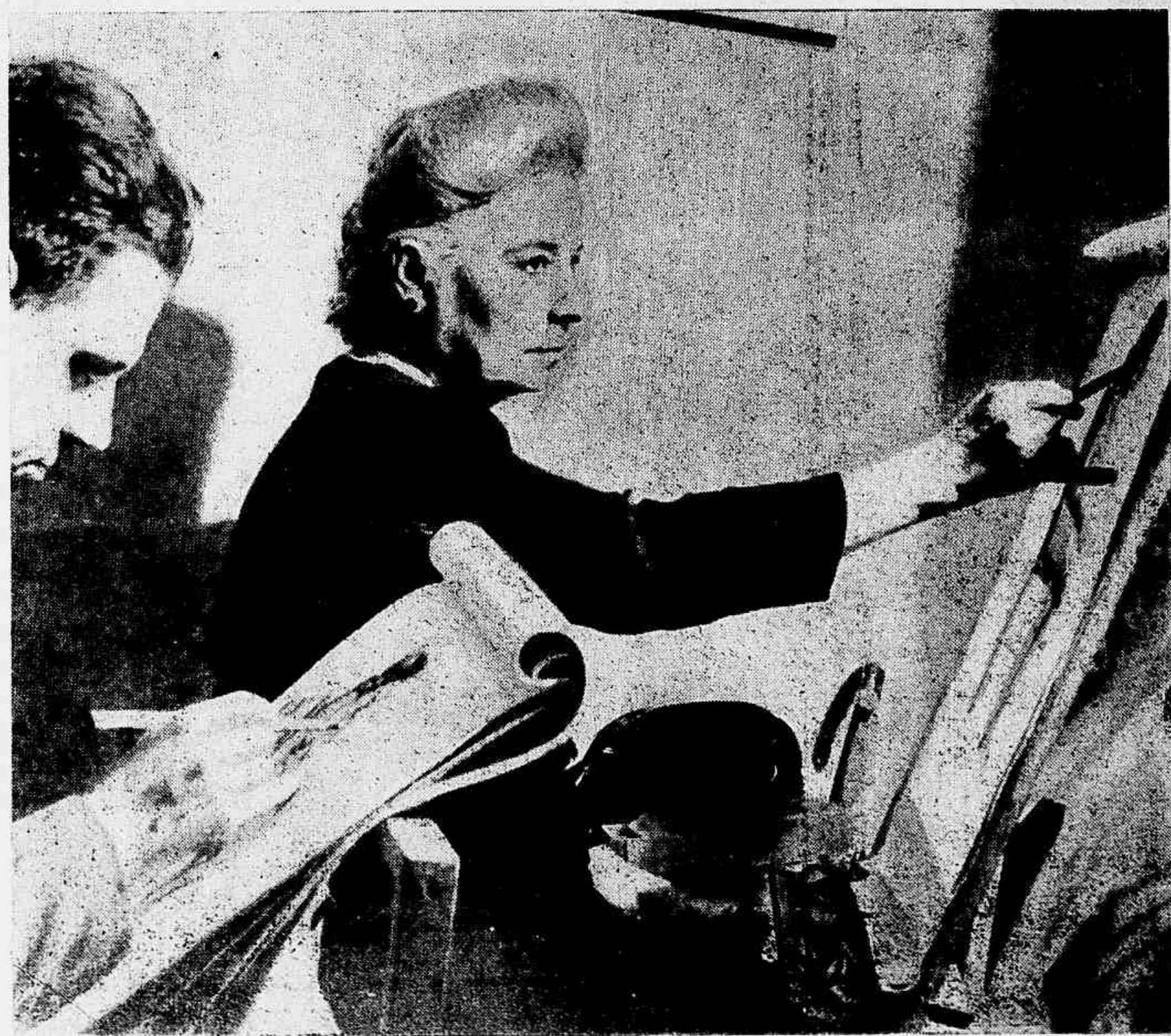
Serenamente, como se copiassem uma natureza morta ou uma paisagem rústica, continuavam a trabalhar pintores e desenhistas.

Em nossa cabeça ressoava uma estrofe de Kahyan: "Nem as tamareiras se agitando ao luar, nem a fonte cristalina que canta nos oásis poderiam se comparar à beleza da virgem nua".

DUAS HORAS POR DIA

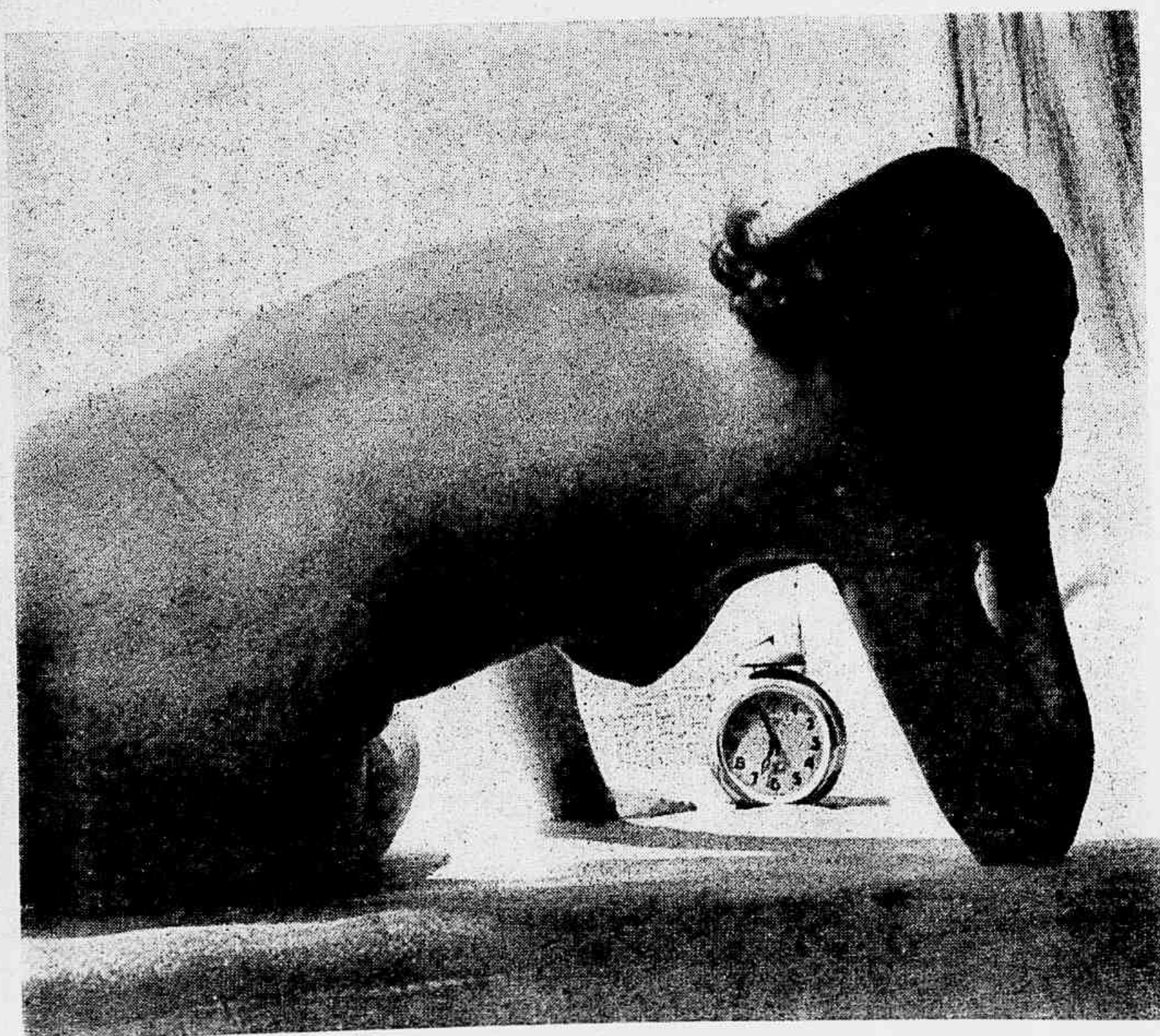
Durante muito tempo permaneceu o modelo deitado sobre o alto estrado, de costas

Detalhe da aula de modelo vivo. No atelier da Sociedade Brasileira de Belas Artes, durante a realização dessas aulas, se reúnem mais de três dezenas de artistas, profissionais e amadores, que deixam no papel ou na tela o retrato de Léa. Velhos e moços desenhavam com o mesmo amor e entusiasmo. Aqui vemos o desenhista profissional Alberto Lima trabalhando ao lado de uma desenhista amadora.





O modelo põs de costas para os pintores, numa posição cansativa e difícil. O feltro que forra o tablado chega a parecer uma almofada de alfinetes. Em sua frente, como um "memento" enervante, o velho despertador marca em "tic-tacs" lentos os minutos de trabalho. Léa vê os ponteiros se arrastarem pelos minutos longos, esperando ansiosamente que sejam sete horas, ponto final do dia de serviço.



Durante duas horas por dia a modelo permanece no tablado diante dos olhares dos artistas. Na aula qualquer pessoa pode desenhá-la à vontade, fazer estudos, esboçar quadros. São admitidos às aulas de modelo vivo da Sociedade de Belas Artes todos

artistas que às vezes têm preferência. A maioria é composta de amadores.

de negro. Cumprimentou com um "boa noite" geral os artistas e dirigiu-se a uma cabine posta no fundo do atelier, cuja porta se ocultava por trás de um reposteiro claro e pesado.

A MULHER NUA

Poucos minutos depois reabriu-se a cortina e o modelo entrou na sala. Vinha completamente nua, em toda a graça de sua beleza serena, vestida apenas pelos cabelos negros e longos, que lhe caíam sobre as espaldas como um véu pesado.

Não se notava em seus traços fisionômicos qualquer sinal de embaraço ou de inquietação. Dirigiu-se calmamente ao tablado, galgando-o com o auxílio de uma cadeira.

O professor Henrique Cavaleiro indicou-lhe a posição em que deveria permanecer. E a moça, como uma datilógrafa que tomasse assento em sua mesa, ou o engenheiro que colocasse o olho no tubo do teodolito, deitou-se ao comprido sobre o feltro cinza, ajeitando os cabelos negros.

A aula estava começada. Estávamos no alto, a um canto da sala, sobre o último plano da arquibancada. Para além das cabeças dos artistas, que desciam em ondulações para o outro extremo do atelier, a nudez da virgem dominava a sala com sua presença desconcertante.

Não havia lugar, porém, naquela casa de arte, para um pensamento impuro ou para um sentimento indigno. A mulher nua só po-

deria su-
nante, o
viço da
qualquer
de sua f
à lemb
do semi-
tomia m
O n
tivo de
produzi
na assis
nhoras s
da moc
nua o m
vê nas
estético
Os
motivar
do esfu
artérias
perda d
Ser
tureza
tinuava
Em
Kahyan
luar, m
oasis p
gem nua

Du
dêlo de



manece no tablado
 quer pessoa pode de
 adros. São admittido
 Belas Artes todos
 artistas que às quizerem assistir, sem distinção de escola ou ten-
 dência. A maioria dos alunos, se assim os podemos chamar, é
 composta de amadores. Mas há também entre eles pintores e
 desenhistas consagrados.

"boa noite"
 ma cabine
 a se oculta-
 o e pesado.

u-se a cor-
 Vinha com-
 de sua be-
 cabelos ne-
 re as espá-

s fisionômi-
 u de inquie-
 ablado, gal-
 deira.

iro indicou-
 manecer. E
 que tomasse
 enheiro que
 lito, deitou-
 ra, ajeitando

stávamos no
 ltimo plano
 cabeças dos
 ções para o
 z da virgem
 a desconcer-

uela casa de
 ro ou para
 er nua só po-

Detalhe da aula de modelo vivo. No atelier da Sociedade Brasileira de Belas Artes, durante a realização dessas aulas, se reúnem mais de três dezenas de artistas, profissionais e amadores, que deixam no papel ou na tela o retrato de Léa. Velhos e moços desenhavam com o mesmo amor e entusiasmo. Aqui vemos o desenhista profissional Alberto Lima trabalhando ao lado de uma desenhista amadora.

deria sugerir, com a sua beleza impressio-
 nante, o sentimento do belo e da arte, a ser-
 viço da qual ali estava, trabalhando como
 qualquer pessoa, ganhando o pão pelo preço
 de sua fadiga. Não sabemos por que nos veio
 à lembrança, vendo o nú que se exhibia à frente
 do semi-círculo dos alunos, uma lição de ana-
 tomia ministrada num anfiteatro.

O nú não representava mais que um mo-
 tivo de arte, um modelo de beleza a ser re-
 produzido em "crayon" ou aquarela. Havia
 na assistência mocinhas de quinze anos, se-
 nhoras sexagenárias, rapazes em pleno vigor
 da mocidade. Todos tinham para a virgem
 nua o mesmo olhar puro de artista, que não
 vê nas formas da mulher mais que o efeito
 estético que delas se possa obter.

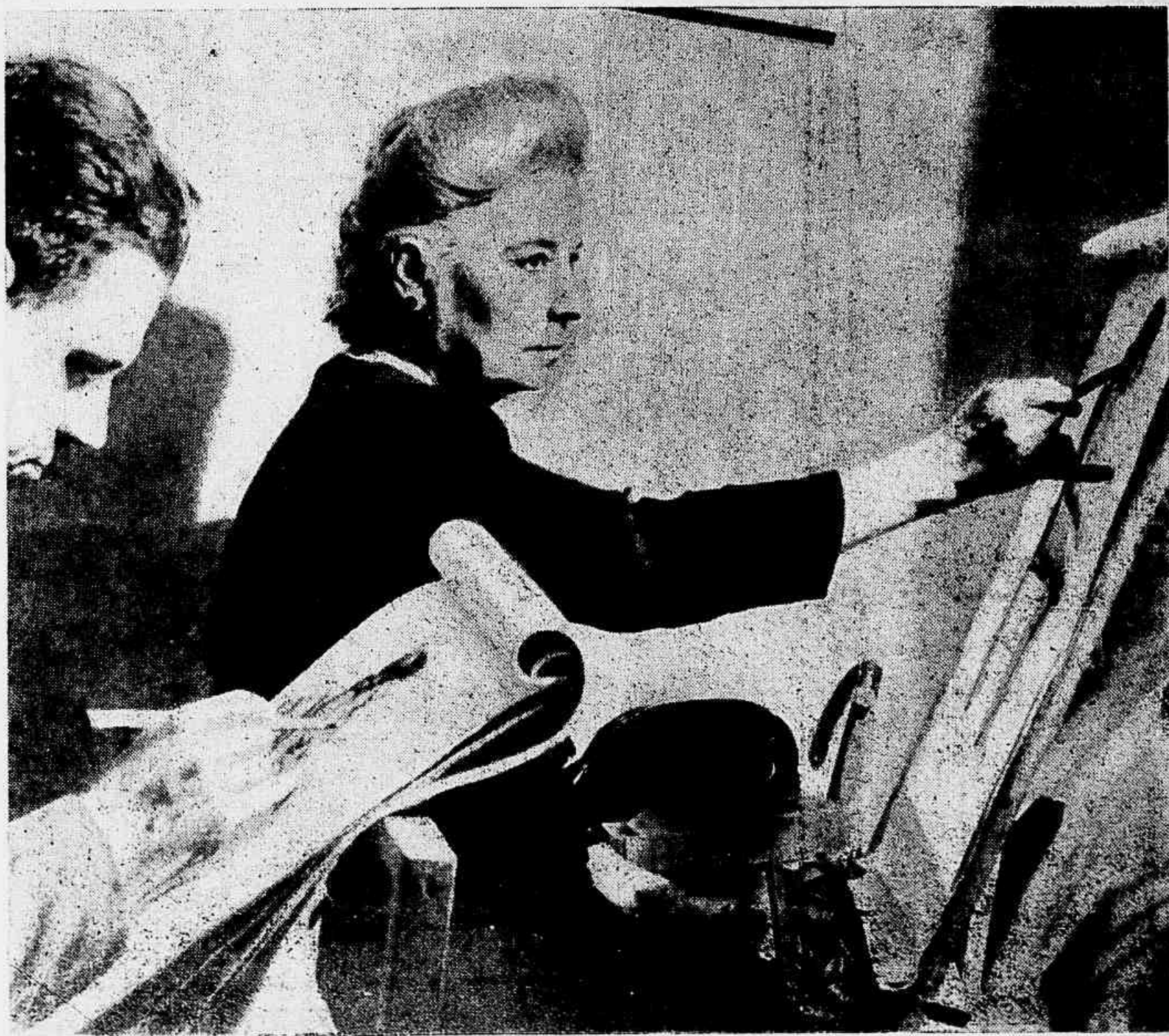
Os corações que se agitassem poderiam
 motivar um movimento em falso do pincel ou
 do esfuminho. Uma pulsação mais forte das
 artérias seria capaz de acarretar a inteira
 perda de um efeito artístico.

Serenamente, como se copiassem uma na-
 tureza morta ou uma paisagem rústica, con-
 tinuavam a trabalhar pintores e desenhistas.

Em nossa cabeça ressoava uma estrofe de
 Kahyan: "Nem as tamareiras se agitando ao
 luar, nem a fonte cristalina que canta nos
 oasis poderiam se comparar à beleza da vir-
 gem nua".

DUAS HORAS POR DIA

Durante muito tempo permaneceu o mo-
 delo deitado sobre o alto estrado, de costas





Todos os olhos estão atentos, postos no modelo, para fixação dos detalhes no desenho ou na pintura. Enquanto isto, Léa de Oliveira permanece sentada e imóvel.



para os alunos, com o cotovelo apoiado ao fôrro cinzento, a mão espalmada sob a face, numa posição incômoda e cansativa, à espera de que fôsse dado o sinal de descanso.

Causou-nos mesmo espanto a resistência da jovem.

O sr. Henrique Salvio, diretor da Sociedade Brasileira de Belas Artes, informa-nos a respeito do trabalho do modelo:

— A moça tem que trabalhar durante certo tempo na mesma posição. Quando muda de lugar ou toma nova posição, descansa durante alguns minutos, para recomeçar depois em outra pôse.

— E quanto tempo mais ou menos dura o seu trabalho?

— No espaço certo de duas horas põsa todos os dias um modelo em nossas aulas. E tôdas as semanas revezamos as moças que trabalham para êsse fim.

Agora a jovem estava sentada em uma cadeira e os artistas já haviam iniciado a cópia do modelo nessa nova posição. Esboços para óleos, aquarelas, "crayons" iam reproduzindo a figura da moça nos papéis e nas telas. E continuava o trabalho do modelo que, imóvel, sem qualquer contração dos músculos faciais, posava para os pintores da Sociedade Brasileira de Belas Artes, resignada a permanecer na mesma posição incômoda quanto tempo fôsse necessário à elaboração dos quadros e dos desenhos.

Terminado o seu tempo retirar-se-ia para casa, voltaria no dia imediato para recomeçar novamente o exaustivo serviço. E assim, com um descanso dominical, durante seis dias por semana, o modelo põsa duas horas seguidas, para que os pintores possam expor e vender seus quadros, e os diletantes tenham oportunidade de exhibir aos amigos, nas paredes de suas salas de visitas, a última criação de sua arte.

O TIC-TAC DO RELÓGIO

Enquanto permanece o modelo diante dos artistas, a um canto da sala, pôsto sobre uma mesa tósca, um despertador barato marca os minutos longos do trabalho cansativo. A moça, nos intervalos, enquanto muda de uma posição para outra, olha os ponteiros carrascos, que teimam em fazer o seu giro moroso sem um pulo camarada sobre os números negros.

As horas arrastam-se com o vagar de séculos. Deitada sobre o estrado ou sentada numa cadeira dura, de joelhos ou de pé, ela permanece durante duas horas por dia em frente aos pintores indiscretos, que lhe estudam as formas e lhe copiam as linhas.

Durante todo o tempo da aula paira sobre a sala um silêncio pesado, cortado só pelos ruídos peculiares a um atelier de pintura: um pincel que cai, um papel que se prende ao cavalete, uma tela que se desenrola... Mas, dominando todos êsses pequenos e insignificantes barulhos, como a marcar a agonia da espera, o barulho do despertador em marcha, chega aos ouvidos do modelo: "tic-tac".

E ela com certeza, como Machado de Assis naquele pesadelo, há de contar os segundos ao compasso da máquina do relógio: "outro de menos, outro de menos"...

São finalmente cinco para as sete. O modelo se alegra com a proximidade do último minuto. E cada vez mais alta agora, a voz do despertador marca os derradeiros segundos: "outro de menos, outro de menos"...

"Nem as tamareiras se agitando ao luar, nem a fonte cristalina que canta na sombra do oásis, poderiam se comparar à beleza daquela virgem nua", disse o velho... Tudo são frases feitas, a própria poesia se transforma de néctar dulçuroso em vinho insípido, diante da beleza viva da visão maravilhosa. Para pintá-la seria preciso o sangue de um Rafael, para descrevê-la seriam necessárias as lágrimas de um Omar Kahyan. Nem o Rubayat é tão sublime, nem o "Triunfo de Galatéia" é tão belo...

ado ao
a face,
espera
.

istência
Socie-
ma-nos

durante
o muda
nsa du-
r depois

os dura

as pôsa
ulas. E
ças que

em uma
do a có-
Esboços
reprodu-
as telas.
ue, imó-
culos fa-
ociedade
a perma-
quanto
dos qua-

e-ia para
recome-
E assim,
seis dias
as segui-
or e ven-
tenham
nas pare-
a criação

iante dos
bre uma
marca os
ativo. A
a de uma
os carras-
o moroso
números

gar de sé-
ntada nu-
e, ela per-
em frente
tudam as

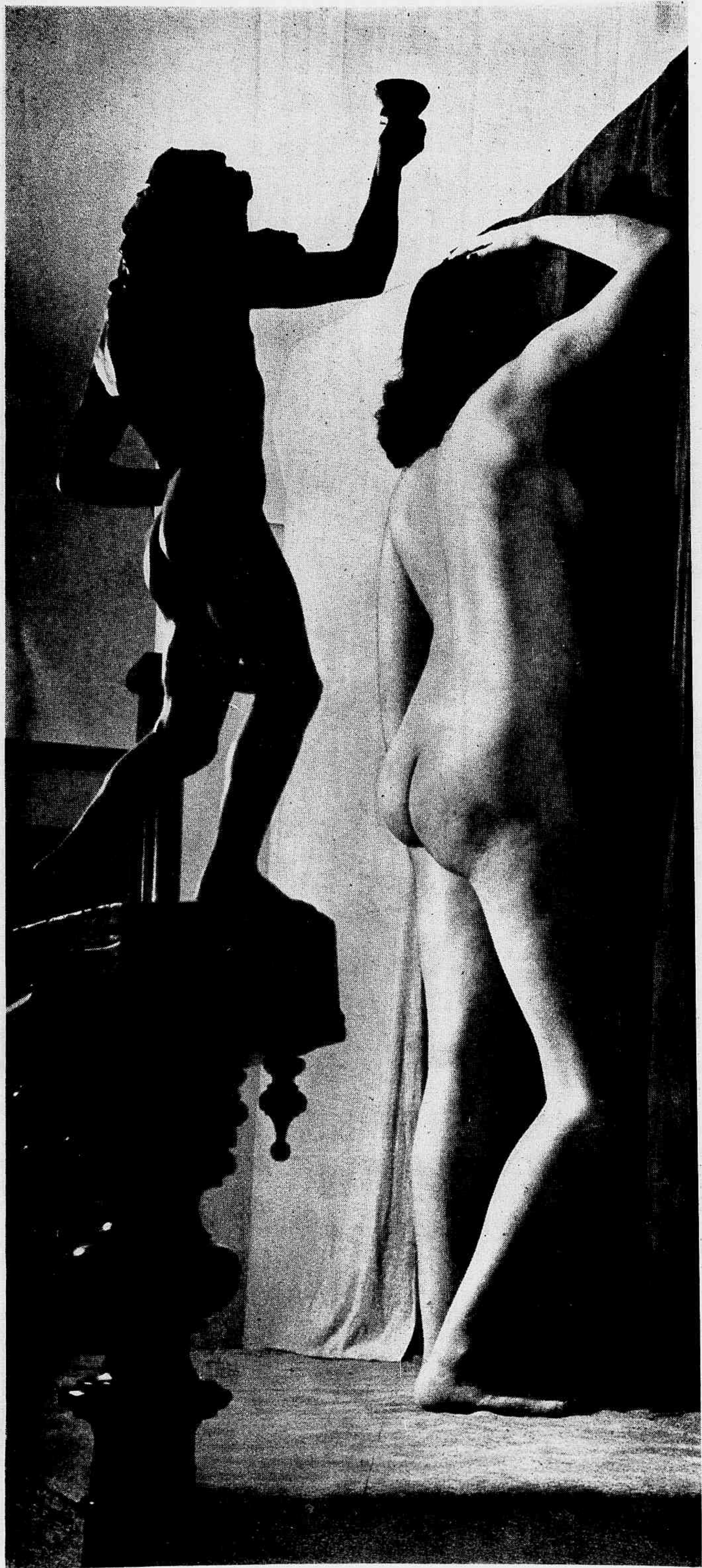
aira sobre
só pelos
ntura: um
rende ao
a... Mas,
insignifi-
agonia da
n marcha,
ac".

o de Assis
gundos ao
"outro de

te. O mo-
do último
ora, a voz
os segun-
os"...

a fonte cris-
se comparar
Tudo são
de néctar dul-
riva da visão
angue de um
lágrimas de
blime, nem o





A AULA DE MODELO VIVO DA S. B. B. A.

Muito interessante é, em verdade, a aula de modelo vivo que a Sociedade Brasileira de Belas Artes oferece diariamente aos seus associados.

E como esse cometimento é ainda relativamente desconhecido nos próprios meios artísticos da Capital, procuramos ouvir a respeito do mesmo a palavra do sr. Henrique Salvio, que foi o nosso introdutor e cicerone durante o tempo em que estivemos em visita àquela sociedade artística.

E' ele quem nos fala:

— Uma das práticas mais necessárias ao desenvolvimento dos artistas é, sem dúvida, o estudo do modelo vivo. A observação do corpo humano para a fixação em desenho de seus contornos, de suas formas e volumes, bem como de seu sistema mecânico, é elemento indispensável na formação do pintor ou do escultor.

— O senhor falou em desenho. As aulas de modelo vivo da S. B. B. A. se destinam apenas a êles?

— Não exclusivamente. Mas o nosso intuito, mantendo as aulas, é justamente, pela fixação das formas anatômicas humanas em desenho, cooperar para o aperfeiçoamento dos novos. Não há, entretanto, uma linha certa que dirija os trabalhos. O professor Henrique Cavaleiro, sem dúvida uma das nossas maiores autoridades no assunto, dirige as aulas e se encarrega de desfazer qualquer dúvida. Se o aluno não o chama, porém, êle nem toma conhecimento de seu trabalho. As nossas aulas se destinam ao estudo do nú através dos desenhos. Mas muitos aqui vêm pintar. De qualquer maneira, fornecemos aos nossos associados, sem qualquer ônus, a oportunidade de retratarem um modelo vivo, o que representa a prática mais segura para o desenvolvimento de suas qualidades artísticas.

— E essas aulas tiveram início recentemente, ou é uma prática antiga da Sociedade?

— Desde 1925 que viemos ministrando aos nossos associados, com regularidade, as aulas de modelo vivo. De então para cá realizam-se em nossa sede aulas desse gênero, que vêm obtendo grande êxito.

— Mas não há, em virtude dos preconceitos, certa carência de modelos?

— Há uma carência acentuada. Em São Paulo os meios artísticos já não lutam com tanta dificuldade para encontrar quem se preste ao papel de modelo, por isso que ali há maior e melhor compreensão da arte. Infelizmente muitos julgam ainda a profissão de modelo como algo de indecoroso. Essa menina que os senhores viram constitui uma exceção. Ela sabe que aqui encontrará sempre um ambiente de respeito e pureza. Nunca lhe foi dirigido, por qualquer artista, uma brincadeira de mau gosto ou um gracejo pesado. Isto pode acontecer mais facilmente à mulher que trabalhe em qualquer outro ramo de atividade que a um modelo. Continuamos entretanto, apesar de lutarmos contra esse preconceito injustificável, a realizar regularmente as nossas aulas de modelo vivo. Somese às dificuldades que já mencionei o fato de que nos interessa grandemente a apresentação de modelos virgens em nossas aulas, e poder-se-á ver quanto trabalho nos custa a realização das mesmas.

— Mas são raros assim os modelos virgens?

— Infelizmente, no Brasil, são. Raras são as moças que se prestam a essa profissão,

O nú clássico aparece no atelier, rediivo através de muitos séculos, lançando sua sombra sobre a nudez morena do modelo vivo. A moça permanece imóvel, enquanto os lápis correm pelos papéis e os pincéis dão colorido às suas formas esculturais. E' uma profissão penosa a de modelo. Permanecer assim minutos longos cansa o corpo e dá dores de cabeça. A recompensa porém é ter o seu retrato admirado por todos, expostos nos salões de arte, consagrados pela critica e pelo publico.

B. A.

a aula
eira de
eus as-

relati-
ios ar-
a res-
nrique
cerone
visita

rias ao
vida, o
o corpo
e seus
s, bem
emento
ou do

s aulas
estinat

osso in-
e, pela
nas em
nto dos
a certa
enrique
s maio-
aulas e
vida. Se
m toma
ssas au-
vés dos
ar. De
ssos as-
unidade
repre-
senvol-

s.
recente-
iedade?

strando
ade, as
cá rea-
gênero,

precon-

Em São
am com
uem se
que ali
arte. In-
rofissão
ssa me-
uma ex-
sempre
Nunca
ta, uma
cejo pe-
mente à
ro ramo
nuamos
ra esse
regular-
o. Some-
fato de
resenta-
aulas, e
custa a

elos vir-
Raras
rofissão,

de muitos
morena do
to os lapis
s suas for-
de modelo.
e dá dores
ato admi-
onsagrados



Moças, velhos, senhoras de cabelos brancos, pequenas de dezesseis anos fazem parte do corpo docente das aulas de modelo vivo da Sociedade Brasileira de Belas Artes. Aqui estão pequenas desenhando nus artísticos. São diletantes, não vêem na arte mais que o prazer de criar alguma coisa de seu. Elas se divertem assim, enquanto o modelo profissional se exhibe no trabalho ingrato e cansativo de mostrar a sua beleza aos olhos dos artistas.

justamente em virtude da incompreensão que ainda têm quase todos com relação à arte. E são justamente esses modelos os que nos interessam, tanto por causa da estética e da plástica, como porque a nossa preocupação principal é manter um ambiente de inteiro respeito no atelier.

CONVERSA COM UM MODELO VIVO

Terminamos a conversa com o pintor Henrique Salvio. O despertador do atelier marcava 19 horas. O modelo se retirou para a cabine. Pouco depois deixava o estúdio, vestida de negro, com os cabelos ondulados descendo sobre os ombros.

Já faláramos com um artista, colhendo as suas impressões sobre o trabalho de um modelo. Não podíamos deixar pois de conversar também com esta, para saber o que pensava ela da arte e do seu próprio mister.

Numa mesa de café, apressadamente, entre duas xícaras pequenas, a moça nos responde sem embaraço, com uma naturalidade e uma candura encantadoras:

— Se estou satisfeita com a profissão de modelo? Parece que estou. O trabalho não é dos piores. Cansa, como cansa qualquer espécie de trabalho. Mas já me habituei a ele, e o próprio cansaço que me causa o serviço já é um velho costume. Se não me entregar ao trabalho um dia, penso que sentirei falta do próprio cansaço.

— Mas a senhorita trabalha apenas na Sociedade Brasileira de Belas Artes, ou põsa ainda em outros ateliers?

— Trabalhei na Sociedade apenas esta semana por um dever de cortezia para com o sr. Henrique Salvio, de quem sou modelo particular. Pôso em seu atelier todos os sábados.

Sou ainda modelo dos escultores Leão Veloso e Florigma e do pintor Oswaldô Teixeira, para quem pôso com regularidade três vezes por semana no Museu Nacional de Belas Artes.

— Quer dizer que trabalha todos os dias como modelo?

— Em média pôso três vezes por dia. Contando-se duas horas de cada pôse, têm-se que trabalho diariamente seis horas. E isto cansa. Mas é a minha profissão e não posso me queixar dela.

"EU FUI AUXILIAR DE ESCRITÓRIO"

— Conte-nos algo de sua vida, senhorita.

— Não tenho muita coisa interessante que contar. Chamo-me Léa de Oliveira, brasileira, dezoito anos. A minha profissão é, como já disse, modelo.

— E há muito que é essa?

— Não. Eu fui auxiliar de escritório. Arrastei muitos meses presa à máquina de escrever, trabalhando para receber no fim de cada mês um magro ordenado. Um dia, faz hoje um ano se tanto, fui apresentada ao artista Leão Veloso, que me pediu para posar em seu atelier. Posei. A princípio tinha um certo embaraço em despir-me num estúdio, mas acostumei-me por fim. A minha família, de início, não queria que eu abraçasse essa profissão. Mas ela é mais rendosa que a minha antiga ocupação, de maneira que fiz ver aos meus a resolução firme de transformar-me em modelo. Não acho que a minha profissão seja menos digna que qualquer outra. Ganho o pão pelo preço de meu trabalho honrado; estou de bem com a minha consciência, e isto me satisfaz plenamente. Não me importa pois que os que sejam presos a precon-

Esgotadas as duas horas de trabalho exaustivo, Léa, a modelo vivo, dirige-se à cabine afim de se vestir. O fotógrafo conseguiu um flagrante quando ela levantava a cortina. Aqui aparece a moça entre um gesso clássico e um auto-retrato de Eliseu Visconti.

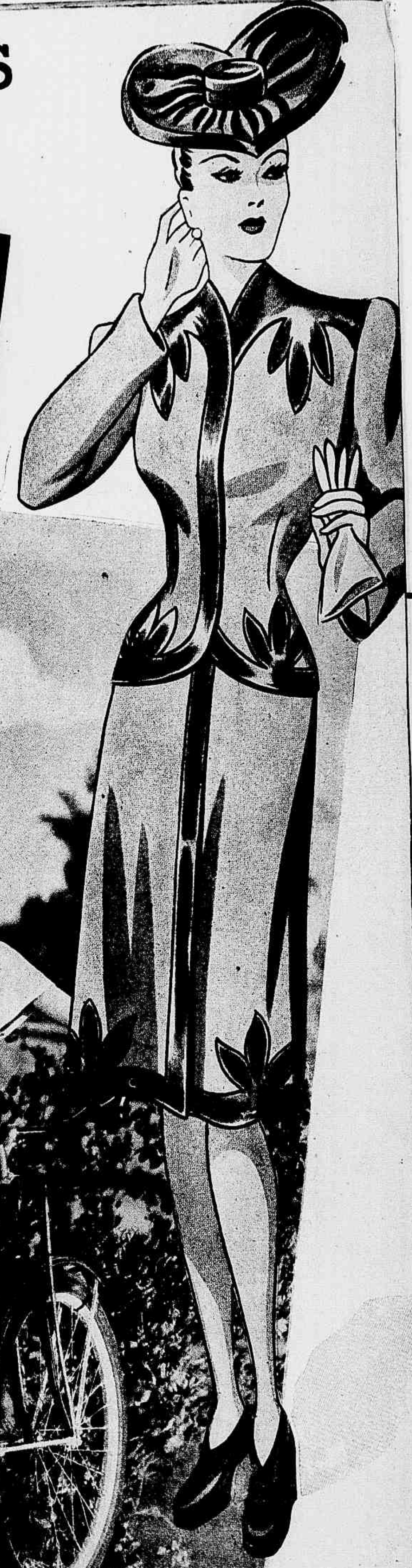


PARA OS DIAS FRIOS

À esquerda: — Para uma corrida gostosa em manhãs de inverno, aqui está uma sugestão apresentada na figura graciosa de Marsha Hunt, da Metro. Saia-calça e bolero em lã fina "gris-pérle". Blusa vermelha pontilhada de branco. À direita: — Um belo traje em duas peças, com um belo trabalho em aplicação de pelúcia.



Da esquerda para a direita:
Num corte amplo, elegantíssimo e esplendidamente adornado de **astrakan** negro, temos aqui este casaco de lã cinza. O branco-e-preto está na moda. E aqui temos Laraine Day, da Metro, que nos apresenta um interessantíssimo traje cuja saia é de veludo negro e a blusa em lã estampada branca e preta. Suspensórios de veludo negro. Costume azul-rei, cujos bolsos em "renard" lhe emprestam uma graça especial.



Gente de bôas maneiras

Conto de
ERNEST AHLGREN

Ilustração de
ARMANDO MOURA

32

ERA um sábado à noite. A sra. Lofberg permanecia nos degraus escadavrados da escadaria exterior trocando as últimas frases de mexericos com a sua amiga, a mulher do "gendarme".

— Pois que ela disse ainda no outro dia...

Parou um instante, porque se aproximava um vagabundo na estrada, com uma saca às costas, calçado na mão; queria esperar que ele passasse antes de continuar a sua conversa confidencial. Mas o vagabundo parou.

— Perdão — disse; e ergueu o chapéu, retificando a posição à maneira dos militares — é aqui que mora o fabricante de calçado Lofberg?

O rosto da sra. Lofberg, que tinha uma expressão severa e desconfiada, iluminou-se imediatamente. Percebeu que tratava com um homem bem educado.

— Sou operário sapateiro e viajo para arranjar emprego. Não haverá, por sorte, um lugar vago em casa do sr. Lofberg?

— Sim... com efeito... presentemente...

— Será por acaso a sra. Lofberg em pessoa que tenho a honra de falar?

— Sim — respondeu a dama com um olhar gracioso e complacente. Endireitou-se e deitou a cabeça para trás como se lamentasse a sua magreza e a ausência de duplo queixo digno de uma matrona da sua importância.

Ele ergueu de novo o chapéu com um gesto mais galante ainda e a sra. Lofberg respondeu à sua cortesia com uma inflexão do corpo tão elegante que se teria suposto tê-la aprendido com o mestre de bailados da corte de Gustavo III.

— Pode ser que esteja incomodando — insinuou cheio de cuidados. — A que momento conviria que me apresentasse ao sr. fabricante?

A mulher do "gendarme" sentia-se totalmente fora de ambiente nessa atmosfera de costumes da alta sociedade; a necessidade de mostrar que igualmente estava ao corrente sobre as boas maneiras das pessoas de categoria, impôs-se a seu espírito.

Eis por que se afastou um pouco, esboçando uma inclinação de cabeça muito digna em direção ao cortês desconhecido.

— Ia precisamente despedir-me — disse estendendo a mão à sua amiga.

— Até logo, minha cara, volte depressa! — sussurrou a sra. Lofberg com voz aflutada; depois dirigiu a sua inteira atenção para o inesperado gentilhomen.

— Acontece que meu marido está em casa; nada o impede de entrar imediatamente e lhe falar...

Abriu a porta e fez com a mão um gesto elegante convidando-o a entrar em casa. Mas o polido desconhecido recusou aceitar tamanha mostra de afabilidade.

— Primeiro as damas — disse enquanto o seu rosto se ornava com um sorriso. — Primeiro as damas: é a minha divisa!

Cada vez mais cavalheiresco, continuava a manter o seu miserável chapelinho no ar a uma curta distância da sua cabeleira revolta, como se não lhe viesse à ideia ficar coberto diante de uma personagem tão educada como a sra. Lofberg.

Os seus modos tinham causado impressão agradável na esposa do fabricante de calçado, e quando entrou no pequeno jardim, seguiu a desconhecido apresentando-se



seu achado ao marido, com visível orgulho. Depois da apresentação oficial, inclinou-se para Lofberg e disse-lhe em voz baixa: — Escuta, deve certamente ser de certa categoria! Tem maneiras tão elegantes!

A idéia de ter um ajudante pertencendo a "certa categoria" há muito que tinha perseguido a sra. Lofberg nos seus sonhos. Por que se não trataria de qualquer filho pródigo de uma família respeitável, um pouco desviado do bom caminho neste baixo mundo? Acontece frequentemente! Então se se ocupassem dele, se ele tivesse família rica, e se a sapataria pudesse tomar um pouco de desenvolvimento, e se ele se comportasse bem, e se os seus pais mostrassem gratidão e se Virginia crescesse um pouco, e se o ajudante se apaixonasse por ela, então... então, fariam um casal adorável; o genro tornaria-se sócio, sua família pagaria o seu estabelecimento, e os jovens teriam boas relações; enfim, também seriam convidados, naturalmente, como parentes da jovem senhora! E assim todo o mundo ficaria sabendo que não eram um casal de sapateiros vulgares, se bem que tivessem vindo reservado e calmamente por causa de certas circunstâncias.

A sra. Lofberg lia com avidez folhetins e sonhava sen: cessar com um príncipe com roupa de operário sapateiro. Essa miragem do futuro fôra, por muitas ocasiões, já dilacerada pela brutal realidade, quando fazia a descoberta decepcionante de que o novo ajudante era "um mariola" — era a sua expressão habitual — que nada tinha de comum com as pessoas de categoria e que carecia totalmente de família rica.

A sra. Lofberg estava portanto intimamente persuadida de que fôra até ao presente vítima de uma espantosa pouca sorte. Era fora de dúvida que existiam filhos de família, fora do seu meio e que se tinham tornado sapateiros; porque não aconteceria que um deles se perdesse até ao limiar de sua casa para realizar o seu sonho?

Pensava na série de "mariolas" desmascarados representando as esperanças decepcionadas da sua existência passada. Evocava-os um após outro em longa e interminável sequência: Blomstenkvist, de bigodes amarelados; Carson, moreno e pequeno; Johansen, que dizia umas coisas tão apimentadas, e Hector, o mais impudente de todos. Fôra ele que um dia tinha com um pontapé enviado o chapéu dela através do quarto dizendo que preferia cobrir-se com um lenço toda a sua vida a pôr tal horror na cabeça!

Dissera isso textualmente! E ela pudera tomar semelhante indivíduo como um senhor bem educado! Ah! soubera responder-lhe! Ela chamava-se, enquanto solteira, Riis — era uma família decente — e envolvera-se de toda a sua dignidade ao dizer "que nascera com um chapéu e que com a graça de Deus morreria também com um chapéu!".

Desta vez a sra. Lofberg esperava que a Providência lhe enviara por fim o homem esperado. Aliás, já era tempo: Virginia era já uma jovem que se aproximava dos vinte anos; o pior é que se interessava por um empregado da padaria chamado Larson, que não era absolutamente um homem de boas maneiras, mas bem ao contrário, afamado como um dos personagens mais grosseiros da localidade, "o maior maroto" do mundo inteiro, segundo a expressão da sra. Lofberg.

O novo auxiliar ao princípio se portou bem. No fim de contas, só se chamava Petterson, mas isto não excluía a possibilidade de um tio rico. Tinha maneiras tão elegantes que a sra. Lofberg se sentiu quase embaraçada a princípio; mas acomodou-se depressa no seu papel e, durante a primeira semana, a família do sapateiro levou uma vida da corte seguindo o cerimonial tão estrito do novo auxiliar. Começava quase toda frase pela palavra "Perdão!" e não dizia três palavras seguidas sem as acompanhar de uma reverência, esboçando os pés uma posição, e o seu peçoço de maçã de Adão proeminente estendia-se com uma atenção respeitosa.

— Perdão — dizia ele à mesa voltando-se galante-mente para a jovem de vinte anos — perdão, como está hoje a senhorita?

(CONTEC NA PÁG. 38)



ESTAMOS na época das inovações, das coisas revolucionárias, dos modernismos chocantes. E para estar de acórdó com estas idéias às vèzes um tanto absurdas, muitas noivas vão para o altar com um traje comum, desprezando o vestido de noivado e a grinalda, esquecidas de que o símbolo é uma das coisas mais belas e mais profundas desta vida. Jesus Cristo quando andou por este mundo a espalhar a sua sementeira de bondade e de ternura, usava para falar à alma das criaturas aquelas parábolas inesquecíveis, aquelas parábolas que ficaram pairando através dos séculos, com a mesma persistência e o mesmo brilho das estrêlas. E o traje de noiva é uma espécie de parábola escrita com flôres de laranjeira e com

rendas. Se você tem o direito de usar a sua coroa de noivado não despreze esta glória. Coloque-a sobre os seus cabelos com a mesma emoção de uma rainha e veja como lhe vai bem essa auréola que conta a tôda a gente na expressão do seu simbolismo todo o seu triunfo de pureza e de amor. Que seja modesta, que seja simples mas não deixe de preparar a sua vestimenta de noivado para o dia de seus esponsais. Será a última vez em que você terá a oportunidade de colocar sobre a sua cabeça a coroa virginal dos botões de laranjeira. Não deixe desperdiçar essa oportunidade única de aparecer a seu noivo com a

"toilette" mais bela que uma mulher pode vestir. Que jamais se apague de seu noivo a aparição encantadora que você há de ser para ele quando, no dia de seu casamento, você lhe surgir sob as ondas alvas do véu nupcial. Não! Que o modernismo não destrua o amor a essa tradição. Que o modernismo não consiga afastar de sua alma o que o modernismo profundo e enternecedor que se respeito ao simbolismo profundo e enternecedor que se concentra num traje de noivado e que a parábola, escrita no cetim de um vestido de noiva, jamais se apague do livro da vida, este livro escrito com a sensibilidade, o sofrimento e as alegrias de cada um de nós!

Jesý Barbosa

NINA FOCH e DUSTY ANDERSON (Columbia)



NOS BASTIDORES FEMININOS

INSTITUTOS HISTORICOS

Não faltam Institutos Historicos e Geograficos no Brasil, instituições de cultura dedicadas sobretudo ao conhecimento dos dias passados do paiz, na multiplicidade dos homens e dos sucessos dele.

Compreende-se que os nossos Institutos historico-geograficos das provincias inclinam de preferencia ao estudo de quanto interesse historia ou geografia local, todas aquellas associações prestando grandes serviços à comunidade intelectual brasileira, cada associação de genero no seu canto de patria.

Deve, por exemplo, o Ceará ao seu Instituto Historico, à sombra da bella memoria do Barão de Studart? Quanto deve São Paulo ao seu Instituto Historico que por sua vez tanto deve a José Torres de Oliveira, seu presidente. E a lista dos servidores dos nossos Institutos Historicos é longa e assinala nomes de celebre ou excelente recomendação.

A cronologia aponta primaz entre Institutos Historicos e Geograficos Brasileiros a associação de tal carater fundada em 1838 no Rio de Janeiro do tempo regencial da minoridade de D. Pedro II para que este reinante desse á associação presença continua ás duas sessões e aos seus trabalhos.

Apenas fundado cuidou o Instituto Historico de publicar revista trimensal mantida até hoje, revista por meio da qual quem estima, quem estuda Historia ou Geografia do Brasil póde inteirar-se de patria, conhecendo tambem bela lista dos socios do Instituto nacionais ou estrangeiros e de varias categorias, quantos homens illustres ou distintos têm sido chamados ao gremio da associação para concorrer aos seus labores ou lhes dar aplauso e simpatia.

Leitura atenta dos muitos, muitos, muitos volumes do Instituto Histórico poderá fornecer materia para recordar pessoas e cousas de significação. Alguns exemplos se apresentam.

Desconhecer Alexandre Herculano é desconhecer a propria lingua portugueza à qual o escritor, amigo e animador do Gonçalves Dias, procurou magnificar por um estilo grave tão condizente ao carater austero de quem manejava aquele estilo. Enquanto soar o vernaculo soará o nome de Alexandre Herculano.

Reconhecendo-o, desejou-o o Instituto Historico para consocio. Na sessão de 15 de Abril de 1847, o 1.º secretario perpetuo do Instituto, Manoel Ferreira Lagos, o medico substituto do padre Januario Barbosa, propunha Alexandre Herculano para socio correspondente da associação.

Em Outubro de 1865, pelos socios conego Fernandes Pinheiro e dr. Moreira de Azevedo e Carlos Honorio de Figueiredo era proposta a transferencia de Alexandre Herculano da classe dos membros correspondentes para a dos honorarios.

A comissão de admissão de socios, por seu relator, Perdigão Malheiro, opinou pela transferencia, dizendo em primeira linha de parecer: E' escusado entrar em pormenores sobre um vulto tão proeminente.

Pouco depois Alexandre Herculano, em companhia de Rebello da Silva, outro proeminente, era socio honorario do Instituto.

Realizando anualmente sessões de Abril a Outubro o Instituto Historico, logo em suas primeiras sessões de Abril de 1866, recebia cartas autografa de Herculano agradecendo a distincção de socio honorario.

Como prova de tal escritor se não deve perder, eis o teor da carta lida em presença de D. Pedro II a 20 de Abril de 1866.

"Illmo. Exmo. Snr. — A singular honra que o Instituto Historico do Imperio do Brasil acaba de fazer-me, incluido, por espontanea resolução, o meu nome no catalogo de seus socios, é para mim a melhor recompensa d'esses poucos serviços que fez à litteratura que tanto podemos chamar portugueza como brasileira por que

pertencendo a ambas as nações no passado, dividida agora em duas, mais pelos accidentes que pela substancia, está e ficará, hoje e no futuro, sempre unida pelos laços indissolueis da identidade da lingua. Rogando a V. Ex. queira pôr na presença da illustre corporação de que é dignissimo secretario a expressão do meu profundo reconhecimento pela mercê que recebo; espero tambem de sua bondade haja de transmittir a offerta dos poucos valiosos serviços que n'este paiz eu possa fazer-lhe, supposto precisar aqui de um rude obreiro para desempenhar qualquer encargo de que o mesmo Instituto queira tirar proveito.

Accete finalmente V. Ex. a homenagem dos meus sinceros respeitos. Lisboa, 28 de Fevereiro de 1866. — A. Herculano. — Illmo. Exmo. Snr. Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro."

Na carta de Herculano ha o que ver em redação e ortografia, sobrelevada na missiva a declaração dos serviços, que Herculano dizia poucos, prestados pelo grande prosador à litteratura, "possivel de ser chamada tanto portugueza como brasileira unidas pela indissolúvel unidade linguistica."

Ao Instituto Historico e Geográfico Brasileiro e seus anos mais que centenarios, este barão do Rio Branco será sempre caro.

Proposto socio do Instituto, em fins de 1866, por indicação de Joaquim Manoel e Macedo e Ferreira Lagos, Silva Paranhos entrava para a associação em 1867 como socio correspondente.

Volvidos quatro decenios a 30 de Janeiro de 1908, o marquês de Paranaguá transmitia ao barão do Rio Branco a presidencia do Instituto.

O novo dirigente pronunciou discurso de agradecimento no qual frisou ser socio do Instituto havia quarenta anos, aceito na associação ao apresentando como título de entrada "um modesto trabalho que, sobre documentos ainda incompletos, escrevera quando estudante em São Paulo".

O modesto trabalho era a excelente Biografia do general José de Abreu, obra de um simples estudante já prometendo ser o incansavel estudioso que, homem feito, se tornou insigne sabedor de historia e geografia patria.

Ao penetrar no Instituto Historico, Silva Paranhos Junior já ele fôra precedido pelo progenitor, ainda não o glorioso visconde do Rio Branco, mas já o respeitado conselheiro Paranhos, socio do Instituto desde 1864.

As multiplas occupaões de magisterio, de administração, de governo, de diplomacia, de vida parlamentar não permittiram que Paranhos Senior deixasse no Instituto a for a

Nomes ha que valorizam qualquer escrito, às vezes um simples bilhete tal seja o seu subscritor.

A 6 de Maio de 1847, o Instituto Historico, recebia officio, sem duvida ainda constante de seu arquivo onde devem sobrar autografos. Illmo. Snr. — A honra que me foi concedida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, isto é, por uma das sociedades nacionais que grandes beneficios tem já feito e muito promete ou a consideremos em relação a seus fins, ou em relação a seus membros, é da ordem d'aquellas que não se pedem, nem recuzam.

Digne-se portanto V. S. transmittir ao Instituto as expressões do meu mais profundo e sincero reconhecimento, e os protestos de que animado pelo honroso título de seu socio correspondente proseguirei incansavel em minhas elocubrações litterarias, porque um dia possa, inda que pouco, contribuir para o conhecimento moral e physico de nosso bello paiz.

Deus Guarde a V. S. Nitheroy 18 de Abril de 1847 — Illmo. Snr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Dr. José Maria da Silva Paranhos.



DR. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA

Em 1847 residia Paranhos numa das ladeiras de Niteroi, a de São João, para poder melhor servir o seu cargo de secretario da provincia do Rio de Janeiro presidida pelo visconde de Sepetiba.

Correr a biografia do visconde é saber de pronto quantas elocubrações politicas, diplomaticas e parlamentares desviaram Paranhos das elocubrações propriamente litterarias às quais ele aludia em 1847 ao agradecer em 1847.

Trinta anos depois mostrou Rio Branco não se haver esquecido do Instituto Histórico quando na Europa a tratamento de uma saude minada e aos embates com cruel padecimento que pouca vida mais lhe concederia.

Na sessão de 8 de Novembro de 1878, o Instituto Histórico presidido pelo visconde de Bom Retiro, o colega de Paranhos no Ministerio da Conciliação, recebia proposta para elevação do socio correspondente visconde do Rio Branco a socio honorario.

Motivando proposta, Pinheiro de Campos, Carlos Honorio de Figueiredo, Araripe, Coruja e Baptista Caetano alvitavam transferencia de classe por constar que Rio Branco, então na Europa, não se esquecia do Instituto, atentos alem disto no proposto os seus serviços tuperiores". A proposta era daquellas que ao serem formuladas já estão aprovadas.

Agora para fim do esvoaçar de lembranças em torno da grande vida social do Instituto Historico, seja recordado um episodio marcante naquela vida.

A 7 de Novembro de 1889 presidia D. Pedro II pela ultima vez sessão do Instituto, oito dias depois o Brasil Republica. Quinzena após, a 29 de Novembro realisava ao Instituto primeira sessão em novo regime.

Na reunião levantou-se um socio, João Severiano da Fonseca, irmão de Deodoro, chefe de Governo Provisorio. Com as mais alevantadas expressões rendeu homenagem a D. Pedro II como figura da nação, todo o discurso de João Severiano ouvido de pé pelo auditorio, acompanhando a comoção do nobre orador.

Quão de meditar a sua excecional oração. Atente-se na qualidade que unia João Severiano ao triunfador do momento, atente-se ao proprio momento no qual era lido o significativo discurso. Repassavam-o louvor, respeito e reconhecimento de serviços ao paiz, prestados no gastar energias a bem da patria, valendo a quem as consumira cans precoces e prematuro alquebrar de fisico.

Apreciado com serenidade, o discurso de João Severiano, em Novembro de 1889, é o antecipado apelo "à justiça de Deus na voz da História".

ESCRAGNOLLE DORIA

M U S I C A

Sociedade do Quarteto

A Sociedade do Quarteto vem submetendo em seus concertos o público carioca a um severo "test" de apreciação musical. É, portanto, animador o resultado, visto como o auditório da Associação Brasileira de Imprensa tem se enchido regularmente.

A música de câmara não comporta a atração mais superficial que a música sinfônica fornece, além das qualidades mais puramente musicais. Reduzindo-se a estas, a música de câmara requer o máximo dos intérpretes como dos ouvintes. Eis por que é um "test" de apreciação musical, conforme disse.

Pelo que nos tem dado a Sociedade do Quarteto podemos prever um futuro glorioso para esse grupo. Não é preciso repetir aqui os elogios que já foram feitos ao Quarteto Jacovino. Queria somente salientar que no último recital ele se apresentou, como sempre, ou ainda mais do que sempre, unido, afinado, homogêneo.

A execução de obras desse gênero não comporta o brilho pessoal: é preciso, antes de mais nada, que o intérprete se integre perfeitamente no conjunto sem vaidades "virtuosísticas", se me perdoam a expressão rebarbativa. E foi justamente o que vimos acontecer. O conjunto afinado, seguro, porém de tal forma homogêneo que não poderíamos sem cometer uma injustiça salientar a execução de um dos seus componentes.

Demonstrando um grande talento para essa espécie de música e — mais do que isso — uma compreensão elogiável do seu papel no conjunto, apresentou-se Tomás Terán. O quarteto de Brahms foi uma prova dessas qualidades demonstradas pelos intérpretes.

Uma obra delicada, revelando ainda a influência de Schumann, já mostra claramente o interesse de Brahms pela música húngara.

Terán foi de uma discrição a toda prova. E' esse o maior elogio que lhe podemos fazer; e é quanto basta. Dominando o piano, completamente senhor de uma técnica surpreendente, Terán soube utilizá-la com moderação, enquadrando-se perfeitamente no conjunto. Fruto, sem dúvida, de muitos ensaios — o que é mais do que louvável — era a justeza com que se uniam e se alternavam os instrumentos, precisos, justos e sobretudo de uma pureza de sonoridades verdadeiramente exemplar.

Completo o programa um Quarteto de Mozart e uma página de Mac Even. Quanto a esta, é um trabalho agradável, sem qualidades excepcionais. Uma linguagem intimista empregada com um bom gosto muito elogiável.

Em suma, uma noite perfeitamente satisfatória foi o que nos ofereceu a Sociedade do Quarteto.

Roberto Lyra Filho

NOTICIÁRIO

O prefeito Henrique Dodsworth ordenou a gravação de todos os programas do maestro Erich Kleiber dedicados a músicos brasileiros. Essas gravações serão distribuídas por todas as emissoras brasileiras e discotecas públicas do país e do estrangeiro, com o intuito de tornar mais conhecidos os compositores brasileiros.

★

O sexto concerto popular da Prefeitura apresentou Leticia de Figueiredo, Edmundo Blois e Ester Nalberger. Os comentários foram feitos pelo crítico M. Silva Reille.

★

A cantora Ruth Stamile deu um concerto, dia 9, no auditório da A. B. I.

★

Comemorando o "Independence Day" americano, a Orquestra Sinfônica Brasileira deu um concerto com música "yankee", no qual tomaram parte a pianista Ana Carolina e a cantora Heloisa de Albuquerque.



Johannes Brahms

Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

C I N E M A

"O tempo é uma ilusão"

Há um grande mal no fato de sistematizar-se um determinado cinema no lançamento de produção medíocre. Acontece que o público se desacostuma a frequentá-lo e, quando alguma vez, por acaso, os programadores mandam para a tela desse cinema abandonado alguma coisa de maior valor, o prejuízo é certo. Até que o público venha a certificar-se de que o filme vale ser assistido — e isto começará quando surgirem os comentários por escrito ou falados por aqueles que vão ao cinema ver qualquer coisa, de bom ou de mau — esse espetáculo de classe estará sendo arruinado. Salvo casos excepcionais, é isso o que acontece. Recentemente tivemos no Palácio uma série de películas medíocres da Fox. E quando, inesperadamente, a Fox mandou para o cartaz "Concerto Macabro", que era de fato uma película de classe, só quase no fim da semana a repercussão se fez sentir. Logo depois a Columbia estreou "A noite sonhamos", mas o filme de Paul Muni e Merle Oberon fôra precedido de uma grande campanha publicitária. E já dissemos em número anterior que "A noite sonhamos" devolveu ao veterano cinema da rua do Passeio a sua classificação de ponto elegante de reuniões.

Mas o que se passou com "O tempo é uma ilusão" foi diferente. Esse filme, considerado com toda justiça um dos melhores, senão o melhor ainda realizado pelo espírito excepcional de René Clair, merecia um tratamento melhor na sua apresentação. E, principalmente, um cinema de outra categoria. Bem sabemos que o público vai ver um filme bom onde ele estiver sendo exibido; mas, primeiro, será mister que lhe digam onde isso acontece. E "O tempo é uma ilusão" passou em branca nuvem no Pathé, quando justificaria uma permanência maior em cartaz. É, de fato, uma comédia divertida e bem feita, mas não uma farsa das que frequentemente temos de assistir. Dick Powell, Linda Darnell e Jack Oakie, seus protagonistas, correspondem como poucas vezes tem acontecido. Linda Darnell, principalmente, está notável. E a história filmada vale por um ensejo magnífico para o leitor se compenetrar do quanto se pode fazer em cinema, transigindo com o público que quer divertir-se antes de tudo, sem resvalar para o absurdo. Vão ver o filme de René Clair, que faz lembrar "O Fantasma Camarada", sendo talvez ainda superior. E digam-nos, depois, se aquela "trouvaile" do espírito do jornalista, editando um jornal do além-túmulo, onde se publicam, sensacionalmente, as maiores ocorrências na véspera delas se realizarem, é ou não um espetáculo de primeira classe.

Colação: 3 (MUITO BOM)

No novo Parisiense serão exibidos apenas filmes inéditos, de grande espetáculo, que depois seguem os demais cinemas do circuito V. R. de Castro. O segundo será "A mulher que não sabia amar", da Paramount, com Ginger Rogers.

★

Fala-se no levantamento de dois grandes cinemas na Avenida Presidente Vargas e talvez também um teatro. Mas ainda não foi divulgado de quem partirão essas iniciativas.

★

A título de curiosidade: uma revista americana informou que as execuções de Chopin, ao piano, no filme "A noite sonhamos", são feitas por José Iturbi, embora seu nome não figure no "cast".

★

Recebemos da Paramount um exemplar da interessante publicação editada pela sua matriz de Nova York, contendo fotografias e apontamentos biográficos de todos seus artistas e ainda uma relação preciosa de quinhentos filmes com os títulos no original inglês, em português e espanhol. É, de fato, um precioso elemento de informação para os cronistas cinematográficos. Gratos.



Linda Darnell e Dick Powell em "O tempo é uma ilusão".



J.W.T.



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE
DARÁ TANTA SATISFAÇÃO.

**'ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO**



**PRINCE
DE GALES**
UM PRODUTO
COSTA PENNA

GENTE DE BOAS MANEIRAS

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 33)

Mas a srta. Virgínia, se bem que descendente da velha família Riis, não era partidária das locuções rebuscadas e respondia com impertinência: "Sim, perdão, bem...", o que a mãe julgava simultaneamente incorreto e cômico, mais cômico que incorreto, pois que tinha forte admiração por sua filha, de nariz chato, sua única filha.

Quando o sr. Petterson se voltava com igual delicadeza para a dama, encontrava sempre melhor acolhimento.

— Perdão, poderia talvez pedir um pouco desse arenque, de preferência um pedaço da parte inferior...

E a sra. Lofberg tomava delicadamente na ponta da sua faca a parte inferior e colocava-a no prato do sr. Petterson, propondo-se evitar doravante a palavra "rabo" o mais possível e se servir antes da expressão "parte inferior" de melhor tom, seguramente, como empregava o ajudante tão versado nos usos dos salões.

O velho Lofberg enfiara-se a princípio ao ver o que ele chamava uma "maldita comédia": mas a sua opinião não tinha nenhuma importância fora da oficina: aqui era a esposa quem tomava as rédeas. Mas, nas horas de trabalho, ele desforrava-se, jurando e praguejando e contando histórias licenciosas ao ajudante, que pelo seu lado imitava Alcebiades entre os trácios, abandonando as suas maneiras elegantes e conduzindo-se com toda a grosseria imaginável. A sra. Lofberg por nada deste mundo suspeitava disso, o velho, que descobria em Petterson um tipo agradável, abstinha-se de revelar, com receio de que o alegre moço recebesse a trouxa e ordem de despedida, se fosse alguma vez desmascarado. Porque era a esposa quem se encarregava de admitir e despedir os operários da casa, e eis por que estes nunca se demoravam muito no lugar. A sra. Lofberg, em solteira Riis, era muito meticulosa em se tratando da sua dignidade; desde que um dos supostos filhos de família lhe caminhava sobre os pés,

a sua despedida irrevogável não tardava e o culpado via-se na rua o mais cedo possível.

No que se refere ao novo ajudante tudo parecia marchar de vento em pópa. Já se começara a acostumar aos hábitos da casa e a jovem Virgínia não estava longe de se agradar na sua companhia, pois que ele se mostrava muito menos cerimonioso logo que a encontrava longe do olhar materno. As suas maneiras retomavam logo a segurança de um galã e os dotes de espírito picante apareciam-lhe na ponta da língua tão bem que ela não podia deixar de rir. O caso do moço da padaria estava em maus lençóis; as suas ações não tinham cessado de descer desde o dia em que os Lofberg haviam admitido o novo ajudante.

Mas o padeiro não tomava as coisas a sério. Mostrava um sorriso manhoso e dizia: "Não demorará muito, caramba, que ele seja pôsto no ôlho da rua como os outros!" Conhecia bem a sra. Lofberg.

Uma bela manhã dominical, três semanas depois da admissão do novo ajudante, a dama, vestida com o seu vestido dos domingos, direita e empetigada, lia o romance do "Jornal das Famílias" com a atenção requerida. Virgínia veio da cozinha, deu algumas voltas na sala com ar de quem se aborrecia muito.

— Onde estão papai e o sr. Petterson? — perguntou por fim.

A sra. Lofberg ergueu os olhos do romance:

— Esses senhores foram dar um passeio pela aldeia — disse.

Três semanas de uma existência de côrte tinham de tal modo desenvolvido as suas predisposições cerimoniosas que a sua amiga a senhora do "gendarme" quase não ousava visitá-la com receio de ofender as leis da etiqueta. Tinha já sido objeto de várias admoestações quando das suas visitas, e como tinha no fundo uma inclinação análoga para se mostrar "chic", era-lhe difícil suportar a evidente superioridade da sua amiga, tanto mais que o seu marido era uma espécie de funcionário e, portanto, de categoria mais elevada que o sapateiro da aldeia. A falsidade desta situação atormentava a senhora do "gendarme" e as suas visitas à sra. Lofberg espaçavam-se em consequência disso de algum tempo para cá.

Durante toda essa manhã de domingo, a sra. Lofberg ficou só, rígida e direita, com receio de amarrotar o seu vestido dos dias de festa e de ver a sua elegância desalinhada. Virgínia saíra por sua vez para a aldeia, mas sua mãe não sentia a falta de convivência. Estava em plena intriga romanesca: o filho pródigo fora um alcoólatra inveterado antes de conhecer a honrada família de artesãos e a intriga tinha-se desenvolvido brilhantemente; o seu amor com a jovem menina desabrochava através de belas palavras, ao passo que a primavera se estendia sobre a terra, que o sol os favorecia com todo o seu quente brilho, as aves cantavam e as flores embalsamavam o ar. E por detrás deste conjunto encantador entrevia já o parente afortunado, o nobre benfeitor, com um saco de ouro em cada mão, pronto a interessar-se pelo jovem casal, a guiá-lo através deste mundo magnífico, e a tomar a dama da estimável família de artesãos nos seus braços, exclamando: "Ó minha prima! quanto sou feliz! E' graças à sua solicitude que o meu jovem parente se tornou um coração nobre! Como poderei testemunhar-lhe a minha gratidão?"

E a sra. Lofberg pinta o nobre ancião de cabelos brancos, que a sua fantasia evoca, como evocou a última parte da história, e murmura:

— Juntando os nossos esforços pela felicidade destes jovens que se amam!

Mas ouviu de súbito tacaões de botas que esbarram contra os degraus de pedra; a porta abre-se, Lofberg e Petterson entram. Dão a impressão de estarem extraordinariamente "alegres" e ao primeiro golpe de vista a sra. Lofberg percebe que deram o seu passeio com todos os matadores — dar um passeio significava depois do cerimonial: ir ao botaquim.

A sra. Lofberg tivera na sua vida várias ocasiões para estudar os efeitos da embriaguez, tanto em seu marido como nos operários, para que esse espetáculo pudesse exercer influência perturbadora na sua calma. Continuava — enquanto um novo ajudante não fosse desmascarado — com um otimismo decidido, e concebera uma teoria de salão segundo a qual uma ligeira embriaguez não deixava de ser desprovida de certo grandfinitismo, com a condição, bem entendido, de não ser provocada pela aguardente, pela cerveja ou outras bebidas análogas e vulgares. Nos romances, notara várias vezes que se falava do "nobre sumo da



NUNCA É TARDE PARA ENSINAR
À SUA FILHA QUE O "OLEO DE
PEROBA" LUSTRA, LIMPA E
RENOVA MÓVEIS...



— Plano antigo com os cúmplices...
 — Veja só...
 — Pena é que o tenhamos pegado sozinho.
 — É. Será que os outros ainda andam por aí?
 — Mandei uma patrulha, mas essa gente é sabida... Não se deixa pegar assim... Esse aqui acreditava que suas preocupações iam acabar...
 — Com a prisão dele os outros devem estar assustados...
 — Devem ter fugido para as tocas... Virando-se para George o delegado disse:
 — Então, belezinha? Onde estão seus amiguinhos, hein?
 — Já lhe disse...
 — Pelo amor de Deus. Não vá inventar a história de que o prendemos por engano e que o criminoso é um sócio seu... Isso é mais velho que as pirâmides do Egito.
 — Mas...
 — Ah... Tire-lhe as palavras da boca, hein? Qual! Essa gente não tem imaginação.
 — Mas eu protesto!
 — Ouçam só. Ele protesta...
 As risadas dos guardas o enfureceram.

— Para que serve essa porcaria dessa polícia? Para que serve essa porcaria dessa polícia? — repetiu frenético. — Vocês prendem sempre os inocentes e deixam os culpados à solta! Um bando de ineptos, de idiotas, de bandidos é o que vocês são... Comprados por meia dúzia de políticos importantes e imbecis! Imbecis! Imbecis!

— Olhem só como ele está nervoso. Escute, jovem: você pode falar à vontade. Afinal de contas, amanhã... Não é?

Todos olharam para George:

— Amanhã?

— Sim; não vai me dizer que já esqueceu...

— Que haverá amanhã?

— Amanhã, meu menino, você será eletrocutado...

— Mas...

— Bonito, hein?

— Mas...

— Pode protestar agora. Estou ouvindo...

O choque tirara-lhe a veemência. Ele não sabia mais o que dizer. Se era tão parecido com o criminoso para que o trocassem, então... Seria possível que... Ele passaria pelo criminoso... este estaria livre... Oficialmente morto...



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
 Mina e Destroi sua Vitalidade
 Arruína sua Força e Saúde
 Rouba sua Personalidade
 Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
 2 Purgante

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

Mas não tinha ele decidido morrer? Não, de uma vez por todas, acabar com aquilo tudo? E agora, no momento em que... Não. Não podia morrer assim.

Passou aquela noite na prisão e teve todo o tempo para refletir.

Lembrou-se, de repente, de tudo o que se passara e novamente o conflito se apresentou, dominador. Como acontecera antes. Toda aquela tranquilidade custosamente adquirida desaparecera com o perigo a que se expusera. Agora não era mais um homem que tinha decidido morrer no dia seguinte, porém um homem que morreria no dia seguinte, por engano, pagando o crime de um outro. Isso levantava desde logo um protesto inevitável, e vendo seu equilíbrio ameaçado ele sentia voltarem as recordações que fazia o possível para poder controlar e afastar.

Quando Martin viera, francamente, falar com ele, a primeira impressão fora de incredulidade. Fazia tudo para acreditar que estava ouvindo uma história inventada ou, pelo menos, uma história que nada tinha a ver com ele. Mas não era possível. Ele sempre haveria de lembrar aquele momento, aquela frase inexorável: "Estou apaixonado por sua mulher. E ela me ama".

Quando a segunda frase, completando e tornando mais terrível a notícia, viera, ele tentara sorrir.

O outro explicara: "Você, George, não merece outra coisa. Nós dois sabemos que você é o melhor amigo que pode haver e sentimos que seria muito feio, incrivelmente baixo, não dizer a você francamente. Uma fuga sem explicações seria vergonhoso e uma outra situação inconcebível. Portanto, eu venho pedir a você que conceda o divórcio à sua mulher".

Ele tentara acreditar que estava ouvindo uma história fantástica numa nova tentativa de fugir à realidade. Mas não

era possível. Os fatos se apresentavam inexoráveis e o arrebatavam com uma força que ele não podia explicar.

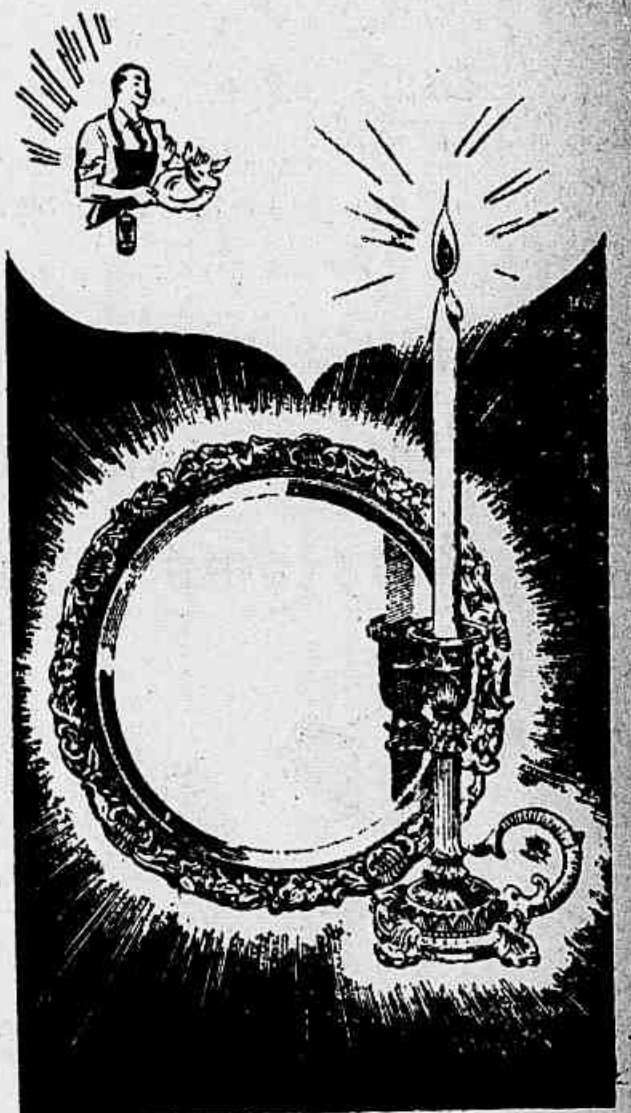
Viu, em retrospecto, naquela cela de prisão, a mulher e o amigo juntos, unidos depois do divórcio que ele concedera, e pensou no testamento. Aquilo seria como que um último gesto para que eles soubessem que ele havia perdoado. Deixara toda sua fortuna para Martin. Martin, que roubara a sua esposa, a mulher que ele amava.

Ouvia os passos do guarda no corredor. E pensava, refletia. Agora tinha decidido morrer. No entanto, em face da morte, punha-se a protestar. Imediatamente vinha o argumento: se ao menos fôsse um homem inocente que eu estivesse salvando. Quem sabe? O destino tinha dessas ironias. Quem sabe se não seria um gesto de Deus... Um homem queria mor-

Use



o que usam
 os melhores
 joalheiros
 para limpar
 sua prataria!



Ao mesmo tempo
 LUSTRA e LIMPA
 a Prataria!

Hemorróidas e Varizes

Tratamento sem operação

Para varizes (nas pernas) e hemorróidas internas, use via bucal. Para hemorróidas externas, use a pomada e tome juntamente o líquido.

Não encontrando em Farmácias e Drogarias, peça para a Caixa Postal 1874 - São Paulo.

Hemo-Virtus

PETTINATI



rer... outro queria viver... Mas não! Nunca, nunca poderia sofrer por um criminoso. Era estranho como naquela hora ele estava disposto a lutar por uma vida que tencionava terminar no dia seguinte.

Ao amanhecer o dia, ele foi chamado à presença do delegado.

Havia, na sala, mais quatro homens.

— Aqui está ele.

Um dos homens, entretanto, depois de examiná-lo, disse:

— Não é este. É muito parecido, mas não é este.

O delegado não escondeu sua surpresa. George ouviu indiferente as suas descul-

Que Problema!

Preciso comprar...

um aparelho de jantar
uma nova vitrola
roupas para esporte
malas para viagem

Preciso comprar...

brinquedos para meus filhos
um presente para minha esposa
mais um presente para meu chefe...

Preciso comprar...

Preciso comprar...

Mas, como adquirir tudo isto?



Não se preocupe

A resposta é simples:

UM Credi-MESBLA

RESOLVE SEU PROBLEMA

Porque lhe oferece a possibilidade de comprar a crédito tudo o que desejar e pagar suavemente em 10 prestações

SEM FIADOR

Peça mais informações ao nosso Depto. CREDI-MESBLA. MESBLA S. A., Rua do Passelo, 48/54 - 1.º andar

FONE 22-7720 - RAMAL 33

José M. Lopes

ALFAIATE

ROUPAS SOB MEDIDA

Rua dos Invalidos, 203

Telefone 22-8400

RIO DE JANEIRO



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

pas. Seu olhar se fixara numa carta, ainda não aberta, que havia sobre a mesa

Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empoas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM

do delegado. Uma carta que ele, George, escrevera, e uma carta na qual ele anunciava que ia morrer por sua livre e espontânea vontade.

Quando o delegado acabou de falar ele disse:

— Quer me dar esta carta?

O homem o olhou, surpreso:

— Esta carta?

— Sim. Eu a escrevi ontem, e a onde recei ao senhor. Mudei de idéia porém.

O delegado pareceu compreender, porque, sem mais uma palavra, entregou-a. George rasgou-a com energia. Depois disse:

— Senhores, passem bem.

E saiu. O sol iluminava as ruas. George caminhava firmemente, para casa... decidiu não alterar o testamento.

HEMORRHOIDAS? tome

LUC 3518-14-3 925 D.M.S.P.

ENCONTRA-SE EM TODAS AS

DRUGARIAS

PROFESSOR

Pilulas de Herva de Richo

Garantimos! Ótimas! INFALLÍVEIS!

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drágeas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo reembolso Postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estréla - 1
RIO DE JANEIRO

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
À VENDA EM TODA A PARTE



UMA CREAÇÃO INIMITÁVEL DE

ROGER & GALLET

DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE
Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna.
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO
DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edifício Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 hs.

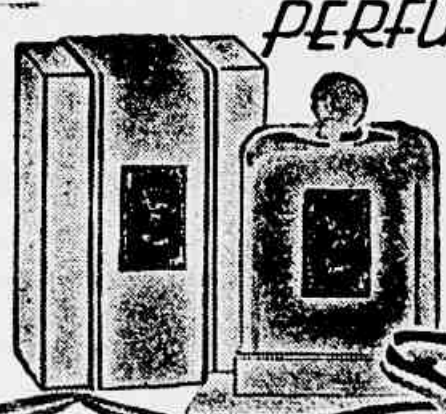
3 Modelos.

Para as tardes menos frias ou para serem usados sob a sua capa de peles, aqui estão estes modelos que deverão ser executados em seda encorpada. O último, à direita, com suas dragonas e o seu cinto à russa, é de um "chic" e de uma oportunidade absolutos.

LABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

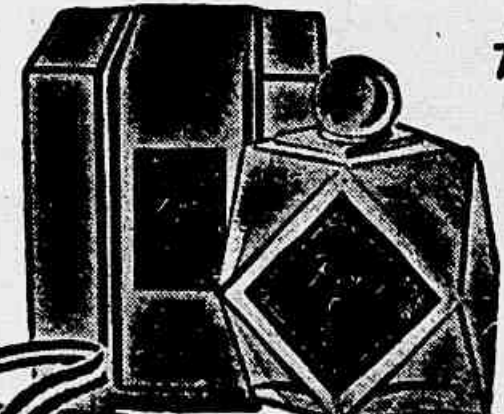
BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOYE
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luís Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Não enviar de prospectos
endereço

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricor



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

VENDA ESPECIAL

47º ANIVERSÁRIO



Cretones, colchas, cobertores e demais artigos de cama e mesa, de ótima qualidade, com grande remarcação, são encontrados na já tradicional Venda Especial comemorativa do 47º aniversário da CAMISARIA PROGRESSO.

CAMISARIA
Progresso

PRAÇA TIRADENTES — 2 e 4



GENTE DE BOAS MANEIRAS

(COM INÚAÇÃO DA PÁG. 38)

cepa" e estorçava-se por acordar essa concepção com a realidade que tinha sob os olhos. Durante este período de otimismo, idealizava a "alegria do homem como a de um ajudante ainda não desmascarado, procurando fazer crer aos outros e a si mesmo que a sua animação provinha de fontes de alegria muito admissíveis escondidas sob estas palavras misteriosas e solenes: champanha e vinhos finos".

Não saiu dessa concepção ao vê-los entrar com as pernas vacilantes. E o sr. Petterson possuía presença de espírito suficiente para esboçar uma reverência de cortesia; o velho teve a noção suficiente do seu estado para deslizar logo que possível até à oficina onde se deitou a um canto com o fim de se desembrigar com o sono.

Sem dúvida Petterson devia ter feito o mesmo; mas, em lugar disso, tomou com temeridade uma adadeira e sentou-se em face da sra. Lofberg, forçando-a quase a travar conversa, visto que, segundo todas as conveniências estabelecidas, as pessoas bem educadas não podem ficar silenciosas uma em frente da outra. Começou portanto a conversa, sorrindo com amabilidade e muito feliz por se ver uma vez perto de uma embriaguez elegante, a embriaguez do vinho fino, que se manifestava com certa dignidade e que era preciso julgar com uma certa indulgência.

— Os senhores saíram a tomar um gole de vinho — disse com simplicidade.

— Diabo, tomámos vinho, do bom e verdadeiro vinho de batatas — gaguejou o sr. Petterson, menos afetadamente do que costume, com o rosto descomposto por um sorriso idiota. A sra. Lofberg sentiu como que uma pancada no peito. Com poucas palavras acabara êle de destruir todas as suas ilusões no que se referia à embriaguez distinta.

Mas ela sabia muito bem que uma natureza refinada podia, sob a influência da embriaguez, cometer cingadas; dizia para si mesma que no fim de contas êle continuava ainda a ser o filho pródigo, que a sua reparação ainda não começara (o jovem ainda não se apaixonara por Virgínia porque se isso se tivesse dado, a sua opinião teria, desde logo, um carácter mais severo). Fez portanto de conta que não notara o que a sua resposta tinha de inconveniente e continuou a conversa com a mesma indulgente doçura:

— Diga-me, sr. Petterson... já adivinhei que pertence

ao que se chama classe superior... Quando se é da sociedade, isso vê-se logo e percebe-se sem custo...

— Si-m — assegurou Petterson; mas a sua réplica soou mal aos ouvidos da sra. Lofberg, pois que êle deixara totalmente o terreno habitual das suas "maneiras".

— Si-m, é o que lhe digo — continuou êle, balançando o corpo — também não me têm faltado "boas" noivas...

A sra. Lofberg sentiu-se mal para responder; compreendeu que mais valia deixar acabar a conversa, que devia cingir-se da sua dignidade como o faz uma verdadeira dama quando lhe ferem um sentimento virtuoso.

— Na minha juventude — disse ela severamente — não seria julgado conveniente empregar o plural quando se trata de tais assuntos...

O sr. Petterson não percebeu nada.

— Não eram assuntos, visto que eram noivos — respondeu êle com trivialidade um pouco provocante.

A sra. Lofberg não julgou dever honrar com uma resposta uma frase tão equívoca. Ergueu a cabeça e levantou o queixo, o que era de qualquer modo o seu ultimatum costumeado quando a sua dignidade se achava em jogo. Mas o operário, outrora de tão boas maneiras, parecia cada vez mais possuído do espírito pouco gracioso da aguardente vulgar. Continuava de resto a rolar pela cabeça as últimas expressões da dama, com o receto do bêbedo de ver nelas qualquer desdém ou troça.

— O que é que a... senhora dizia... de empregar o...

— O plural — respondeu a sra. Lofberg com o seu tom mais sério.

— O que... é... que... isso... quer dizer? que... eu... estou... bêbedo?

Presentemente, acabara-se a paciência da sra. Lofberg. Todas as suas ilusões referentes à embriaguez distinta se tinham dissipado e a sua fé num sr. Petterson filho pródigo e de grande família morrera ali mesmo. Perdeu até a noção do seu papel de grande dama, e seu furor rebentou, desencadeou-se; ergueu-se, com os olhos fulgurantes de cólera e, avançando, com o punho cerrado sob o nariz do operário que, assustado, bateu em retirada, exclamou com uma voz que silvava e tremia:

— Quer dizer que... não passas de um mariola... e que vais para a rua amanhã... Compreendestes... suíno?

Tendo dito isto, abandonou majestosamente a sala.

Assim foi o sr. Petterson despedido e sem remédio.

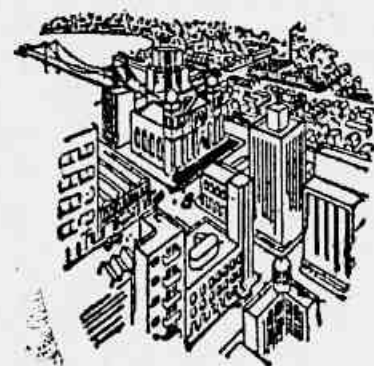
Quando desembrigado, no dia seguinte, tentou retomar para com a sra. Lofberg as suas maneiras de cortesia, a sua atitude deixou-a completamente fria. Estava agora desmascarado e na impossibilidade de continuar o papel de jovem galã no romance da dama.

Houve quem visse o moço padeiro rir a bom rir quando o seu rival partiu, com as botas dependuradas dos ombros. Êle sempre o dissera!

Cada vez que o sapateiro Lofberg admitia um novo ajudante no lugar do último expulso, era na família uma verdadeira festa...

Mas nunca durava muito...

50 anos de proteção à família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construída com os seguros já pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência



Sul America

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA
Calle Portal 971 - Rio de Janeiro



CANDELABRO

(Conto de ANTON TCHEKHOV)

TRAZENDO debaixo do braço um objeto envolvido no número 23 das "Novidades da Bolsa", Sacha Smirnov, filho único, assumindo um ar muito grave, entrou no gabinete do dr. Kochelkov.

— Olá, meu caro rapaz — exclamou o doutor. — Então, como vamos? Que conta de novo?

Sacha piscou, levou a mão ao peito e declarou com voz comovida:

— Mamãe envia-lhe suas saudações, Ivan Nikolaievitch, e me encarregou de agradecer-lhe... Sou filho único e o se-

nhor me salvou a vida... O senhor me curou uma doença perigosa e nós não sabemos como provar nossa gratidão.

— Ora, esqueça-se disso, meu rapaz — interrompeu o doutor. Fiz o que outro qualquer teria feito em meu lugar.

— Sou o único filho de mamãe... Nós somos pobres e seguramente não estamos em condições de poder pagar-lhe seus cuidados. Isso nos tortura, doutor, se bem que, por outro lado, supliquemos, minha mãe e eu, seu filho único, que o senhor aceite este candelabro, essa extraordinária obra de arte...

— Para que isso?

— Não. Peço-lhe. Não recuse. Sua recusa nos magoaria... É um belo objeto, em bronze antigo. Ele nos vem do meu falecido pai e nós o guardamos como uma lembrança muito cara... Papai comprava



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 118 - Sob. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado

R.S.

bronzes velhos e os revendia aos amadores. Agora mamãe e eu continuamos seu pequeno negócio...

Sacha desembalou o objeto e colocou-o

sobre a mesa. Era um candelabro, de tamanho médio, em bronze antigo, artisticamente trabalhado. Representava um

(Continua na pág. 45)

*No meu quintal
uma granja!*



SIMI TRANSFORME SEU QUINTALZINHO NUMA GRANJA.

O gasto é mínimo, pouco é o trabalho, constituindo uma ocupação agradável que possibilita uma melhoria nos cardápios da família, com frangos gordos e ovos frescos.

Inicie sua criação de galinhas com 30 pintos, 1 criadeira e 10 quilos de alimentos, gastando apenas Cr\$ 250,00.

SCAL
O CANINHO CERTO EM AVICULTURA

Sociedade Comissária Avícola Ltda.

RIO - R. DO LAVRADIO, 17 - FONE 22-7999

BUA DOS ANDRADAS, 115 - FONE 23-3490

Voga Publicidade.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

- ★ Água de Colônia
- ★ Brilhantina
- ★ Extrato
- ★ Loção
- ★ Óleo perfumado
- ★ Pó de Arroz
- ★ Sabonete

Perfume
Organdy
de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



O NÚ A SERVIÇO DA ARTE

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 29)

ceitos idiotas e retrógrados pensem a respeito de um modelo vivo. Não tenho que me queixar dos artistas para quem poso, que sempre me trataram com respeito e cavalheirismo. Penso pois que encontrei a profissão certa, de acordo com minhas vocações e minhas tendências. Gosto do ambiente artístico dos ateliers que frequento, gosto dos artistas para quem trabalho. Trabalho muito, mas sinto-me recompensada de tudo, pois sirvo à arte, e isto já é um consolo e um estímulo.

— A senhorita posou para algum quadro ou escultura que já tenham sido expostos?

— Já. No "Salão de Niterói", que ora se encontra aberto, há um quadro de Oswaldo Teixeira, "Escultura", para o qual servi de modelo. Para o pintor ele é apenas uma obra

de arte a mais. Para mim ele representa o trabalho exaustivo de longos dias. Ai tem o senhor portanto os espinhos e as rosas de minha profissão.

— Mas é esse atualmente o seu nico ramo de atividade?

— Exclusivamente, não. Trabalho também como "girl" na companhia de cinema "Atlantida", mas isso não pode ser considerado como uma profissão, nem mesmo como um ramo de atividade. Ali trabalho apenas por amor à arte, para fazer também alguma coisa em prol do cinema nacional. Tenho aparecido como figurante algumas vezes na tela dos cinemas. Mas reconheço que o meu verdadeiro

lugar é na tela dos quadros. Sou "girl" nas horas vagas, nas raras horas vagas que me deixa o trabalho de modelo. Passo o dia correndo de um atelier para outro, pois necessito trabalhar para viver. Se encontrar ainda mais trabalho, tanto melhor. Sou modelo e se mais puder posar mais o farei. Poso sempre que for preciso e quando for contratada. Posar para os artistas é o meu dever, pois abracei a profissão de modelo. E trabalharei sempre com agrado dentro desse ramo de atividade, embora no Brasil não recompensem como no estrangeiro a um modelo. No entanto continuarei sendo modelo. Essa é a minha profissão e não me envergonho dela.



Irresistível

será a sua cutis, se a sra.

usar VAN ESS porque estes pós

e "rouges" - atomizados - dão à

pele uma suavidade de pétalas, frescor

de orvalho, fragrancia de flores...

VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

REVISTA DA SEMANA

Comunicamos aos interessados que não está mais em vigor a autorização conferida ao sr. **Olimpio de Lucena Montenegro** para obter matéria destinada a esta revista.

Rua Maranguape, 15 — Rio.

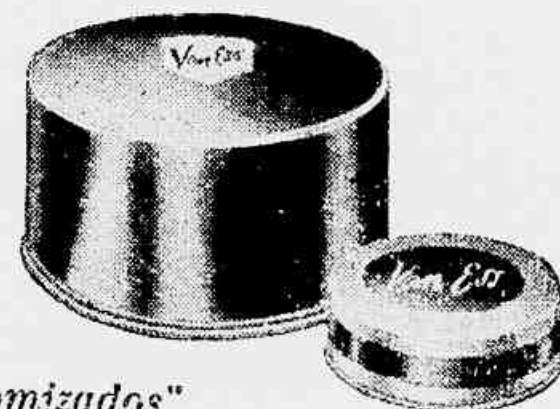
A Administração.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

pó de arroz e "rouge"



Van Ess



"atomizados"

★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades de moda e à base de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

NÃO SOBRÁRA NADA!



• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

nado nada de mais perturbador... Colocada essa alegoria sobre a mesa, seria sujar todo o apartamento!

— Que estranha concepção da arte o senhor tem, doutor! — disse Sacha ofendido. — É uma obra de arte, olhe-a bem! Essa beleza e essa elegância enchem a alma de veneração e produzem um nó na garganta... Contemplando essa perfeição, a pessoa esquece o mundo... Veja que movimentol! Que finura de expressão!

— Compreendo muito bem tudo isso — disse o doutor. — Mas eu tenho família, as crianças brincam aqui frequentemente, senhoras entram neste gabinete...

— Sem dúvida, se a pessoa se coloca sob o ponto de vista vulgar, essa obra prima apresenta um outro aspecto... Mas doutor, eleve-se acima do vulgar! Aliás sua recusa desolara a mim e a mamãe. Sou filho único... o senhor me salvou a vida... Nós damos ao senhor o que temos de mais caro e... e eu sinto tanto que não tenhamos o outro candelabro que forma o par para lhe oferecer...

— Obrigado, meu rapaz, eu lhe sou infinitamente grato... Meus cumprimentos à senhora sua mãe... Mas pense bem: as crianças brincam aqui... senhoras veem aqui... Enfim, conservo-o. Fico com ele. Impossível explicar a você as razões de... de...

— Não há nada a explicar... — disse Sacha, alegre. — Coloque o candelabro aqui, perto do vaso. Ah! que pena não tenhamos o par... — Até à vista, doutor!

Depois da saída de Sacha o doutor contemplou durante bastante tempo o candelabro, coçou novamente a orelha e meditou:

— É um objeto bonito, não há dúvida... Pena ter que desfazer-me dele... Impossível conservá-lo em casa... A quem poderia oferecê-lo?

Depois de refletir longamente ele lembrou-se de seu amigo Kripounov, a quem ele devia favores.

— Ótimo — disse o doutor. — Vou levar-lhe esta obra do demônio... Ele é celibatário e leviano...

Incontinenti o doutor vestiu-se, tomou o candelabro e dirigiu-se à casa de Kripounov.

(Continua na pág. 49)

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

O que lhe falta é um bom Tônico reconstituente.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

CANDELABRO

(Continuação da pág. 43)

grupo: sobre um pedestal erguiam-se duas figuras femininas, com as roupas de Eva, em poses que eu não saberia descrever por falta de audácia e de temperamento necessários. Essas figuras sorriam vaidosamente, com um ar tão desavergonhado que, ao que parece, não sendo uma obrigação sustentar o castiçal, elas teriam pulado fora do pedestal para se entregar a uma bacanal que nem é bom imaginar.

Contemplando o presente, o doutor coçou a orelha, tossiu e disse:

— Hum... É de fato um belo objeto. Mas... como direi? É... muito... muito livre, não é verdade? Nem é decotado... é pior!

— Por que razão?

— A serpente não poderia ter imagi-



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA

É verdade! Perde é em sabor e energias. E perde mais ainda se houver falta de algum alimento em sua mesa. Além de ser uma delícia, Malzbier da Brahma nutre, dada sua riqueza em malte. Por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, essa é a cerveja do lar, que dá redobrado valor e prazer às refeições.



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

DE HOMEM PARA HOMEM!

DEIXE DE PESSIMISMO
RAPAZ, FAÇA COMO EU.



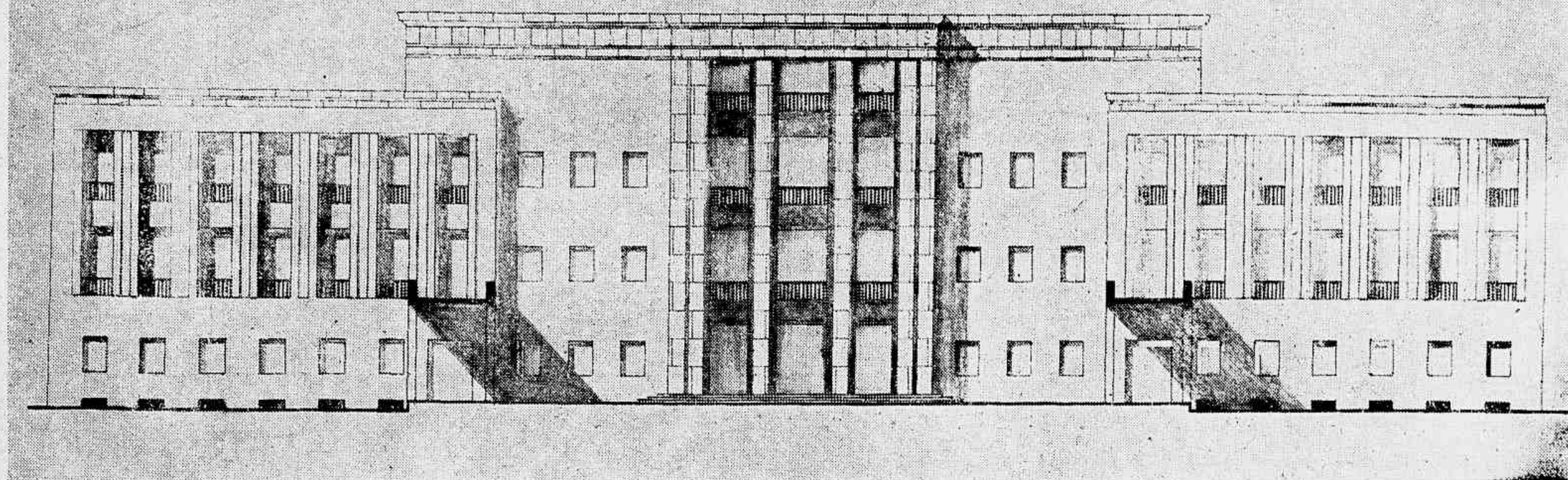
Tenho mais de 60 anos e desde que comeci a usar as Pilulas Maratú, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuaba e a Marapuama (Acanthos viridis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indígenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As Pilulas Maratú são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações.

**PILULAS
MARATÚ**
O SEGREDO DA MOÇIDADE

RAIMAR

PROJETO DA UNIVERSIDADE CONDE FRANCISCO MATARAZZO

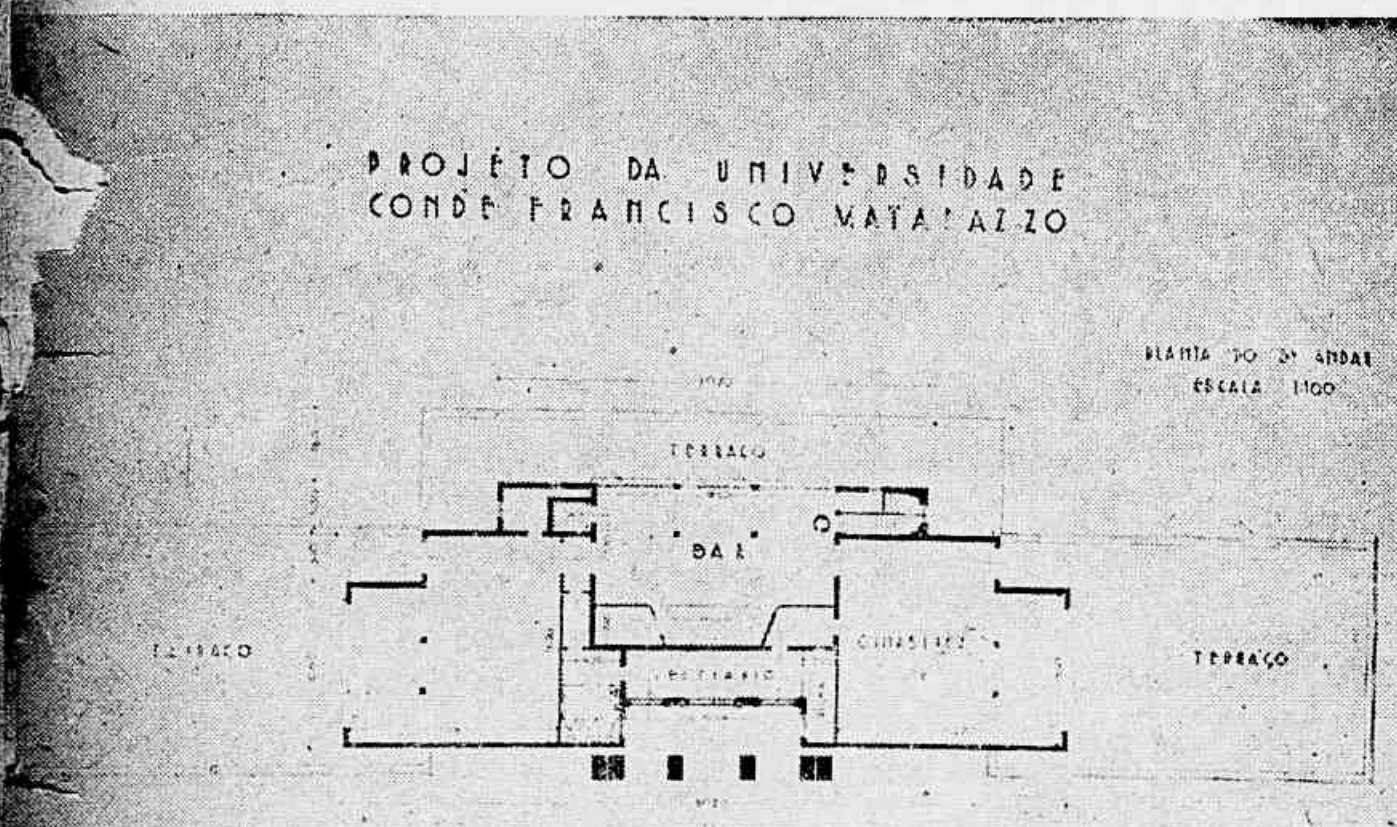
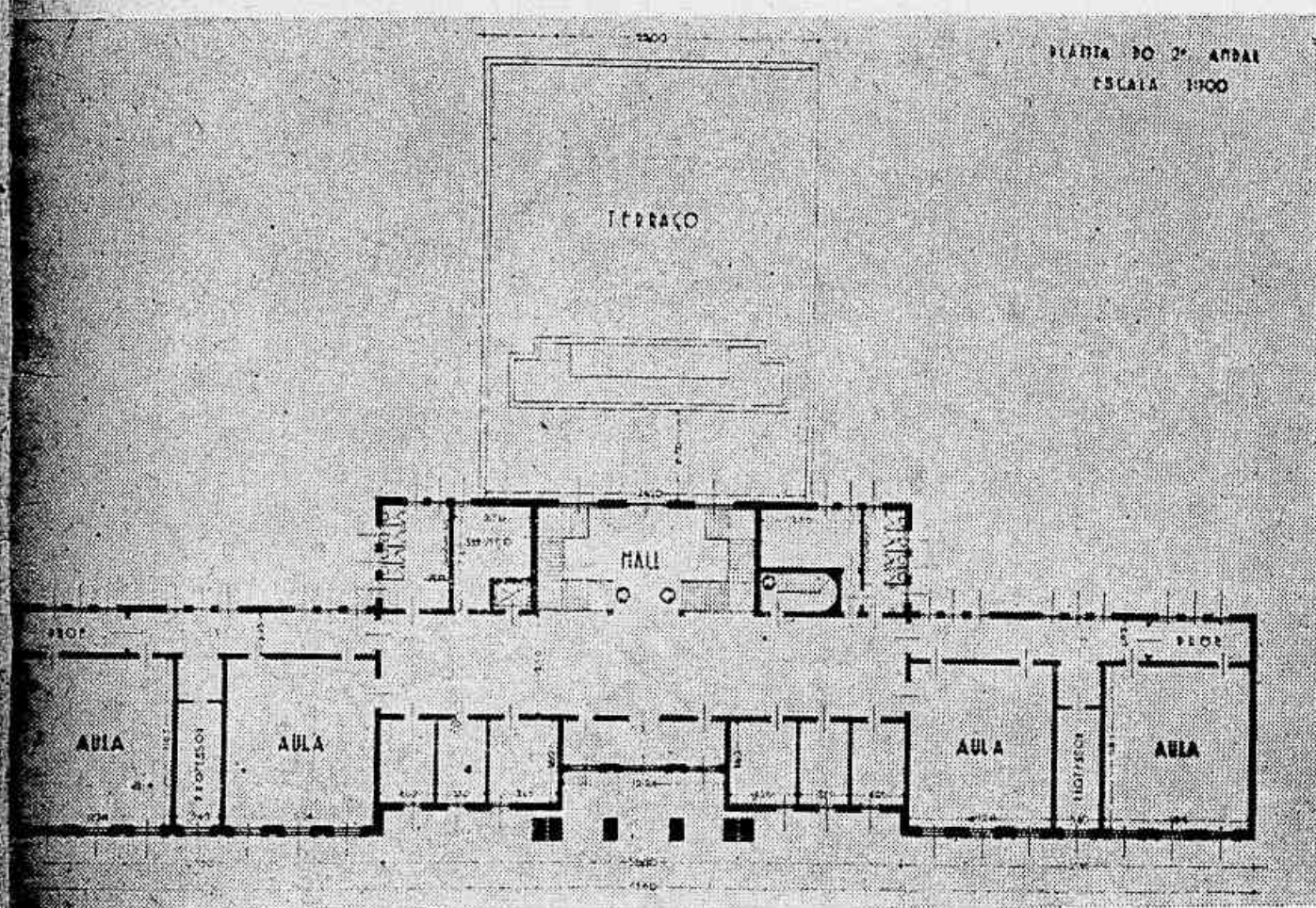
FACHADA PRINCIPAL
ESCALA 1:100



UNIVERSIDADE FRANCISCO MATARAZZO

DE CIENCIAS ECONOMICAS, COMERCIAIS E ADMINISTRATIVAS

A FAMILIA MATARAZZO, NESTES DOIS ÚLTIMOS ANOS, DESTINOU A OBRAS DE CARÁTER SOCIAL, CÊRCA DE
CR\$ 40.000.000,00



Acaba o conde Francisco Matarazzo Junior, eminente brasileiro e grande industrial, que hoje dirige o maior parque industrial da América do Sul, de fazer a mais vultosa, a mais significativa, a mais notável doação realizada para o bem público das que registram não só os nossos anais, como os de perto ou os de longe do nosso país. Doou um prédio, a ser construído em São Paulo, no valor de vinte milhões de cruzeiros, conforme escritura lavrada no Rio de Janeiro, em fins de maio do corrente ano, à Fundação "Getúlio Vargas", recentemente organizada com os objetivos de estudar e resolver os problemas da organização racional do Trabalho, para aquela Fundação nele manter uma universidade de ensino de caráter científico de Ciências Econômicas, Comerciais e Administrativas, a que aquela deu o nome de Francisco Matarazzo, em homenagem ao saudoso "leader" da indústria nacional, que foi o pai do doador.

De há muito que o conde Francisco Matarazzo Junior cogitava de dotar o país de uma instituição de ensino, com caráter científico, de Ciências Econômicas, Comerciais e Administrativas, na realização de uma idéia, que partira do seu pai, o conde Francisco Matarazzo, cujo espírito dedicado à emancipação industrial do Brasil, em vários ramos, ao mesmo tempo que cuidava dos pobres, — levantando casas de saúde, quais as "Francisco Matarazzo" e "Ermelino Matarazzo", anexas ao Hospital Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, cujos rendimentos se destinam a esse Hospital, "para que o preço da saúde dos ricos reverta em favor da saúde dos pobres", — sentira ele, como hoje todos sentem, a necessidade imperiosa, cada vez mais premente, de elementos especificamente preparados para a administração pública e privada, — diretores e funcionários administrativos de entidades superiores, diretores e funcionários administrativos de empresas particulares, chefes de seção das empresas de todo o gênero, mestres e estudiosos das disciplinas econômicas e administrativas azendais, livres profissionais nessas ciências, aspirantes às carreiras diplomáticas e consulares com especialidade econômica, estatísticos, atuários, revisores e outros especialistas em particulares naquelas atividades econômicas e administrativas.

Continuou o conde Francisco Matarazzo Junior a se preocupar com a solução desse problema, até que, surgindo agora, a Fundação "Getúlio Vargas", com finalidades muito próximas às expostas, embora mais amplas, ele, doador, à mesma aderiu, realizando-se a sua participação nesse notável empreendimento, acolhido com entusiasmo nos meios culturais do país, por uma doação de bens e por uma contribuição em dinheiro, — a doação, com encargo, do edifício, a ser construído pelo doador, à sua custa e sob sua administração, no valor aproximado de vinte milhões de cruzeiros, inclusive instalações, decorações, biblioteca e obras de ajardinamento, em São Paulo, afim de nele a donatária manter aquele estabelecimento de ensino superior; — a contribuição anual, em dinheiro, da importância de quinhentos mil cruzeiros, durante os cinco primeiros anos de funcionamento da Universidade, afim de que a Fundação, que dará ensino de excelente qualidade, disponha de meios necessários para engajar grandes professores europeus, norte-americanos e brasileiros, que para aquele centro de estudos tragam toda a contribuição da ciência moderna na formação daqueles elementos humanos, de que o país necessita.

O edifício constará de três partes: o pórtico duplo ligado à entrada, o edifício propriamente dito (composto de um pavimento pela metade no sub-solo, um andar acima do nível térreo e dois andares superiores e de um parcial andar atico) e o Salão Nobre, perfeitamente ligado ao edifício, mas formado por quase um sub-solo e por um único pavimento acima do nível, de grande altura.

A estética obedece às proporções do conjunto e às relações entre a parte construída e a não edificada, sendo a fachada muito simples, previsto que sejam revestidas de pedra talhada.

O acesso do edifício é feito pela entrada principal e por outras duas laterais, dispostas correspondentemente às arcadas que formam a ala à praça fronteiria ao Palácio. As três entradas dão para amplíssimo vestibulo, para o qual convergem as entradas das

salas de representação, isto é: Biblioteca, Sala da Direção, os Salões de Recepção e o Salão de Honra.

O Salão de Honra ocupa o principal lugar defronte ao vestibulo, podendo comportar 400 pessoas na platéia e outras 200 em dois amplos balcões laterais. Dispõe também de amplas galerias de acesso, com guarda-roupas e "toilettes". As saídas de emergência permitem rápido escoamento das pessoas.

A Biblioteca, localizada à esquerda do vestibulo, é conquistada pela grande galeria de acesso, com seguimento da sala de entregas (com transportadores e pequenas escadas em comunicação com as do depósito inferior), as salas de leitura, guarda-roupa e "toilettes".

A direita do vestibulo se encontram as salas destinadas à Direção, que ocupa uma área igual àquela da Biblioteca. Também no vestibulo existe acesso para mais dois salões de representação e a portaria.

Duas grandes escadas saem do vestibulo e levam aos andares superiores. Duas escadas de menor importância, em contacto direto com as entradas laterais, levam ambas a um espaço livre e servem ao depósito da Biblioteca e ao arquivo do Instituto.

Além do andar sobre o nível do solo, o edificio consta de outros dois andares e de um andar ático. No primeiro andar estão situadas quatro salas de aula, com os locais anexos; na parte central, do lado da fachada, estão os locais para o Diretor e para os Professores. Na parte posterior, separados dos ambientes de estudo pelo vestibulo, estão colocados os escritórios necessários ao almoxarifado, secretaria, copiadores, etc.

Cada andar dispõe de espaçosos corredores para estudantes e para escritórios e é servido de grupos de "toilettes".

No segundo andar ficarão os locais para três Institutos com as respectivas aulas e com salas para uso dos professores e assistentes. No mesmo andar encontra-se ainda uma quarta sala disponível.

No andar ático estão dispostos locais para ginástica e divertimento. Amplas varandas adjacentes a estas salas tornam mais agradável o conjunto.

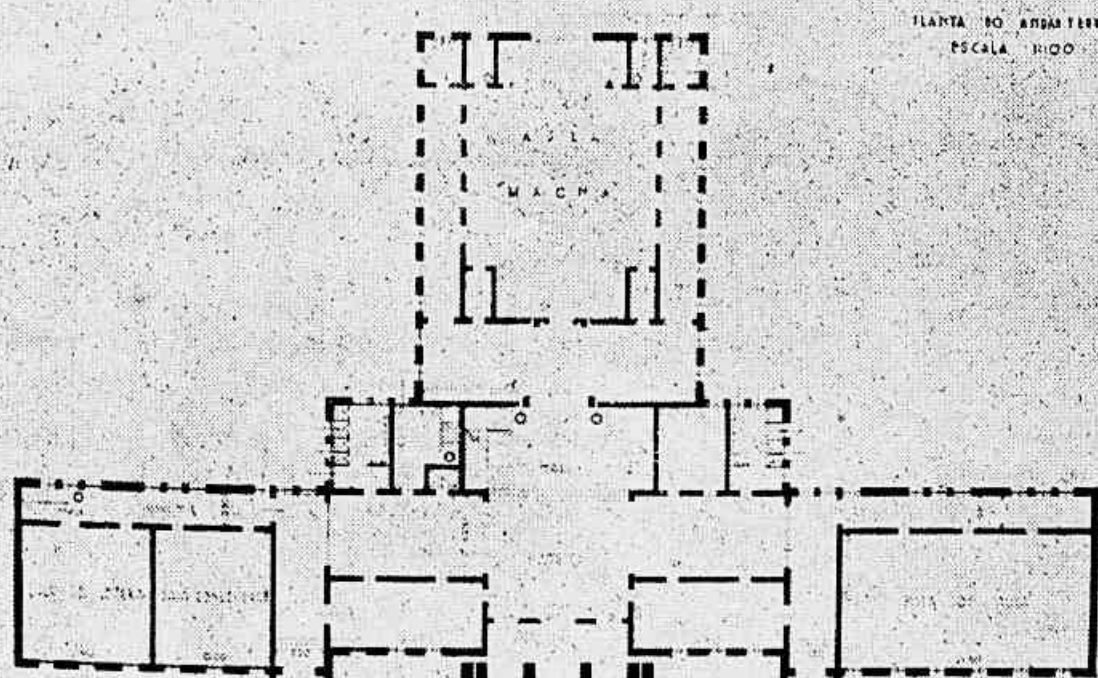
Ficou entendido que as plantas poderão ser modificadas, por mútuo acôrdo, para corresponder às condições da topografia do terreno escolhido, ou aos fins objetivados.

Com essa patriótica realização, em sequência a outras de ordem social já realizadas, constata-se que, nestes últimos dois anos, a Família Matarazzo contribuiu para iniciativas de serviço social com cerca de quarenta milhões de cruzeiros, numa eloquente continuidade da tradição de longa data da benemerência do conde Francisco Matarazzo, o primeiro sempre e sempre o maior contribuinte espontâneo de todas as iniciativas e realizações em prol das classes trabalhadoras, das quais ele se orgulhava de ser o "Operário número 1".

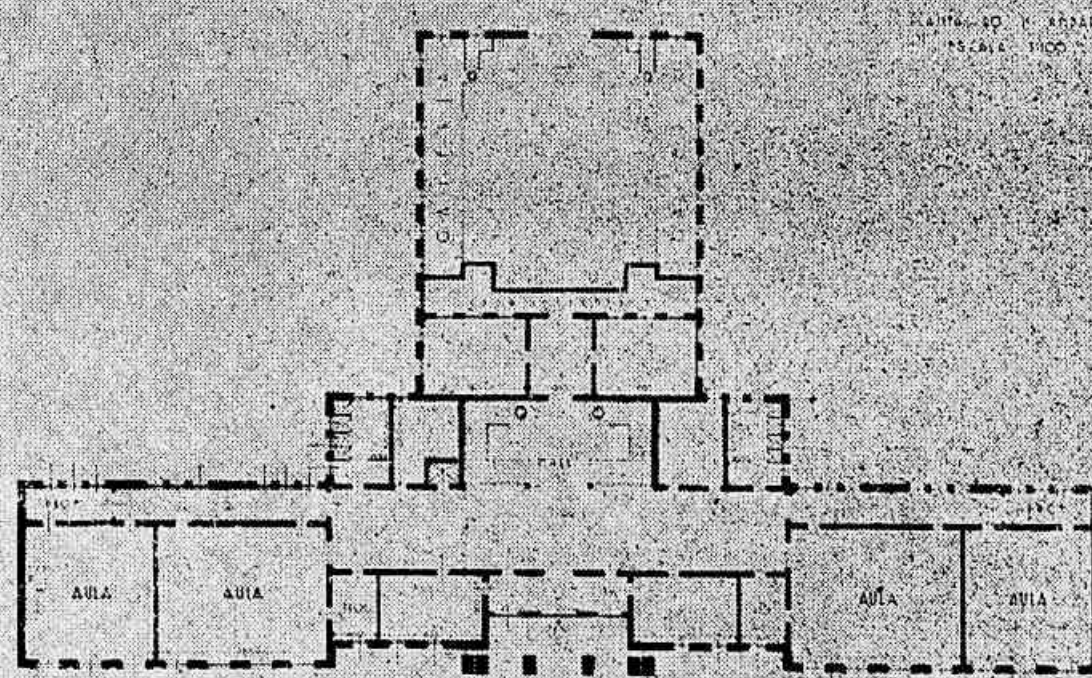
Por todos esses motivos, permanentes na consciência nacional, foi que o dr. Luiz Simões Lopes, presidente da Fundação "Getulio Vargas", ao aceitar o elevado gesto patriótico do doador conde Francisco Matarazzo Junior, secundando o ideal da Fundação "Getulio Vargas", comunicou, em nome desta, que, como justo preito à memória do grande pioneiro falecido, e de acôrdo com o seu Conselho Diretor, dava o nome de Francisco Matarazzo ao seu primeiro Instituto, constituído pelos cursos superiores de Ciências Econômicas, Comerciais e Administrativas, que a Fundação manterá, em São Paulo, completando-se a homenagem com um monumento, que, no pórtico, perpetue a memória daquele nome.



PROJETO DA UNIVERSIDADE
CONDE FRANCISCO MATARAZZO



PROJETO DA UNIVERSIDADE
CONDE FRANCISCO MATARAZZO



Madeiras em bruto e serradas de todas as qualidades e para todos os fins. Ferragens, tintas e demais materiais para construções em geral. Telhas, manilhas, pias, ladrilhos e material sanitário. Fossas, tanques e muros de cimento armado.

E. PONTE & IRMÃOS

CASA PONTE

Rua Conselheiro Mayrink
380/382 (Jockey Club)

Telefone 48-1699

DEPOSITOS:

Rua Guimarães, 446/464
Rua Sarandí, 117 - Jacaré

Telefone 48-0568
Rio de Janeiro

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO RIO
procurar à
Rua Maranguape, 15 Telefone 22-2550
DISTRITO FEDERAL



Tão bonita...

Isso é porque ela ainda possui os verdadeiros aliados do encanto: Cremes de Beleza Yardley e Pó-de-Arroz Bond Street. Certamente, todos os produtos do toucador Yardley virão de novo com a paz.



Yardley
de Londres

Faça seu nome ressaltar com Brasso!



Hidrex

O CHUVEIRO ELÉTRICO
QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático,
econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas
e perfeitas pela casa

PAN ♦ LUX

RUA MONTE ALEGRE, 43

FONE 42.4191

ATENDEMOS COM PRAZER A
QUALQUER CHAMADO OU
PEDIDO TELEFÔNICO
DE INFORMAÇÕES



QUE BANHO DELICIOSO!



VENDAS A VISTA E A LONGO
PRAZO PELO SISTEMA

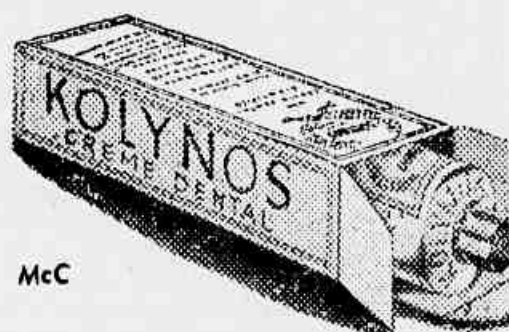
S. E. R. V. E. LTDA.

Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

DESDE QUANDO
PEQUENINOS...



É BOM QUE USEM
KOLYNOS!



ENSINE
seu filho a usar
o CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

Candelabro

(Continuação da pág. 45)

— Olha, meu velho amigo! — disse, tendo encontrado o advogado em casa. — Eis-me aqui para agradecer a você os serviços que lhe deve... Você se recusa a aceitar dinheiro. Aceita, então, essa bagatela... Ei-la, meu caro...

O advogado se entusiasmou com a bagatela.

— Ah! Onde encontrou isso? Ai tem com que fazer um santo perder a santidade! E' maravilhoso, encantador! Onde descobriste isso?

Tendo, desta forma, demonstrado o entusiasmo, ele lançou um olhar inquieto em direção à porta e disse:

— Mas eu não quero isso. Leve isso, meu amigo.

— Por que?

— Porque... Eu recebo minha mãe

Sr. Olimpio de Lucena Montenegro

A Cia. Editora Americana, á rua Maranguape 15,
Rio pede que a pessoa supra referida compareça
ao seu escritorio com urgencia.

aqui... e... e as clientes... e tem a criada. E' embaraçoso. Leve isso.

— Não! Não! Não permito que você recuse! Seria pouco amável da tua parte! Uma obra de arte! Olhe bem... Essa expressão, essa finura... Você me ofende!

— Mas se elas ao menos tivessem uma folha de parreira...

Mas o doutor gesticulou ainda mais e desapareceu deixando na casa de Kripou-

novo presente. O doutor estava muito satisfeito consigo mesmo.

Depois que ele saiu o advogado examinou o candelabro, apalpou-o, e da mesma forma que o doutor pensou como poderia livrar-se dele...

"E' um lindo objeto. Pena ter que se desfazer dele... Mas é muito inconveniente, não há dúvida... O melhor é fazer presente a alguém... Esta noite ofe-

recê-lo-el ao ator Chamekine. O bandido gosta de objetos deste gênero, e como
(Continua na pág. 52)

À BUSCA DA FELICIDADE

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregésilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio ao indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram do homem o mais precioso dos bens, que é o sossego do espírito.

Benal encontra-se em todas Drogarias e farmácias.



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

RF

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!



VESTINDO "AS GRANDES AMOROSAS"



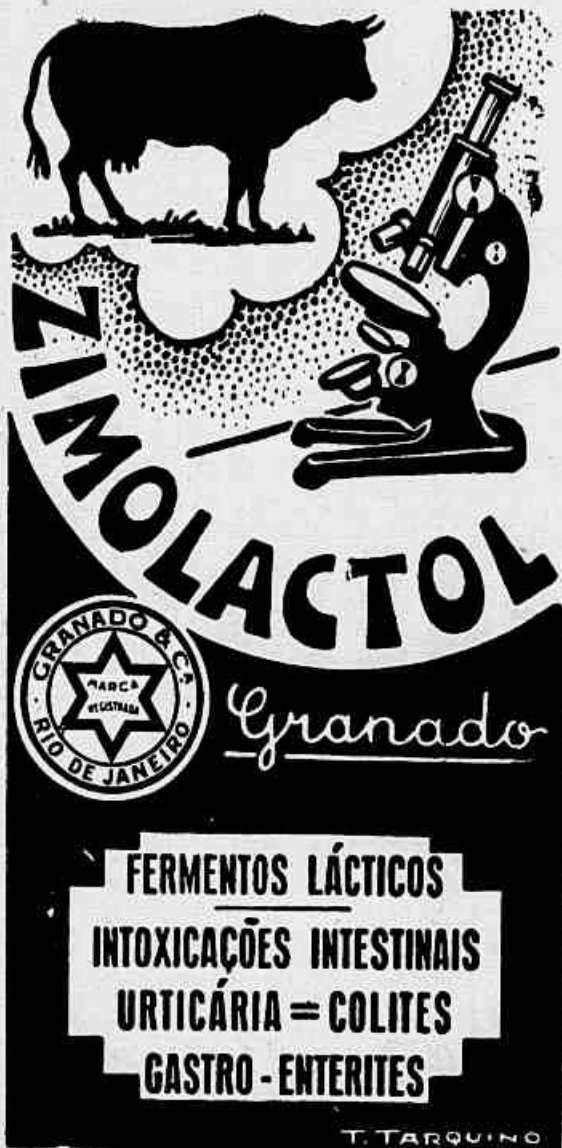
UMA VISITA A OFICINA DE COSTURA DA "BOITE" DO PÔSTO SEIS — COMO MME. MARTINELLI VEM TRABALHANDO PARA O NOVO "SHOW" DAQUELE "NIGHT-CLUB"





O preparo de um espetáculo é algo que exige, além de cultura e bom gosto, dedicação sem limites. Para o trabalho sair perfeito e agradar o público, é mister o concurso de todos — desde o "metteur en scène" ao electricista, desde o mais modesto maquinista ao criador de "modelos", desde as "girls" e bailarinas ao mais famoso artista. Isso que é um lugar comum em qualquer casa de diversões, foi o que, mais uma vez, observámos ao visitar a oficina de costura da "boite" do Posto Seis, local de trabalho intenso onde pontificam a habilidade e o bom gosto indiscutíveis de Mme. Martinelli, espécie de fada a quem se devem a harmonia e o encanto dos trajes exibidos pelos artistas que vêm transformando aquele fidalgo "music-hall" numa prodigiosa parada de formosura e elegância. Agora Mme. Martinelli está preparando uma série de vestidos sob o desenho de Athos Bulcão, jovem e apreciado pintor que, a convite de Paurillo Barroso, novo diretor artístico daquele "night-club", buscou em estampas antigas inspi-

ração para os trajes usados pelas grandes amorosas da história. Assim é que, dentro de breves dias, poderemos apreciar no palco daquele "music-hall", num verdadeiro passeio pela história romântica, o desfile de Cleópatra, Inês de Castro, Lucrecia Borgia, Catarina a Grande, Mme. Du Barry, Lady Hamilton, Mme. Waleska, Marquesa de Santos, Maria Vetschra e Isadora Duncan. Quando visitámos a oficina de Mme. Martinelli, a grande modista estava ocupada, em companhia de Liana Fuentes, bailarina clássica do "Atlântico", provando algumas das formosas fantasias destinadas ao "show" mencionado. Havia porém outras diferentes. Pareceram-nos batas ou cabaias chinesas. Interrogámos Mme. Martinelli sobre a finalidade de tão belas e coloridas vestes. E a grande costureira nos explicou: — destinavam-se ao mesmo "show", e eram para ser exibidas pelas artistas que figurarão em "O milagre das lanternas" e "Fantasia chinesa", dois sugestivos e originais quadros calcados numa poética lenda oriunda da lírica e tradicional pátria dos mandarins.



ZIMOLACTOL

GRANADO S. CA.
RIO DE JANEIRO

Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.

CANDELABRO

Continuação da pág. 49

hoje há um espetáculo em sua honra...

Dito e feito. O candelabro, cuidadosa-



Quanto mais cedo melhor!

Proteja seu filho contra as afeções do couro cabeludo. Após o banho, friccione-lhe a cabeça com **Tônico Oriental**. Ele ficará imune à ação de germes nocivos e terá cabelos fortes e belos para o resto da vida.



Numeros atrasados desta revista no

Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Trav. Campos Sales, 85 - Belém

mente embrulhado, foi apresentado a Chamekine, grande ator. Toda aquela noite seu camarim ficou cheio de rapazes que admiravam o presente. Era um rumor de risos constante. Quando uma atriz perguntava "posso entrar?", Chamekine respondia desesperado: "Não! Não estou vestido". Mas ele estava vestido. Quem não estavam vestidas eram as mulheres do candelabro.

Após o espetáculo Chamekine perguntou ao homem que o maquiava:

— Como ver-me livre desse objeto? Moro numa pensão familiar e... Enfim, o candelabro não é uma fotografia que a gente esconde dentro de uma gaveta...

O homem retrucou:

— Venda-o. Eu conheço justamente uma velha que faz negócios com bronzes antigos... Olhe, procure a loja de Mme. Smirnov... Todo mundo a conhece.

O ator seguiu o conselho do maquilador.

Dois dias mais tarde o dr. Kchelkov meditava no seu gabinete, quando a porta abriu-se e entrou Sacha Smirnov. O moço sorria feliz. Trazia um objeto envolto num jornal.

— Doutor — começou, com a respiração curta. — Imagine o nosso prazer... Por felicidade, conseguimos adquirir o candelabro que estava faltando para completar o par... Mamãe está radiante. E eu, seu filho único, também. O senhor me salvou a vida... Pois tome, doutor, tome...

Sacha, tremendo de reconhecimento, co-

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcatino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras por longos meses na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-13

locou o candelabro diante do doutor. Então, abrindo a boca, tentou falar, mas perdeu a voz...



Não sei qual oferecer aos convidados!

As duas são tão deliciosas... e ambas da marca

"CICA"



Feitas com frutos da melhor qualidade, rigorosamente selecionados, e com todo o rigor da higiene, a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" são excelentes sobremesas. Mas a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" não são apenas so-

bremesas deliciosas: esses dois produtos "Cica" constituem, pelo seu alto valor nutritivo, elementos indispensáveis na alimentação, principalmente das crianças. Portanto, tenha-as sempre em casa para a sobremesa e para o lanche da criançada.



COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS

SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA

LUIZINHA — Cada um que surge na minha frente é um desengano a mais.

JOSEFA — Desengano? Por que?

LUIZINHA — Porque nenhum deles é o André. Oh, Josefa... Espie, Josefa... Aquêlê homem ali...

JOSEFA — Onde, Luizinha? Onde?

LUIZINHA — Ali, Josefa. Encostado naquela porta... ali em frente, Josefa...

JOSEFA — Luizinha. Aquêlê homem? Luizinha... aquêlê homem... é...

(Encerramento)

CAPÍTULO XX

LOCUTOR — Luizinha recebe uma carta de André dizendo que considerasse desfeito qualquer compromisso, porque somente agora êle sabe com quem estava tratando. Lamentava o tempo perdido, mas dava-lhe os mais sinceros parabens pela maneira convincente com que havia representado o seu papel de mocinha apaixonada. Diante de tão grave acusação, Luizinha resolve ir ao Rio para esclarecer essa situação. Depois de expor muitas razões ela consegue demover Josefa e Zé Pedro, e poucas horas depois já estavam a caminho do Rio de Janeiro. Regina vem a saber por intermédio de Zé Pedro a resolução de sua filha, e lamenta não poder estar ao seu lado para ajudá-la. Agora mais do que nunca ela precisa estar ao lado de Luiz. No mesmo capítulo Levy vai procurar Suzete e fica sabendo que ela embarcou para lugar ignorado, resolve então vingar-se de Walter. E o capítulo terminou quando Luizinha e Josefa passavam pela rua do Ouvidor...

(Ruído de rua)

LUIZINHA — Você reparou, Josefa, como é cheirosa esta rua do Ouvidor?

JOSEFA — Sei lá. O que eu sinto é uma tontura medonha. Tanta gente p'ra lá e p'ra cá. E êstes homens com cada ôlho. Hum... parece que vão engulir você.

LUIZINHA — Se êles soubessem como eu os detesto. Cada um que surge na minha frente é um desengano a mais.

JOSEFA — Desengano? Por que?

LUIZINHA — Porque nenhum deles é o André. Oh, Josefa... Espie, Josefa... Aquêlê homem ali...

JOSEFA — Onde, Luizinha? Onde?

LUIZINHA — Ali, Josefa. Encostado naquela porta... ali em frente, Josefa...

JOSEFA — Luizinha. Aquêlê homem? Luizinha... aquêlê homem... é...

LUIZINHA — Quem é aquêlê homem? Você o conhece? Eu vou falar com êle. Diga. Diga quem é êle, Josefa.

JOSEFA — Não vá, Luizinha. Não vá. Eu não sei quem é êle. Eu o confundi com outra pessoa.

LUIZINHA — Então me deixe, Josefa. Eu preciso falar com aquêlê homem. Não me segure, Josefa.

JOSEFA — Sossegue, Luizinha. Veja que já estamos chamando atenção. Olhe como já estão reparando em nós.

LUIZINHA — Solte o meu braço, Josefa (parusa). Pronto. Era isto o que você queria. Êle foi embora. (Chorando) Oh, Josefa! Que maldade você fez comigo!

JOSEFA — Vamos embora, Luizinha. Você está chamando atenção.

LUIZINHA — Vamos, vamos. Eu não tenho mais nada a fazer nestas ruas malditas dêste maldito Rio de Janeiro.

(Música)

LUIZINHA — Não digo. E' inútil me fazer qualquer pergunta. Eu também vi, pelo seu espanto, que você o conhecia, e você se nega a me dizer quem é êle. Eu é que sou uma tola em perguntar. Vocês me negam tudo. Tudo me tem sido negado até hoje.

JOSEFA — Acalme-se, Luizinha. Eu lhe garanto que não conheço aquêlê homem. No primeiro momento eu pensei que êle fôsse uma outra pessoa; depois vi que não era e... foi só.

LUIZINHA — E' mentira, Josefa. Como sempre, você está me iludindo. Se é verdade que você não o conhece, por que não me deixou falar com êle? Por que me segurou daquela maneira? Veja. Veja aqui no meu braço a marca dos seus dedos.

JOSEFA — Desculpe, minha filha.

LUIZINHA — Mas diga, diga. Por que foi? Por que não me deixou falar com êle?

JOSEFA — Eu... eu tive medo que você fôsse fazer alguma doidice. Você ficou tão nervosa quando o viu... mas me ocnte: aquêlê é que é o Netuno?

LUIZINHA — Não sei. Não tenho satisfações a lhe dar. Você não foi minha amiga. Você me fez um mal muito grande. Nunca mais eu lhe direi nada, Josefa.

JOSEFA — Mas Luizinha. Não fique tão zangada. Acredite. Eu só quero o seu bem.

LUIZINHA — Eu estou farta de mistérios. Eu estou farta de viver esta vida onde me negam o direito de saber até o nome de meu pai.

JOSEFA — Sua mãe muito breve lhe dirá tudo. Espere um pouco mais. Tenha um pouco mais de paciência.

LUIZINHA — O que eu quero é ir-me embora. Vamos voltar para S. Vicente. Eu estou cansada; eu estou farta de tudo (chora). Oh, meu Deus. Eu nem tenho mais vontade de viver. Telefone a Zé Pedro. Êle deve estar em Santos. Diga a Zé Pedro que nos venha buscar. E eu nunca mais sairei de S. Vicente.

(Música)

JOSEFA — Luizinha. Desde que chegámos você se trancou em casa. Não se deixe dominar por essa tristeza. Você está perdendo a côr. Os seus olhos estão perdendo o brilho; está emagrecendo. Você assim vai acabar ficando feia.

LUIZINHA — E para que quero eu ser bonita? Eu não espero mais nada da vida, Josefa.

JOSEFA — Você é quase uma criança, Luizinha. Até é um pecado você falar assim. A vida, quer você queira ou não, ainda lhe reserva tantas surpresas...

LUIZINHA — Surpresas? Aqui? Nesta colônia deserta?

LUIZINHA (autoritária) — Não me pergunte nada. Desta vez quem lhe pergunta sou eu. Eu, que nunca tive o direito de saber coisa nenhuma; eu, que tenho vivido dentro de um mistério insuportável; eu, a quem ninguém responde coisa alguma. Agora sou eu quem lhe pergunta: Josefa, você quer ou não quer me ajudar? Eu preciso ir ao Rio. Dessa viagem depende o meu sossêgo, a minha alegria. Você vai ou não vai comigo? (pausa) Vamos. Responda!

ZÉ PEDRO — Responda, Josefa. Diga que sim. Ora essa. Você não vê como a Luizinha está aflita? Eu levarei vocês no carro até o Rio.

LUIZINHA — Oh, Pedro. Você é um anjo salvador. Você é um homem inteligente. Como você é humano, Zé Pedro!

JOSEFA — Mas sem o consentimento da Heloisa? Zé Pedro, não será melhor você ir primeiro a S. Paulo falar com Heloisa?

LUIZINHA — Não, Josefa. Não. Eu não tenho tempo a perder. Na volta o Zé Pedro dirá tudo a mamãe. Depois que nos tiver deixado no Rio.

JOSEFA — E você pretende demorar no Rio de Janeiro?

LUIZINHA — O tempo necessário para descobrir... bem... não me pergunte nada, Josefa. Depois eu direi tudo a você. Por ora vamos tratar da viagem. Podemos seguir amanhã de manhã, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Podemos sim, Luizinha. À hora que você quiser.

(Música)

(Ruído de rua)

LUIZINHA — Hum... eu até estou tonta, Josefa. Que alvoroço! Que movimento! E como êstes homens olham para a gente!

JOSEFA — Para a gente não, Luizinha. Êles estão olhando é para você.

LUIZINHA — Mas por que é que êles olham tanto para mim? Será que eu estou mal arranjada?

JOSEFA — Mal arranjada? Com êste vestido tão bonito? Você parece um figurino! Êles estão é admirando a sua beleza. Você está linda, Luizinha.

LUIZINHA — Coitada de mim, uma praiana que nunca saiu de S. Vicente.

JOSEFA — Você nunca saiu de S. Vicente mas herdou a elegância de sua mãe. Você sabe comprar bonitas "toilettes".

LUIZINHA — Ora. De que me servem esta beleza e esta elegância se eu ainda não consegui descobrir o que vim procurar! Se eu continuo na mesma ansiedade!

JOSEFA — Você pensava que era fácil achar uma pessoa no Rio de Janeiro, assim sem um esclarecimento, sem uma pista qualquer? Pois sim. Isto aqui é um mundo, Luizinha.

LUIZINHA — Mas eu hei de encontrá-lo, Josefa. Eu hei de encontrá-lo. Você vai ver. Vamos para o hotel. Eu vou telefonar para tôdas as casas do Rio até encontrá-lo.

(Música)

LUIZINHA (telefone) — Alô... sim... ah... muito obrigada. Então não reside ninguém aí com êste nome?

Então desculpe, cavalheiro, desculpe o trabalho que lhe dei. (Desliga) Ainda não foi desta vez, Josefa.

JOSEFA — Também. Você tem telefonado para todos os hotéis, para tôdas as casas do Rio de Janeiro. Eu acho que êsse tal sujeito lhe deu o nome trocado. Desista disso, Luizinha. Vamos voltar para S. Vicente.

LUIZINHA — Não, Josefa. Eu tenho esperança de encontrá-lo numa esquina de rua, num casino, em um teatro, num cinema...

JOSEFA — Mas você já não está cansada de bater êste Rio de Janeiro, noite e dia, atrás dêsse pelintra?

LUIZINHA — Eu não sossego, Josefa, enquanto não o encontrar. Eu preciso me defender da acusação medonha que êle me fez.

JOSEFA — Ah... êle acusou você de alguma coisa?

LUIZINHA — Sim, foi isto. Êle suspeitou de mim. E me escreveu uma carta horrível, uma carta cheia de rancor e jurou que eu nunca mais o havia de ver.

JOSEFA — Mas que suspeita êle podia ter de você tão pura, tão inocente, metida naquela praia deserta?

LUIZINHA — Pois é isto que eu não entendo, Josefa. E no entanto na sua carta êle me chama de falsa, de co-mediante. Êle me acusou de traição e me disse uma porção de coisas medonhas (chora). E eu preciso me defender, eu hei de encontrar Netuno para uma explicação; do contrário eu morrerei de desgosto.

JOSEFA — Também. Um nome dêsses. Netuno. Você não vê que isto é um nome de mentira, Luizinha?

LUIZINHA — Ora, Josefa. Você esquece que o seu nome não é êsse? Eu já não lhe contei que isto foi um apelido que eu lhe dei?

JOSEFA — Ah, é verdade. Esta história é tão complicada que eu até embrulho tudo. Eu tinha esquecido que êle era Netuno e que você era Sereia.

LUIZINHA — Era, não, Josefa. Eu sou, eu serei a Sereia. Eu não desanimo. Eu hei de recuperar o meu amor.

JOSEFA — Bem. Uma sereia você é mesmo. Não vê aqui no hotel que porção de apaixonados? Puxa! Eu já estou enjoada de aturar êsses rapazes que vivem atrás de você.

LUIZINHA — Enjoada estou eu. E se os aturo é para me utilizar da companhia dêles.

JOSEFA (rindo) — Coitados. Se êles soubessem que você se utiliza dêles para procurar êsse André tão difícil e tão desejado.

LUIZINHA — Não ria, Josefa. Você parece que não compreende a minha aflição.

JOSEFA — Eu compreendo, minha filha. Eu compreendo. Mas é que eu tenho um palpite que tudo vai acabar muito bem.

LUIZINHA — Deus te ouça, Josefa. Mesmo porque se não acabar como eu espero, eu prefiro morrer.

(Música)

REGINA — Mas que está se passando com Luizinha, Zé Pedro? Que quererá minha filha no Rio de Janeiro? Ela não contou nada?

ZÉ PEDRO — Não, dona Heloisa. Eu ainda fiquei uns dias lá no Rio; ela queria conhecer todos os passeios, mas olhava tudo indiferente. A gente vê que ela está procurando

do alguém, que é só isso que preocupa Luizinha. A gente vê que ela está aflita por descobrir alguém no meio da-que poveréu.

REGINA — Mas logo agora, meu Deus. Logo agora que eu não posso sair de S. Paulo é que acontece uma coisa dessas. Como me aborrece não poder estar ao lado de minha filha num momento dêesses!

ZÉ PEDRO — Mas dona Heloisa, não se esqueça de que ela está com Josefa.

REGINA — Sim, Zé Pedro. Eu não me esqueço de que Josefa é a sua segunda mãe. Mas minha filha deve estar sofrendo, e eu gostaria de estar junto dela.

ZÉ PEDRO — Mas a senhora se não está junto dela está trabalhando pela felicidade dela.

REGINA — E pela minha também, Zé Pedro. E se não fôsse este caso de Luizinha que tanto me preocupa, como eu estaria feliz! Vai tudo caminhando tão bem!

ZÉ PEDRO — O caso de Luizinha ficará para ser resolvido depois, dona Heloisa.

REGINA — Você tem razão, meu amigo. Tudo será mais fácil para minha filha, no dia em que eu lhe restituir seu pai. Volte para o Rio, Zé Pedro. Você estando lá é mais alguém zelando por minha filha.

(Acordes musicais)

ZÉ PEDRO — Então, Josefa, como vão as coisas por aqui? A Luizinha está mais calma?

JOSEFA — Aonde, Zé Pedro! Cada dia que passa eu a vejo mais aflita.

ZÉ PEDRO — E nada de encontrar o tal rapaz?

JOSEFA — Nada. Durante todo o tempo que temos estado aqui, ela já telefonou para todos os hotéis, para todos os telefones do Rio de Janeiro e não teve ainda nem indício do tal André. Que homem misterioso, hein?

ZÉ PEDRO — É um aborrecimento isto. Dona Heloisa anda tão preocupada com esta história. Quando passei agora por S. Paulo ela queria saber uma porção de coisas e nada tive para dizer.

JOSEFA — E a Heloisa? Por que não termina também com aquela complicação?

ZÉ PEDRO — Dona Heloisa sabe o que faz, Josefa.

JOSEFA — Mas que gente cheia de encrencas, meu Deus!

(Música)

(Campainha de porta; passos; porta abre)

CREADO — Ah... é o doutor André? Bom dia. Pode entrar. Há quanto tempo o senhor não aparece.

ANDRÉ — Meu pai está em casa?

CREADO — Não. O senhor seu pai saiu bem cedo. Outro dia ele estava se queixando que o senhor não aparece nunca.

ANDRÉ — Escute, João. Eu, eu precisava escrever umas cartas. Posso ocupar o escritório de meu pai?

CREADO — Ora essa, dr. André. O senhor faz tanta cerimônia em casa de seu pai.

ANDRÉ — Faço, sim. E pretendo continuar a vida inteira com esta cerimônia.

CREADO — Mas o patrão sofre muito com isso, dr. André.

ANDRÉ — E, mas a minha máquina é velha, meu caro. Você bem sabe como eu fui criado. Em criança eu achava tudo aquilo muito interessante, mas agora eu compreendo a humilhação de toda a minha vida.

CREADO — Mas seu pai tem procurado fazer tudo pelo senhor. Não seja ingrato, dr. André.

ANDRÉ — É. A maioria das criaturas, como meu pai e como você, meu velho João, se esquece de que nem só de pão vive o homem. Bem. Mudemos de assunto. Eu vou ao escritório de meu pai.

(Música)

CREADO — Gente. O dr. André até agora metido no escritório! Eu vou ver. Quem sabe se ele já saiu e não falou comigo?

(Passos e porta que abre)

CREADO — Pois não é que ele foi embora mesmo?

(Passos)

CREADO — Hum... como deixou tudo desarrumado!... os papéis fora do lugar!... (Espanto) Mas... meu Deus!... o dr. André!...

(Intervalo)

CRIADO — O dr. André atrombou o cofre do patrão... o cofre da correspondência. Mas por que será que ele fez isto? Será que ele tirou alguma carta? Qual. Aquê! rapaz. Aquê! rapaz. Agora quem vai ficar mal sou eu. Que é que eu vou fazer, meu Deus? (Pausa) Ora... eu vou é chamar um serralheiro e mandar consertar a fechadura do cofre. E não digo nada a ninguém. É. É o melhor. Eu encerro o cofre e dou o caso por encerrado. Eu já estou muito velho para me meter em complicações de família.

(Música)

LEVY — Mas minha senhora, não é aqui que mora a Suzete?

MULHER — Morava, cavalheiro. Mas há muitos dias já que ela viajou.

LEVY — E a mãe dela não está aqui?

MULHER — A mãe dela também viajou.

LEVY — Ora essa! Mas a senhora não sabe para onde elas foram? Ela tinha me dito que não pretendia sair do Rio de Janeiro.

MULHER — Não sei de nada. E eu tenho mais o que fazer. Com licença.

(Porta fecha)

LEVY — Mas então a Suzete me abandonou! Ah, aquê! Walter. Aquê! bandido! Ele é que é o culpado de tudo isto. Miserável! Ele há de me pagar. E bem caro. Ele há de ver! Ele há de ver! Eu hei de metê-lo na cadeia. Aquê! bandido! Eu vou procurar o dr. Luiz.

(Música)

(Campainha de porta; passos; porta abre)

MANUEL, criado de Luiz — Que deseja, cavalheiro?

LEVY — Eu vim saber se o dr. Vilela já chegou. O senhor me disse outro dia que êle não devia tardar.

MANUEL — É, mas êle não velu ainda.

LEVY — E, por acaso, o senhor já sabe onde êle está?

MANUEL — Não. Não lhe posso dizer. O dr. Luiz quando viaja não costuma deixar endereço.

LEVY — E' pena, sabe? Eu tinha informações tão interessantes para lhe fornecer.

MANUEL — Lamento muito, mas nada lhe posso adiantar.

LEVY — Mas o senhor acha que êle ainda se demora?

MANUEL — Não sei. Mas é provável que dentro de uns 15 dias êle já esteja de volta.

LEVY — Está bem. Então eu vou esperar. Voltarei daqui a 15 dias.

(Música)

ANDRÉ — Mas Jorge, você tem certeza que é ela?

JORGE (amigo de André) — Tenho, André. Eu perguntei ao gerente do hotel. Morena, de olhos verdes. Com um corpo de estátua. Cabelos negros, graciosa como uma borboleta. Você teve gosto, meu amigo. A garota é lindíssima.

ANDRÉ — Chegá. Por favor, não continue. Não me torture.

JORGE — Mas, como dizia, eu a ouvi perguntando por você ao telefone. Eu estava esperando a minha vez de telefonar. Ao ouvir o seu nome disfarcei, fingi que procurava uma indicação no catálogo e fiquei atento. Coitada, Ela telefonou para uma porção de hotéis procurando por você. Por que não vai ao encontro daquela beleza? Você tem coragem de continuar fugindo àquela tentação? Um pedaço daqueles não se despreza, André.

ANDRÉ — Cale-se. Este assunto é um assunto sagrado, ouviu? E eu não admito que você se refira a ela em tais termos. Seja ela a pérfida que agora eu sei que é; em todo caso já foi para a minha vida a mais bela e a mais pura das ilusões.

JORGE — Desculpe-me, André. Mas, falando sério, eu acho que você devia procurá-la. Quem sabe se em tudo isso não há um juízo precipitado? Afinal, eu sei que você está sofrendo e ela parece tão ansiosa por encontrá-lo.

ANDRÉ — Está naturalmente sentindo falta do divertimento, do palhaço que fui para ela. Não, meu amigo. Está vendo esta carta? Esta carta eu a roubei ontem do cofre de meu pai. Aqui está a prova da sua falsidade. E eu a trarei sempre aqui, neste bolso, para não esquecer, um só momento, o grande tolo que fui. E para confundir aquela ingrata se um dia nós nos defrontarmos.

JORGE — Ah... é a tal carta que seu pai recebeu falando nela, não é?

ANDRÉ — Sim. A tal carta que meu pai, inocentemente, leu para mim. Sem saber que me revelava a mais torpe das traições. Não. Eu não a quero ver. Não lhe darei nunca mais a oportunidade de divertir-se à minha custa.

JORGE — Mas a tal Luizinha Casa Branca deve ser muito hipócrita, porque a cara dela é uma cara de anjo.

ANDRÉ — Anjo maldito que estragou a minha vida que me aniquilou, porque a verdade, Jorge, a grande verdade é que, apesar do seu fingimento, apesar de tudo contra tudo, eu não a consigo esquecer.

(Música)

JOSEFA — Mas Luizinha, não é melhor você sair com as suas companheiras? Você já tem tantas amiguinhas aqui no hotel. Por que não sai com uma delas?

LUIZINHA — Não, Zefinha. Você é o meu talismã. Eu tenho um palpite que saindo com você encontro o André.

JOSEFA — Por que não desiste dessa idéia, minha filha? Tanto rapaz bonito gostando de você. Você se quisesse poderia voltar noiva para S. Vicente. E fica perdendo o seu tempo atrás desse homem misterioso que nunca lhe contou nem o nome de seus pais.

LUIZINHA — Mas eu gosto dele, Josefa. Eu gosto dele ouviu?

JOSEFA — Ora. Mas isso não é o bastante.

LUIZINHA — Não é o bastante, Josefa? Mas se isto é tudo, meu Deus! Não há nada mais indiscutível, mais definitivo e mais fatal que este argumento.

JOSEFA — Argumento? O que é isto? Eu não estou entendendo.

LUIZINHA — Olhe, Josefa. Eu estou dizendo é o seguinte: quando uma mulher diz "eu gosto dele" e diz de todo coração, ninguém deve opor nenhum raciocínio a essa afirmativa, porque toda a resistência será inútil. Não há argumento mais irresistível. Quando a gente diz "eu gosto dele", tudo o mais deve calar.

JOSEFA — Qual. Você é igualzinha, igualzinha à sua mãe.

LUIZINHA — Infelizmente, Josefa, eu só sei que sou igualzinha à mamãe no físico, porque da sua alma, dos seus segredos eu nada sei.

JOSEFA — Mas não precisa falar com essa amargura. Muito breve você vai saber de tudo e vai aprender a dar valor à sua mãe.

LUIZINHA — Deus permita que não demore muito esse dia. Eu me sinto sempre tão afastada de minha mãe por causa desses mistérios...

JOSEFA — Bem. Você já está pronta, não é? Por sinal que está linda com esse costume azul. Vamos, então?

LUIZINHA — Vamos, Josefa. Vamos fazer as nossas compras e procurar o nosso André.

JOSEFA — Nosso? Deus me livre. Eu não queria ser dona de uma peça dessa qualidade.

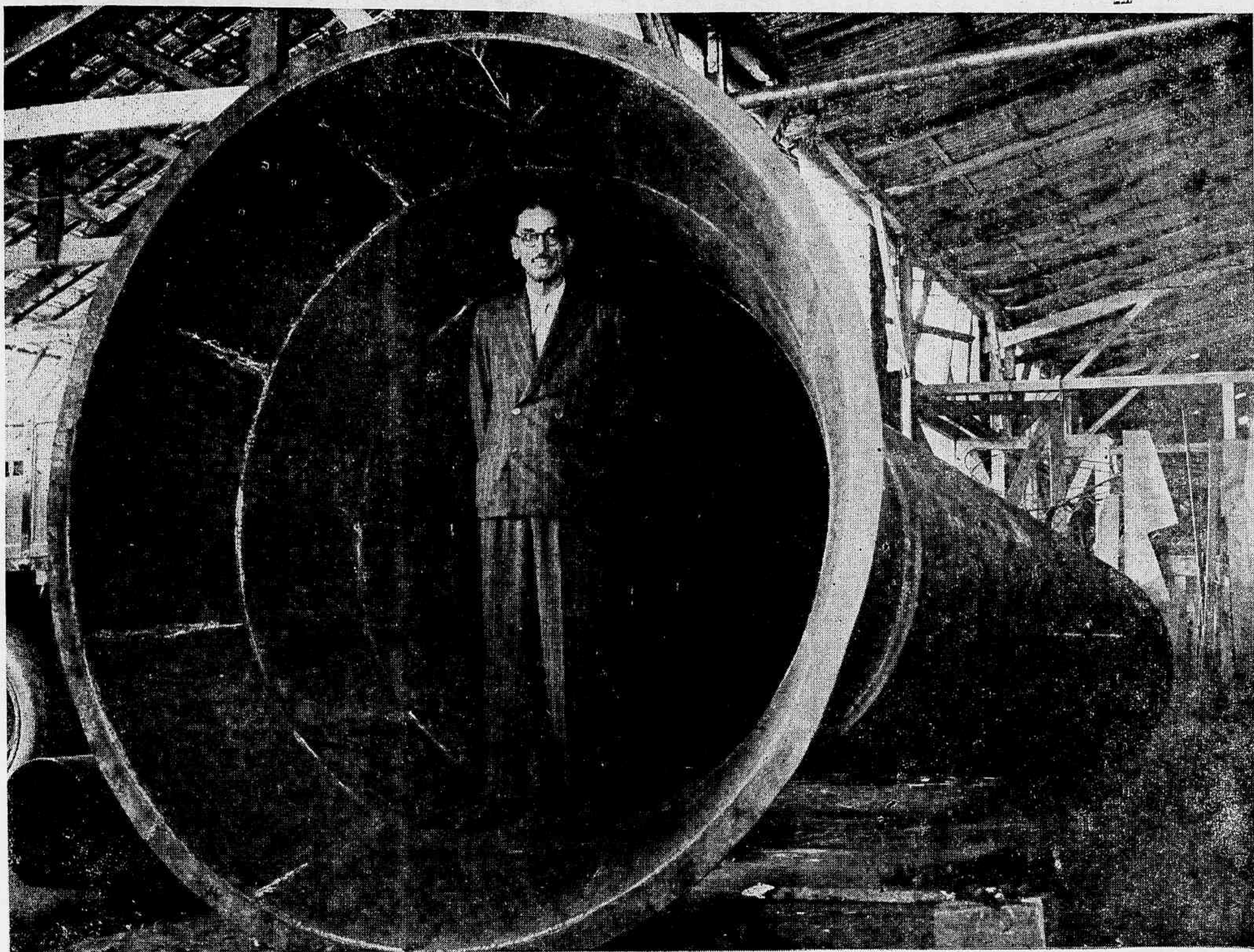
LUIZINHA (rindo) — Eu não digo, Josefa? Eu não digo que você é o meu talismã? Só você mesmo é que me faria rir.

(Música)

(Ruído de rua)

LUIZINHA — Você reparou, Josefa, como é cheirosa esta rua do Ouvidor?

JOSEFA — Sei lá. O que eu sinto é uma tontura medonha. Tanta gente p'ra lá e p'ra cá. E estes homens com cada ôlho. Hum... parece que vão engulir você.



A EMPRESA BRASILEIRA DE SOLDA ELÉTRICA LTDA., ORGANIZAÇÃO QUE HONRA A INDÚSTRIA BRASILEIRA

Uma visita aos escritórios e oficinas da grande companhia — 25 anos de bons serviços prestados ao Brasil — O sr. Manuel da Rocha Soares e sua benemérita obra

Foi das mais gratas a impressão que nos deixou a visita que fizemos recentemente às oficinas e aos escritórios da Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda., organização que vem servindo à nossa indústria pesada e ao nosso esforço de guerra com eficiência e proveito, graças aos esforços e ao dinamismo de seus dirigentes e de seus técnicos.

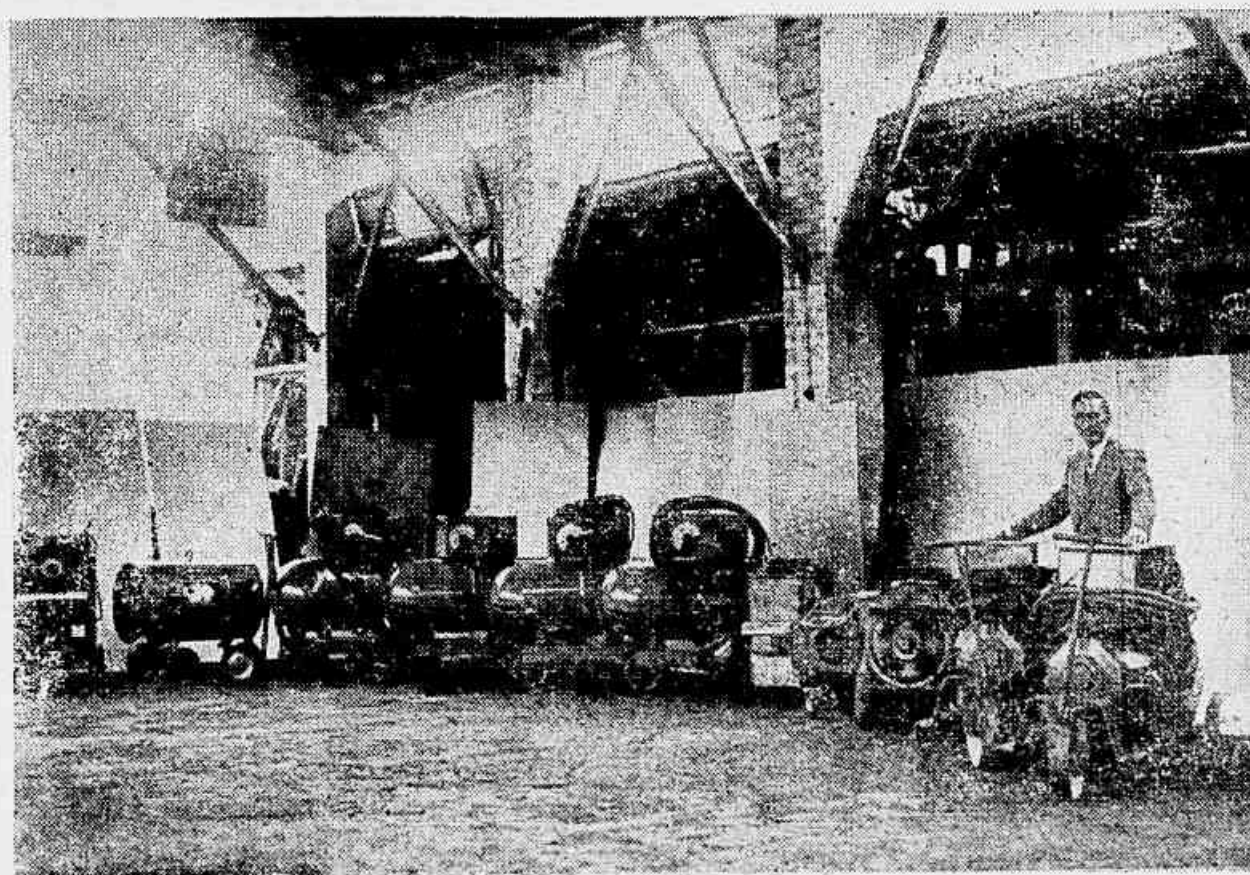
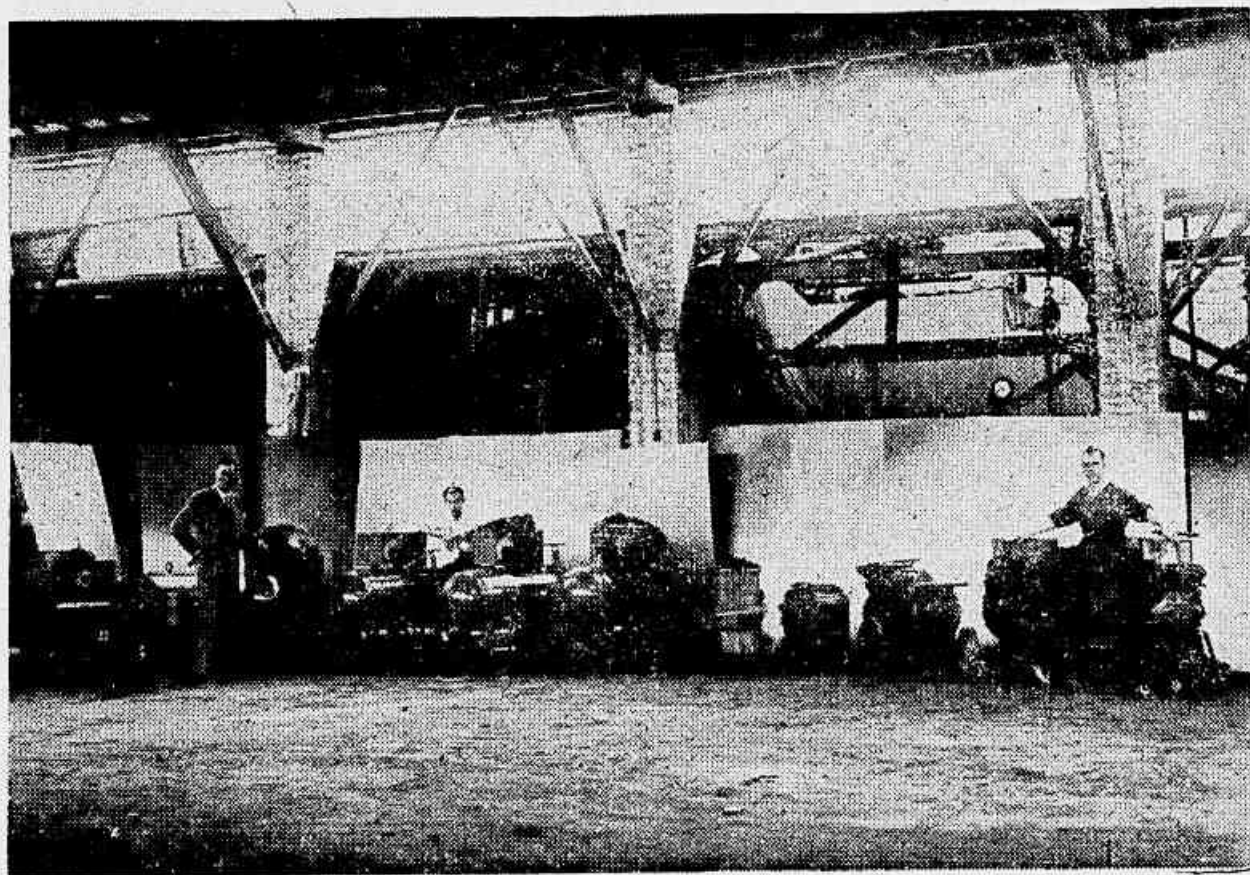
No escritório da firma, situado à rua Senador Dantas 20, 10.º andar, tivemos ocasião de palestrar longamente com os seus sócios diretores, os srs. Manuel da Rocha Soares, Guilherme Ferraz Pimentel, Carlos da Rocha Soares e José da Rocha Soares, que nos informaram sobre os trabalhos que vem elaborando a grande empresa, cuja significação e amplitude ressaltam à vista dos leigos, ao simples conhecimento de suas finalidades.

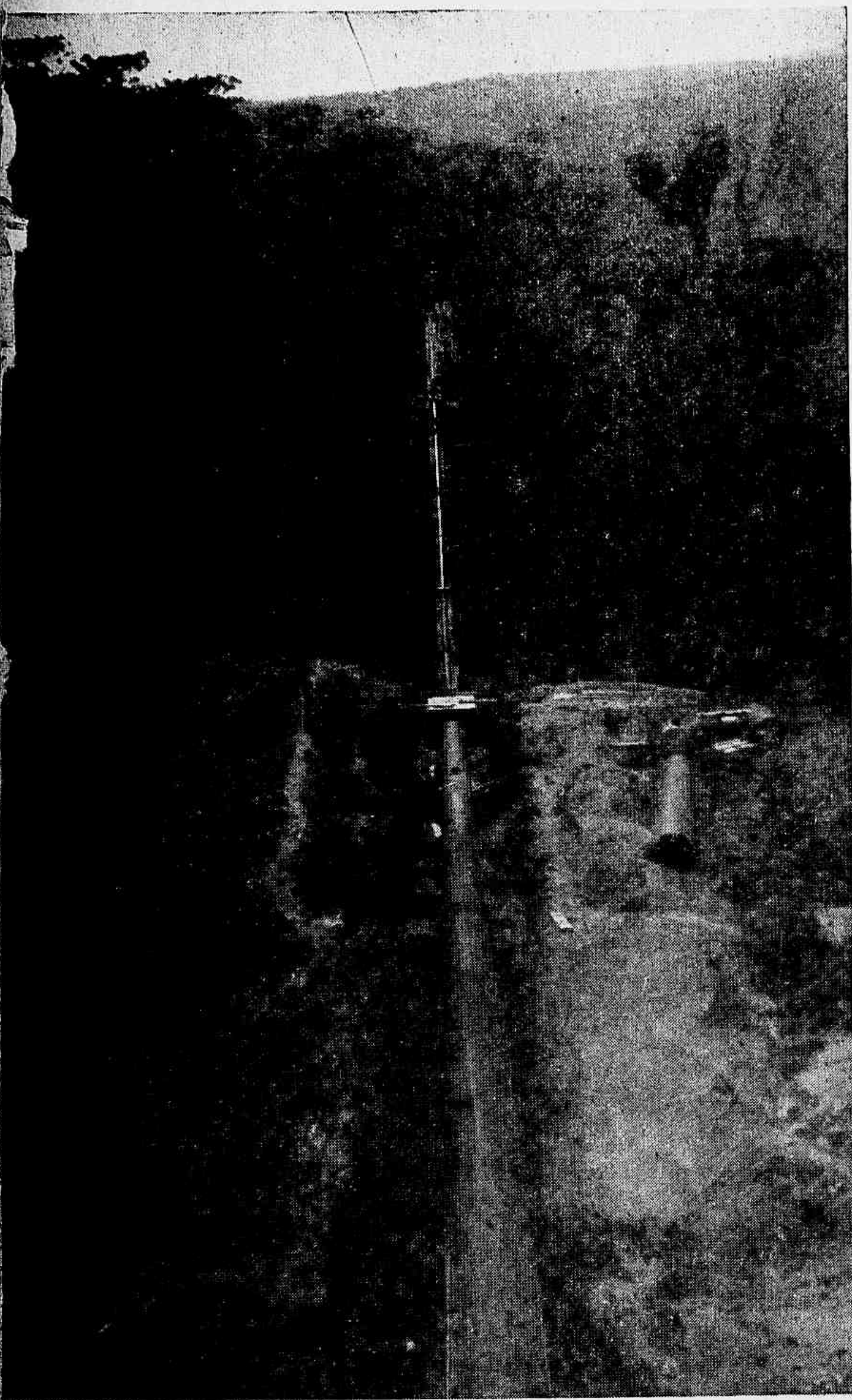
ELABORANDO PLANOS

Enquanto conversávamos com os dirigentes da Empresa de Solda Elétrica Ltda. no escritório da companhia, trabalhava-se intensamente naquela casa. Os técnicos elaboravam planos e desenhavam os projetos de obras a serem executadas pela empresa.

Observávamos atentamente o trabalho dos desenhistas e dos outros técnicos, ouvindo as explicações dos srs. Manuel da Rocha Soares e Guilherme Ferraz Pimentel, em torno dos trabalhos em que se empenha a empresa, para servir à indústria pesada e às usinas elétricas do Brasil.

— O valor da solda elétrica — informam-nos os nossos interlocutores — é extenso e múltiplo. Sem ela tornar-se-ia impos-





sível o funcionamento de muitas fábricas e o aproveitamento mais amplo da hulha branca, por isso que as tubulações, as turbinas, os tanques de combustível, os trilhos, tudo isso depende da segurança e da solidez da soldagem. Mas a soldagem depende, por sua vez, dos planos e dos cálculos que antecedem à execução do serviço. Quando nos encarregam da montagem de uma tubulação, os nossos técnicos estudam pormenorizadamente a topografia do local onde deve a mesma ser montada, desenham as suas linhas, calculam os ângulos das curvaturas e, uma vez prontos os desenhos, as plantas e as maquetes, são levados às nossas oficinas, afim de que, guiando-se por eles, os operários completam o serviço de soldagem.

NAS OFICINAS

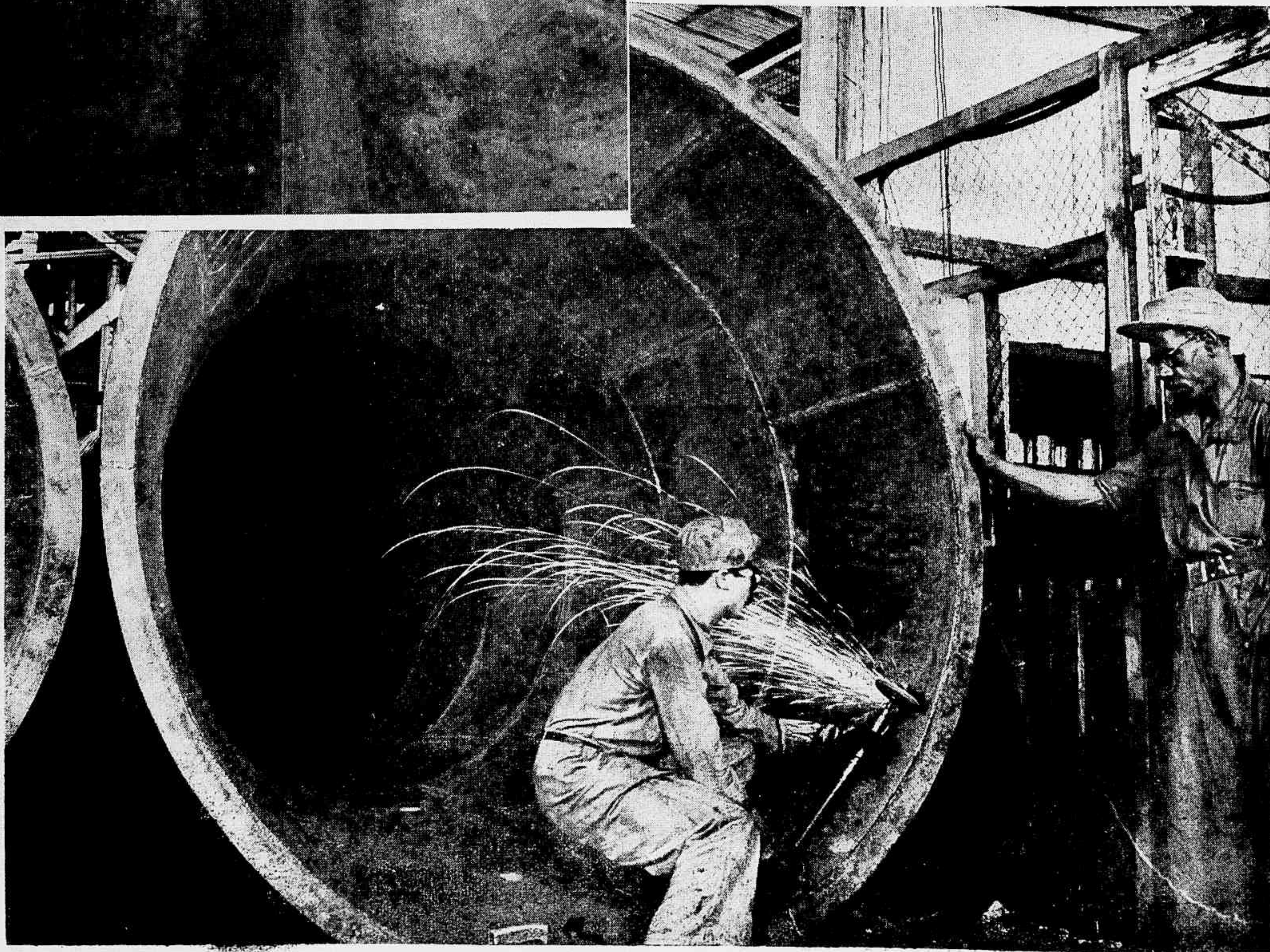
Após a nossa visita ao escritório da Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda., sucessora da antiga firma Manuel da Rocha Soares, que explorava o mesmo ramo de indústria, estivemos também nas oficinas da importante companhia, situada na praça Duque de Caxias (largo do Machado) n.º 27). Além destas, outras duas grandes oficinas possui a empresa, sendo uma à rua Uranos 1139, e outra à rua João Maratono 70, em Barra Mansa.

Na oficina do largo do Machado, embora seja ela a menor das três, foi-nos dado observar um trabalho intenso e ininterrupto de um número elevado de operários que, auxiliados pelas mais modernas máquinas elétricas, ultimavam a soldagem de uma grande tubulação, destinada a uma empresa hidro-elétrica do Interior. Com precisão e rapidez, as chapas eram soldadas umas às outras e os serviços se adiantavam a olhos vistos, o que nos dava a exata compreensão da eficiência e pontualidade com que são executados os trabalhos entregues à orientação e execução da Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda.

Os srs. Manuel da Rocha Soares e Guilherme Ferraz Pimentel observavam os serviços e iam dirigindo aos operários explicações sobre o andamento dos mesmos. De quando em vez lhes era apresentado um desenho, e se lhes solicitava um esclarecimento em torno de alguma dúvida, porventura surgida quanto à execução da obra.

Uma vez satisfeita a pergunta, voltavam os operários ao serviço, que progredia em ritmo acelerado.

Noutro ponto das oficinas, trabalhadores se entregavam à soldagem de tanques de combustível, coberturas de "capots" de automóveis e outras peças metálicas de alto ponto de fusão.



O sr. Guilherme Ferraz Pimentel nos presta novos esclarecimentos sôbre os trabalhos:

— Executamos aqui os mais variados serviços que se relacionem com solda elétrica. Empenhamo-nos em executar tubulações, tanques, construções metálicas, soldagens em geral. Trabalham aqui conosco 16 operários, fora os auxiliares. Do que fazemos melhor se inteirará o senhor, observando "di visu" o andamento do serviço. Temos, através de muitos anos de trabalho intenso, servido à indústria brasileira, não sendo pouco os trabalhos por nós executados para as usinas elétricas de vários Estados, sejam elas destinadas ao fornecimento de luz ou à manutenção da maquanaria de empresas industriais. No Paraná mesmo, recentemente, fizemos assentar uma extensa tubulação, destinada à usina geradora, que serve a uma das maiores fábricas brasileiras.

A HISTÓRIA DA EMPRESA E DE SEU FUNDADOR

A Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda. é hoje uma grande organização, conhecida em todo o território nacional, e onde se encontram obras por ela planejadas e executadas. Mas esta grande companhia representa, agora que atingiu a fama que realmente merece, o fruto do trabalho profícuo e árduo de um cidadão, que lhe emprestou todo o vigor de sua mocidade e toda a sua experiência de homem maduro.

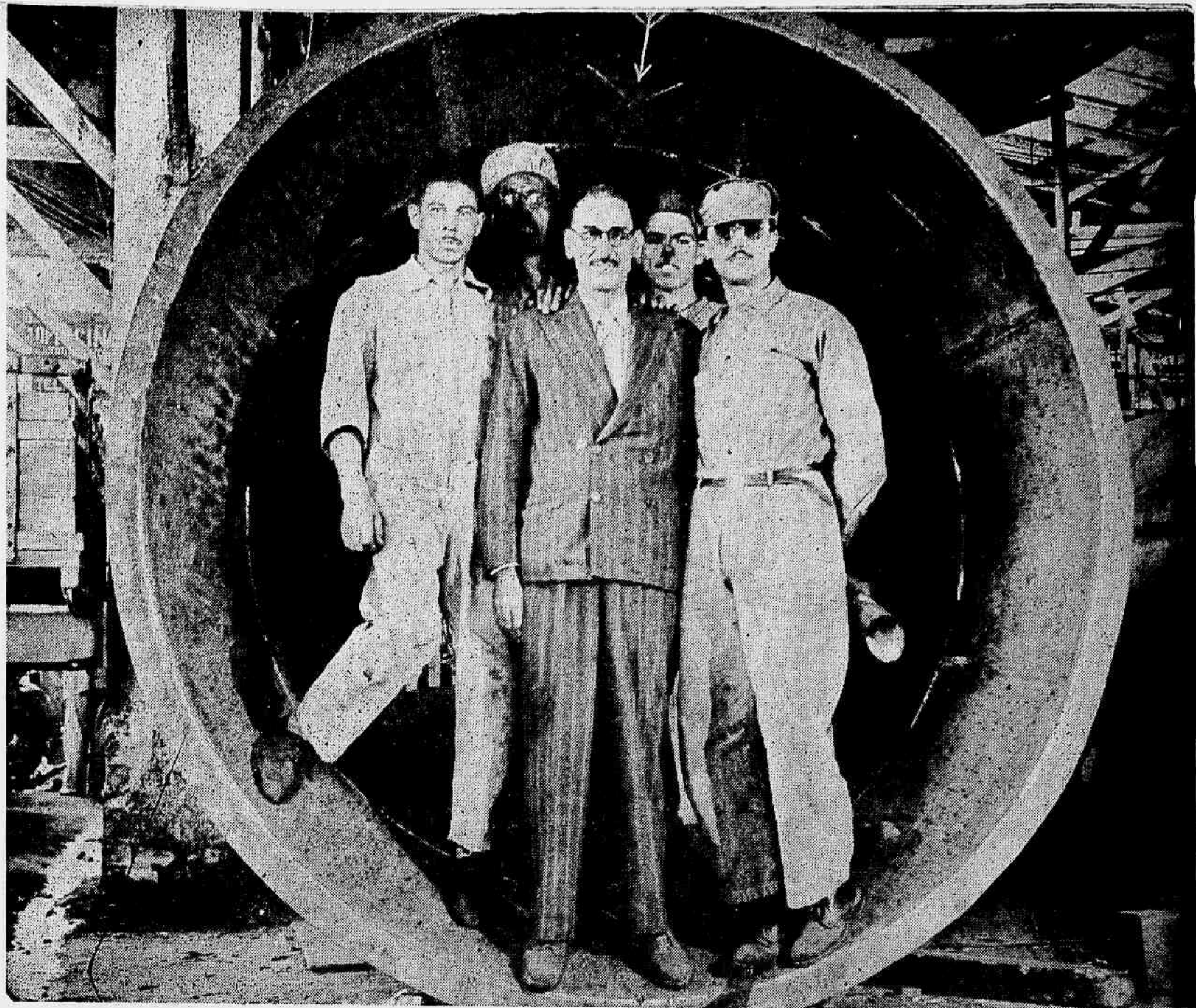
E' ele o sr. Manuel da Rocha Soares, fundador da empresa que a princípio tinha o seu nome. Em 1920 êsse dinâmico industrial fundava a firma que se transformaria mais tarde na Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda.

Empregando o melhor de seus esforços abnegados e de seu trabalho honesto nos serviços da empresa, logrou que a mesma, de vitória em vitória, conseguisse o conceito e o renome de que goza hoje em todo o país.

Filho da pátria irmã, Portugal, o sr. Manuel Rocha tem o Brasil como sua segunda terra, e a ela dedica com amor e patriotismo os seus esforços abnegados de bom cidadão e de industrial progressista.

Aqui desembarcando em 1905, êsse dinâmico e empreendedor "businessman" trabalhou desde aquêle tempo ativamente, em prol do engrandecimento do Brasil, terra que viu nascer dois filhos seus, que hoje colaboram na grande empresa por êle fundada.

A Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda. é um atestado eloquente de sua capacidade de trabalho e de sua inteligência ativa e prática. A ela deve o País muito do que se fez em prol do nosso engrandecimento industrial e do nosso esforço de guerra. Os



transportes, as usinas elétricas, as indústrias têm sido altamente favorecidos pela empresa criada pelo sr. Manuel da Rocha Soares. Há pouco fez êle uma longa viagem em automóvel movido a gasogênio, utilizando um aparelho construído em suas oficinas, pelo interior dos Estados de Minas, São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, percorrendo sem interrupção uma extensão de 65.000 quilômetros.

Entre os serviços prestados por êsse abnegado cidadão ao nosso reerguimento industrial, figura o fato de haver êle levado à usina siderúrgica de Volta Redonda nada menos de 60 operários, tendo ainda feito, em prol daquela indústria, outros trabalhos de relevância.

Assim tem sido a vida do sr. Manuel da Rocha Soares: uma sequência de bons serviços prestados ao Brasil, através da construção de aparelhos e apetrechos que servem hoje à nossa indústria, aos transportes, às usinas elétricas, à aviação.

E o seu maior serviço temo-lo no desprendimento com que pôs à disposição do esforço de guerra todo o potencial da Empresa Brasileira de Solda Elétrica Ltda., organização que honra a nossa indústria e a nossa engenharia.

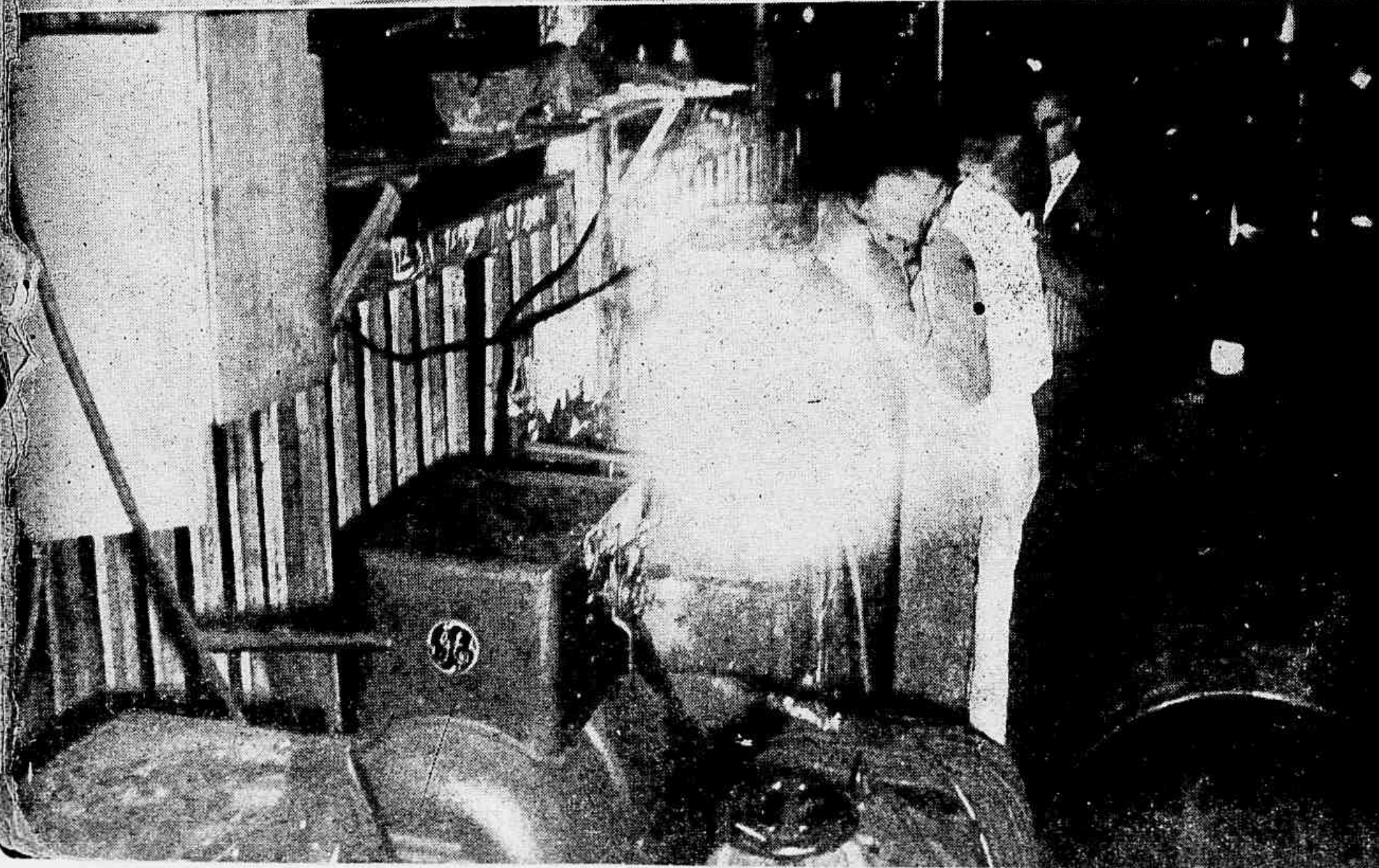
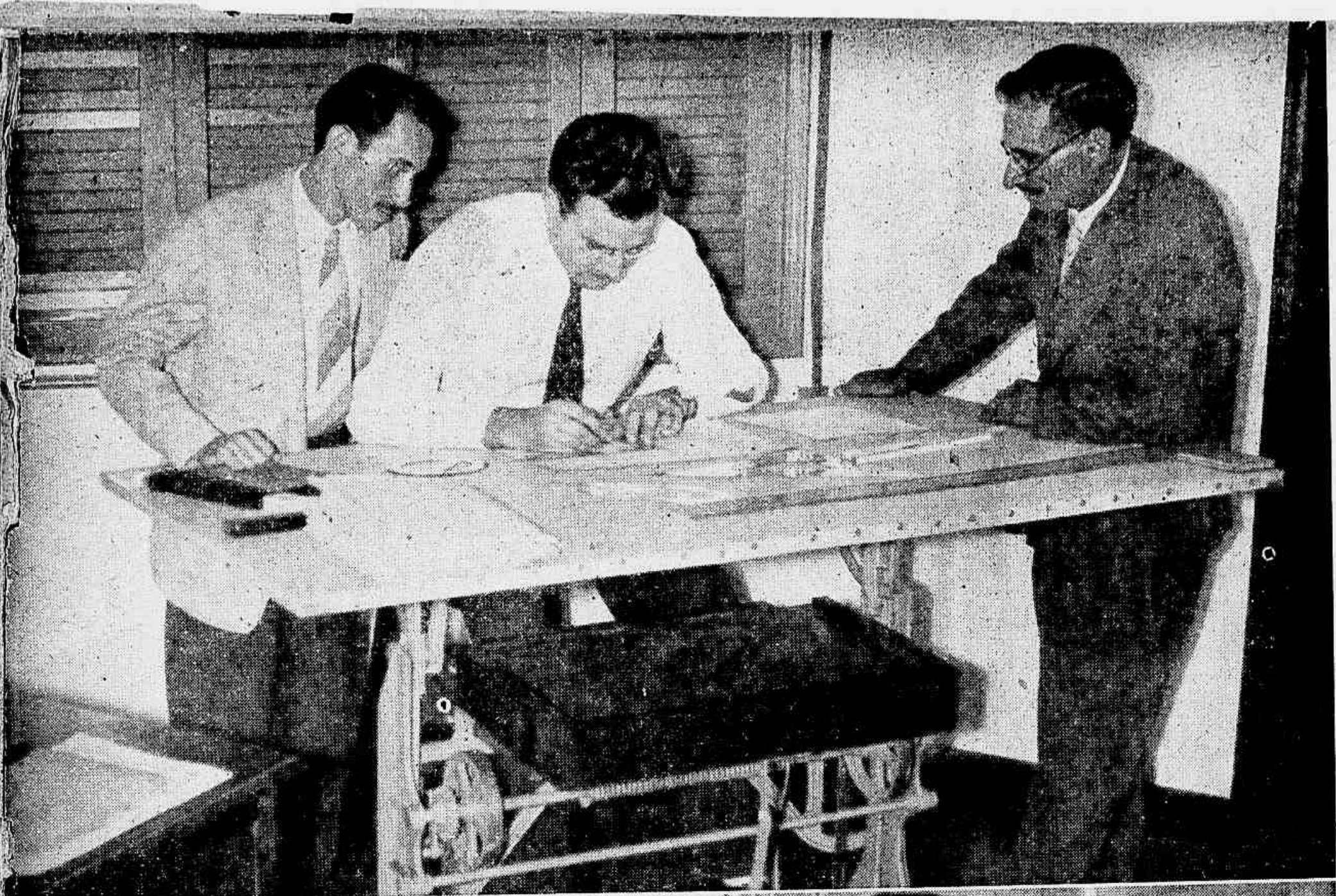
Nesta reportagem estampamos as seguintes fotos:

Na página 55: Ao alto — Um funil de usina hidro-elétrica, dentro do qual vê-se o industrial Manuel da Rocha Soares. Em baixo — Dois grupos de parte das máquinas geradoras da Empresa.

Na página 56: Em cima — Trecho de uma tubulação de 1.200 metros de comprimento por 0,91 de diâmetro, construída pela Empresa no Estado do Paraná. Em baixo — Um operário da Empresa empenhado no esmerilhamento da solda de um funil.

Na página 57: Em cima — Outro aspecto de um funil de usina hidro-elétrica, vendo-se no interior do mesmo o sr. Manuel da Rocha Soares cercado de auxiliares. Em baixo — O sócio Carlos da Rocha Soares, gerente das oficinas, indicando o trabalho de reconstituição de 3 dentes de uma corôa de trator que se considerava perdida.

Na página 58: Em cima e no centro — Nos luxuosos escritórios da Empresa os sócios Manuel da Rocha Soares, Guilherme Ferraz Pimentel e José da Rocha Soares examinam atentamente desenhos e projetos de obras grandiosas que serão executadas brevemente. Em baixo — Um operário da Empresa soldando uma mola mestra de caminhão quebrada em 3 partes.





RECANTO AGRADAVEL

Oferecemos hoje aos amantes das decorações bonitas uma interessante sala de estar. Poucos móveis são suficientes para embelezar o ambiente: um sofá, uma poltrona, uma pequena banquetta formam o conjunto de descanso; duas pequenas mesas e outro móvel maior completam o mobiliário. O chão é coberto por tapetes, e nas paredes vê-se dois quadros. As cortinas, muito bem arranjadas, dão o retoque final na ornamentação.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

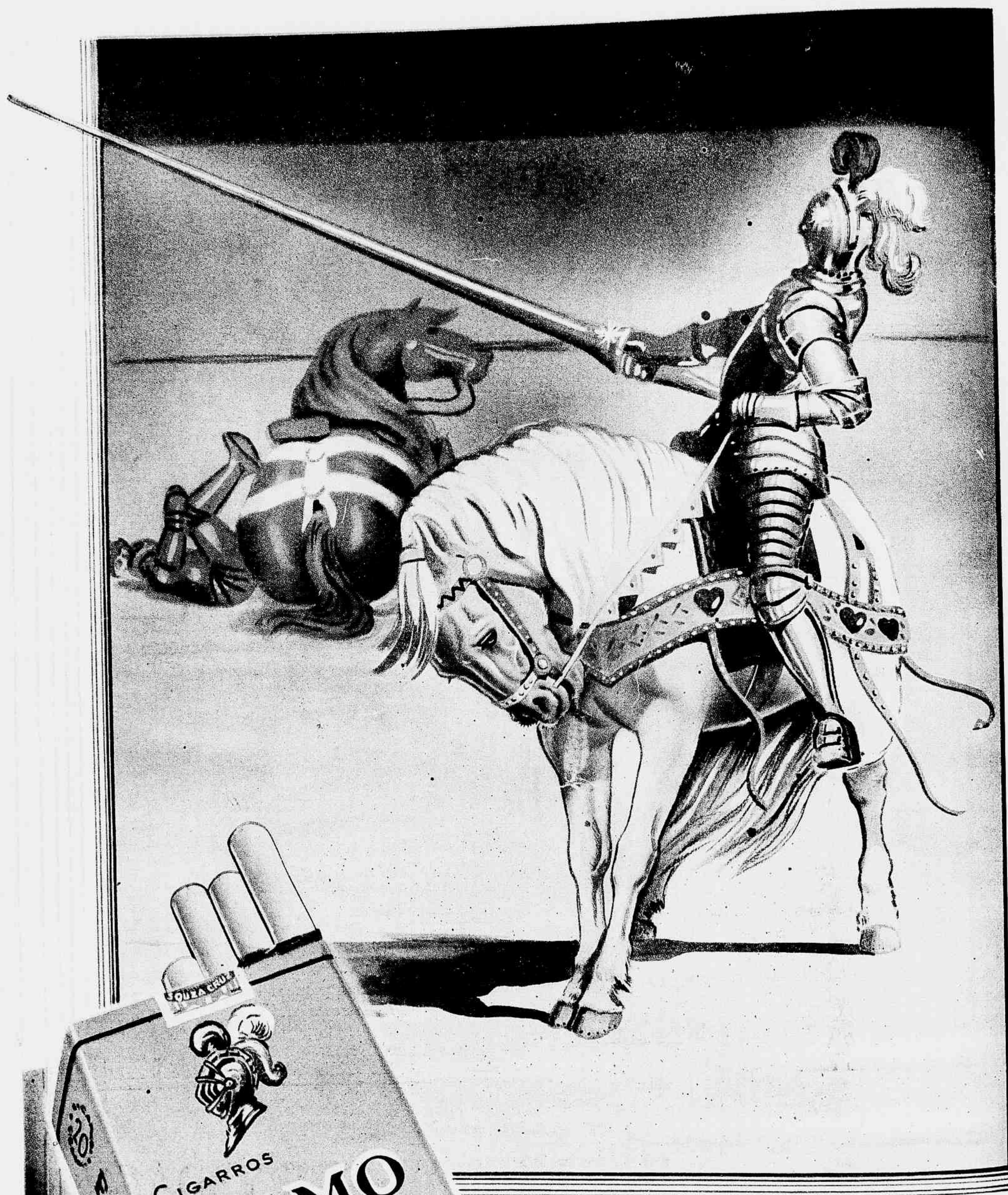
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



C^{IA} DE CIGARROS
Souza Cruz

28-7-
Nº 3

CR
1,5
EM T
O BR